



Vivianne Fair

A CAÇADORA

Sorriso de vampiro

Editora
Draco



A caçadora

Sorriso de Vampiro

Vivianne Fair

1ª edição

Editora Draco

São Paulo

2014

Vivianne Fair

(conhecida também por chefa) é carioca, trabalha com ilustrações para o Brasil e o mundo e mora atualmente em Brasília com seu filho, um crítico ferrenho de suas obras, mas que ela ama com toda certeza.

BLOG www.recantodachefa.com.br

© 2014 by Vivianne Fair



Publisher: Erick Santos Cardoso

Edição: Albarus Andreos

Produção editorial: Janaina Chervezan

Arte e capa: Ericksama, Tanko Chan (arte final) e Vivianne Fair (lápiz e cores)

Ilustrações: Vivianne Fair

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

F 163

Fair, Vivianne

A caçadora : Sorriso de Vampiro / Vivianne Fair. – São Paulo : Draco, 2014.

ISBN 978-85-8243-015-6

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5



1ª edição, 2014

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 — casa 1

Jd. da Glória — São Paulo — SP

CEP 01547-060

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

twitter: @editoradraco

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[A caçadora - Sorriso de Vampiro](#)

[1 - Título Indesejado](#)

[2 - Mudança de Ares](#)

[3 - Admirador](#)

[4 - Perigo](#)

[5 - Estranho convite](#)

[6 - Proteção a distância](#)

[7 - Segredos?](#)

[8 - Ameaças](#)

[9 - Pesadelos](#)

[10 - Rapto](#)

[11 - Ataque](#)

[12 - Revelação](#)

[13 - Desaparecimento](#)

[14 - Sacrifício](#)

[15 - Força maligna](#)

[16 - Luz do Sol](#)

[Notas](#)

A caçadora

Sorriso de Vampiro



A Deus e ao meu filho querido, que me impulsionam a seguir sempre.

Título Indesejado



“Parabéns! Você foi eleito(a) o mais novo membro da elite caça-vampiros! Em anexo estão suas instruções e o seu primeiro cheque, sem impostos. Para mais informações digite o e-mail localizado mais abaixo e informe-se sobre os novos lançamentos de acessórios para uma caça confortável e segura. Nossos atendentes estão à sua disposição 24 horas (exceto feriados).”

E aqui estou eu no caminho para Pensilvânia.

Ah, eu vou explicar. Meu nome é Jéssica, tenho 29 anos, alta, magra (me esforço, oras), ruiva e estou com um emprego novinho em folha. Se estou feliz? Não, nem um pouquinho.

Claro, tirando a parte de ser magra e ruiva. Amo ser magra e ruiva. Gostaria de ser chamada *Jéssica Rabbit*, mas infelizmente não tenho tantas curvas como ela.

Mas minha auto-estima é boa, graças a Deus.

Já ouviu falar de vampiros, certo? Ah, com certeza já, tá na moda, não é? E de caçadores de vampiros? Bom, os seriados de televisão ajudaram, acredito. Que foi? Estou soando um pouquinho sarcástica? A verdade é essa, sou uma caçadora de vampiros.

Você deve estar pensando “nooossa, que fashion” (bem, talvez seja, não parei para pensar nisso) ou então “nooossa, deve ser perigoso” (eu realmente não tinha pensado nisso) e que sou fã da Buffy e de outros seriados vampirescos de televisão. Bom, sou mesmo um pouquinho, mas não tem nada a ver com a história.

Sabe quantos vampiros matei até hoje? Vou te dar uma dica: Comecei ontem.

Isso mesmo, nenhum.

Vou explicar melhor. Até anteontem estava eu feliz e contente em minha salinha com meu monótono emprego de secretária de um contador. Bem, talvez não tão feliz assim, mas, caramba, eu tinha meu salariozinho no final do mês, pagava minhas contas, coisa e tal. E depois, eu não tinha o emprego mais chato do mundo.

Afinal o contador era meu chefe, não eu.

Enfim, minha mãe ligou-me no final do expediente, dizendo que tinha uma notícia muito séria para dar. Mil pensamentos passaram pela minha cabeça.

Ela vai se separar.

Fui adotada.

Tentou suicídio.

Tenho uma irmã gêmea que está planejando destruir o mundo em duas semanas.

Claro, minha auto-estima pode ser alta, mas acho que sou meio pessimista.

Enfim, fui direto para casa, acho que atropeliei dois gatos e entrei toda esbaforida. Ainda moro com meus pais, simplesmente porque sempre estão viajando e alguém tem que cuidar da casa durante a ausência deles. Como a preguiça comanda, pra que vou mudar e depois ter que dirigir de volta para o centro de duas em duas semanas? Sim, porque com o dinheiro que eu ganhava, ia ter que morar muito longe.

Agora eu queria saber o porquê disso.

Não o fato de eu ganhar pouco, digo, mas o deles ganharem tanto. Afinal minha mãe é professora de 1º grau e meu pai, dentista. A razão de viajarem tanto é totalmente fora de questão. Como ganham tão bem? Quer dizer, a casa é enorme, tem um quintal gigante e ganhei um pônei no meu décimo terceiro aniversário. Com lacinhos e tudo.

Infelizmente, não tive coragem de dizer que o que eu queria ganhar mesmo era uma bolsa Prada. Fiquei sabendo que o Pterówski (o nome do meu pônei) custou muito mais caro, até. Acho que vou vendê-lo se algum dia eu achá-lo no quintal. Aparentemente ele virou

um animal selvagem, pula a cerca e só volta à noite, todo estropiado. Não tenho mesmo jeito com bicho.

Bom, onde eu estava? Ah, sim.

Encontrei meu pai sentado na poltrona velha da sala. Ele tossiu.

OK. Isso é realmente preocupante. Meu pai não tosse nunca. Nunca vi nem ele nem mamãe doentes, têm uma saúde de ferro impressionante. Mas não se pode dizer o mesmo de mim. Bate um ventinho gelado e lá vem o antibiótico.

Mas, se ele tossiu, algo está errado. Ele só tosse nas seguintes ocasiões:

1– Fiz uma coisa muito errada.

2– Ele fez uma coisa muito errada.

3– Alguém fez uma coisa muito errada e o culpado ainda não foi identificado.

4– Algo está muito errado e ele está realmente zangado e pronto para matar alguém.

5– Algo muito errado que ele devia ter confessado – ou pensado – aconteceu e está muito preocupado.

Ele tossiu três vezes em toda a minha vida. As razões foram os itens um, três e quatro. Bom, identifiquei os outros dois itens com histórias da minha mãe.

Aparentemente ele pigarreou quando ela disse que estava grávida de mim, mas não vem ao caso.

O fato é que ele tossiu. Depois estendeu olhos compridos para mim e pigarreou. Ai, minha nossa, o caso é sério, pensei.

Minha mãe mordida os lábios e, em seguida, pegou minhas mãos. Tenho certeza que fechei os olhos antes de ouvir a bomba.

– Filha, você confia em nós, não é?

Bom, na medida do possível.

– Claro, mamãe! Por favor, pare com o suspense!

– É porque... tenho medo de como você vai reagir...

– É minha irmã gêmea? É o Pterówski! Ele aprontou outra, não foi? Correu atrás do cachorro da vizinha outra vez.

Ela balançou a cabeça, agoniada. Nunca tinha visto minha mãe daquele jeito.

Quer dizer, só uma, quando uma vez quebrei o dente de um menino no parquinho, mas não foi culpa minha.

Ele tomou o meu balanço. Não se engane, não costumo ser tão frívola assim.

Ele também me chamou de gorda.

Minha mãe suspirou novamente, olhou-me diretamente no olhos e soltou a bomba.

– Filha, somos caçadores de vampiros.

Pense assim, como você reagiria?

Lancei a cabeça para trás com uma gargalhada sonora e tentei lembrar o filme que passou ontem na televisão que os impressionara a esse ponto.

Depois fiquei zangada. Afinal, fiquei o tempo todo angustiada em meu trabalho e tenho certeza que atendi ao telefone duas vezes falando “Carências Débeis mentais LTDA.” ao invés de “Ciências Contábeis LTDA.” Certo, sempre pensei, mas nunca tinha falado.

– Filha, é sério – confirmou papai, austeramente – considere os fatos.

– Que fatos? Você é dentista! Por acaso extrai dentes de vampiros também?

Ele emudeceu e eu nunca soube a resposta.

– Filha – ela insistiu – nunca achou estranho mudarmos de endereço tantas vezes?

– Mamãe... que eu saiba mudamos para cá quando eu tinha nove anos. E nunca saímos daqui.

– Er, bem, está certo. É que somos muito discretos.

– Vocês dois precisam de tratamento. Acho que um terapeuta familiar iria ajudar.

Papai deu uma risada amarga. Deve ter tido péssimas experiências com isso, imagino. Bom, chegue para seu terapeuta e diga: “Minha mulher e eu somos caçadores de vampiros e estamos cansados de nossa rotina. O que você sugere?”

Eu sugeriria internação imediata.

– Querida, mostre a ela.

A primeiríssima coisa que pensei seria que minha mãe mostraria uma coleção de dentes de diversos tamanhos guardados numa

caixinha de veludo. Depois pensei em uma coleção de cabeças de vampiros escondida em algum lugar do porão.

Olha, podia até ser possível. Porão é como um aposento da Idade Média, cheio de coisas velhas e impensáveis. Pode-se encontrar desde um livro de bruxaria 1ª edição até o jogo do *Jumanji*.

A única coisa que até hoje não encontrei lá dentro foi um marido.

Mas não, ela mostrou um álbum cheio de caras gatos. Um mais lindo que o outro. Muito, muito brancos, umas olheiras que os fazia parecer que usavam maquiagem, mas lindos de morrer. Ela apontou cada um deles e foi falando com uma voz tão calma e tão cheia de certeza que começou a dar medo.

– Matei. Matei. Ah, esse matei mesmo. Matei. Esse matei com vontade! Esse... querido, fui eu que matei esse?

Ele levantou-se, puxou o livro das mãos dela e virou a cabeça para o lado.

– Não, não, esse fui eu. Você matou o da esquerda.

– Ah, é verdade.

– Vocês estão realmente me assustando! Parem com isso!

– Não precisa se preocupar, querida – disse papai, calmamente – eles existem apenas para matar seres humanos. É tradição de nossa família caçá-los.

– Que mané tradição! E a tia Eduarda?

– Caçadora.

– Tio Luís?

– Caçador e garçom nas horas vagas.

– Tio Mário? Tia Helena? Tia Bethe?

– Caçador. Caçadora. Cozinheira. E caçadora nas horas vagas.

– Isso é mentira! – sacudi a cabeça, indignada comigo mesma por ter levado aquilo a sério por algum momento – Não tem graça e estou exausta. Vou dormir e vocês parem de assistir filmes de terror. Amanhã vou acordar cedo e acho bom pararem com a palhaçada desde já.

Saí da sala muito irritada.

Falemos sério. A piada já estava durando tempo demais.

Subi ao meu quarto, tomei banho e atirei-me na cama. A primeira coisa que faria no dia seguinte seria marcar um psicólogo para os

meus pais.

Ai, que vergonha! Se o pessoal do escritório soubesse disso!

Bom, não que me dessem muito valor mesmo.

Mesmo que não existam vampiros, mortos-vivos devem haver. Afinal eu era uma. Indo ou faltando, as pessoas no trabalho não davam por minha falta, a não ser quando precisavam dar um recado ou perguntar se fulano ou sicrano foi para a reunião.

Bem, não que mortos-vivos de verdade não chamassem atenção, mas você entende o que quero dizer.

Massageei minhas têmporas e fiquei perguntando se loucura era hereditária. Talvez fosse. Já tinha tido vários pesadelos com vampiros, mas só acreditava mesmo em aliens. E pra mim isso já era muito.

Ouvi batidas na porta. Nem respondi, minha mãe nunca esperava que eu permitisse a entrada mesmo. Ela abriu a porta devagar, segurando uma pequena trouxinha.

– Lembra disso?

Eu levantei e sentei-me ao lado dela na beirada da cama. Ao descobrir a trouxa, percebi que era meu belo vampirinho de pelúcia, que larguei desde a época em que tinha me tornado adolescente.

– Draculinho!

– Você vivia agarrada nele – comentou ela, meio desanimada – eu o tinha feito bem feio para que você o detestasse, mas não foi o que aconteceu.

Eu ri. Mamãe tinha feito esse vampiro no meu sexto aniversário, e todos os meus amigos morriam de medo dele. A minha mãe em si já causava um certo pavor. Não que ela seja feia, mas ela tem um ar meio tenebroso, sabe, como se fosse uma mulher maligna por baixo daqueles olhos escuros profundos. Tinha cabelos negros mesmo, que escorriam até a cintura, e adoravelmente magra. Sempre a achei linda, mas todos na escola tinham medo dela, até meus professores.

Se você assistiu *Família Addams*, ela era a própria encarnação da Morticia.

Só que cozinhava muito bem, graças a Deus.

– Mas olha esses olhinhos vermelhos! E essa boquinha com dentes de plástico! É tão meiguinho...

Mamãe balançou a cabeça com um ar de mistério.

– Esses dentes não são de plástico.

Depois que ela tinha dito isso, passei os dedos neles e realmente constatei que não eram mesmo de mentira. Que raio de material era aquele? Resina?

– São de verdade. De um vampiro de verdade.

– Mamãe...

– Esse vampiro invadira seu quarto enquanto você era ainda um bebê. Seu pai e eu lutamos antes que ele a alcançasse e conseguimos. Desde então, quis que você já os odiasse antes mesmo de crescer. Então eu fiz Draculinho pra você e pus os dentes como um amuleto. Mas – ela deu um suspiro desapontado – eu não tenho talento para bichos de pelúcia...

– Mas é uma gracinha! – protestei.

– Esse é o problema! – depois balançou a cabeça – Pense nisso, Jéssica. De onde mais eu poderia retirar dentes tão compridos assim?

Ela saiu e me deixou refletindo. Fiquei passeando os dedos pelo boneco. O pior é que muita coisa que ela tinha dito fazia sentido e ao mesmo tempo não. Vampiros? Que coisa absurda!

No meu íntimo, entretanto, eu tinha a esperança que fosse verdade. Minha vida era tão monótona. Meu trabalho era monótono. Meus ex-namorados, todos monótonos. Meus pais enlouquecendo era preocupante demais. Acreditar neles parecia ser até razoável.

Pelo visto loucura é mesmo hereditário.

Sentei na frente do meu laptop e digitei “vampiro” na tela do computador. Sabe que existem sites até bem especializados a respeito disso? Muitas verdades, muitas mentiras. Sinceramente, para mim era tudo mentira mesmo.

Depois comecei a me questionar a respeito de tudo. E lobisomens? E mulas-sem-cabeça? E sacis? E políticos cumpridores de promessas? Será que tudo era lenda mesmo ou devia haver alguma centelha de verdade a respeito de alguma coisa? Tenho certeza que vi uma sereia na lagoa há muito tempo atrás.

Ou então foi num desenho animado. Devia estar com uma taxa de açúcar altíssima depois de ter entrado naquele cereal rosa cheio de

glicose.

Outra batida na porta. Não precisei responder, como sempre, e papai entrou. Estava carregando uma maleta dessa vez. Eu estava me sentindo um detetive de livros de ficção: as pessoas descarregavam em mim milhares de pistas absurdas enquanto eu tentava buscar uma coisa conexa entre elas.

– Acho que isso vai tirar todas as suas dúvidas.

Mamãe ficou na porta do quarto, olhando com interesse. Talvez estivesse pensando: “quem sabe ele dê mais sorte do que eu?”

Eu abri a caixa e meu queixo caiu. Nunca tinha visto tanto dinheiro na minha vida.

– De onde...? Vocês são ladrões de banco??

Aí está uma coisa mais plausível de acreditar.

– Caçadores de vampiro ganham muito bem. Somos respeitados, querida. Esse foi só pelo último.

– Q-quê? Pai, tem milhares de dólares aqui! Temos que entregar esse dinheiro para as autoridades!

– Por Deus, Jéssica – gritou ele, irritado – pare de acreditar que seus pais sejam dois lunáticos e nos dê um pouco de crédito!

– Eu disse pra você que devíamos ter contado a ela quando ainda era uma adolescente. Teria achado o máximo – intrometeu-se mamãe, esbanjando sabedoria.

– Mas ela ia achar também que tudo seria um mar de rosas – discordou papai, franzindo as sobrancelhas – e a vida não é assim. Caçar vampiros não é assim.

– Isso... isso tudo...

– Jéssica, não estamos loucos. Esse dinheiro não foi roubado de nenhum banco. Os dentes de vampiro que estão no seu boneco são de verdade. O que mais você precisa para acreditar em nós?

– Uma boa dose de uísque... – murmurei para mim mesma enquanto deitava na cama.

Ele suspirou. Depois disse algo que marcou a minha noite e minha vida de uma vez.

– Se você não quiser aceitar o fato, pode ir para o seu trabalho amanhã como se nada tivesse acontecido. Viver sua vida simples de secretária, se é o que gosta de verdade. Ou então dar uma reviravolta

e mudar, aceitar a próxima missão do Conselho e embarcar para sua primeira caçada e nadar em dinheiro.

– E comprar um monte de roupas chiquérrimas para corresponder ao seu status – acrescentou mamãe, eufórica.

Eles saíram em silêncio. Devo admitir que tudo aquilo mexeu comigo. Principalmente a parte de comprar roupas chiquérrimas. Claro, nadar em dinheiro também me agradou muito.

Se eu aceitasse tudo aquilo, poderiam acontecer duas coisas: ou eu ia e provava a mim mesma que a vida pode ser mais do que esperamos dela ou provar para eles que terapia ainda é uma ciência muito utilizada. De qualquer forma... ah, o que eu tinha a perder?

Bom, além do meu emprego.

E supostamente minha sanidade.

No dia seguinte pela manhã, levantei-me na hora costumeira para ir ao trabalho. Não precisava nem de despertador para isso mais. Fui ao banheiro, lavei o rosto e passei algum tempo fitando-me no espelho. A conversa de ontem ainda ecoava na minha cabeça como as imagens de um filme meio confuso, cheio de ideias distorcidas. Tipo aqueles de carnificina, que o monstro/vilão/assassino mata todo mundo porque enterraram o pirulito que ele mais gostava no quintal quando ele tinha apenas cinco anos. Enfim, tudo parecia estar fazendo um pouco de sentido.

Exceto a parte do pirulito.

Fitei meu Draculinho em cima da cama, jogado. Devo admitir que sentira falta dele, mas reparar agora naqueles dentes que supostamente poderiam ser de verdade me assustavam.

Abracei-o. E se aquela história toda fosse realmente verdade, quem sabe eu até poderia arrumar um namorado? Quer dizer, um que corra para me proteger se algo sair errado em minha caçada e mate o vampiro em meu lugar? Iam ser dois homens lindos lutando por mim, o vampiro e meu futuro marido. Ah, porque joguei fora meus DVDs de *Buffy*, *Angel* e *Charmed*? Esse último nem é sobre vampiros, mas tem caras gatos lutando por mulheres bonitas.

Acho que estou carente. Minha idade não é fácil.

Eu desci as escadas meio morta-viva, caindo de sono. Murmurei um mal-humorado “bom dia” e sentei meio apagada na mesa do café. Papai folheava o jornal e mamãe fazia panquecas.

Quer dizer, eles eram tão normais!

Bom, é o comentário que as pessoas fazem quando seus vizinhos sociopatas são presos após a descoberta de um crime bárbaro envolvendo o quintal da casa.

Mamãe sorriu pra mim e estendeu as panquecas, agindo como se nada tivesse acontecido. Papai virou uma página do jornal.

Suspirei. Odeio meu quintal.

– Certo. E se eu topar o que pode acontecer? Quem vai me dar o dinheiro? E se eu não encontrar nada?

Papai fechou o jornal e deu um sorriso largo. Mamãe sentou-se animada.

Para pessoas que fingiam não ter acontecido nada, estavam nadando de expectativa.

– O Conselho paga todas as despesas. E já mandaram um cheque.

Eu arregalei os olhos.

– Mas... eu nem topei ainda.

– Vai topar quando vir o cheque – disse mamãe, categoricamente.

– De qualquer forma – continuou papai – se você aceitar, as despesas são todas pagas, antes, durante e depois. Se não pegar o vampiro, não tem problema; se pegar, vai ganhar um bônus de acordo com a periculosidade... digo, a fama do seu vampiro caçado. No seu caso é tranquilo, o que você tem que caçar chama-se Eric, e ele é vampiro há pouco tempo, nem deve ter muitos poderes ainda.

– Mas eu não sei nada...

– Não se preocupe, o Conselho tem um manual.

Não é engraçado? Quer dizer, imagino as etapas: “primeiro segure a estaca bem alto e certifique-se que o vampiro está bem posicionado...”

Ela me entregou um envelope amarelo com meu nome, de onde eu tirei uma carta de recomendações – a que você viu no princípio – e um livrinho escrito: “como ser um bom caçador” com um vampiro muito assustador bem desenhado na capa, cheio de sangue.

Suspirei. Não tinha muita coisa a perder mesmo.

Hum, fora as coisas que já mencionei, trabalho e sanidade.

– Bom, acho que posso tirar uma licença no meu trabalho por um mês, mais ou menos.

– Então pode partir já.

– Partir? Pra onde?

Mudança de Ares



E aqui estou eu, no caminho para Pensilvânia.

Como topei tão rápido?

Foi fácil. Como mamãe mesmo disse, eu iria topar quando visse o cheque.

Naquela tarde tive um banho de loja, recebi inúmeras instruções muito malucas a meu ver e pedi dispensa do meu trabalho alegando estar com uma doença altamente contagiosa.

Já não me bastava ser ignorada; agora vou ficar na boca do povo, imaginando sabe-se-lá-o-quê teriam inventado sobre como eu poderia ter contraído essa doença. Sabe como é, não tive tempo de pensar em nenhuma enfermidade popular e devo ter dito algo como lepra ou antraz. Algo ruim o suficiente para que não me ligassem de volta por um bom tempo.

E por que para Pensilvânia? Sei lá, por que rima com Transilvânia, talvez?

Mas a universidade da Pensilvânia é mais em conta, acho. Nem sei se na Transilvânia tem faculdade, oras.

Embora tente imaginar se *Conde Drácula* fosse um vampiro formado.

Sim, já tenho diploma. Por que isso, então? Bem, parece que o vampiro anda às voltas nessa tal universidade e meu objetivo é localizá-lo, caçá-lo e voltar pra casa. Sim, vou ter que parecer uma jovem adolescente, talvez na faixa dos dezenove anos e enganar a todos.

A vantagem é que eu tenho uma cara bem novinha. Quem me olha sempre se surpreende quando digo que estou quase nos trinta.

Não estou exagerando, poderia até mesmo passar por dezoito. Nunca havia considerado isso uma vantagem, afinal, só moleque dá em cima de mim. E gosto de homens mais velhos, sabe.

Não demorou muito e eu já estava na estação, carregada de malas e nenhum cavaleiro à vista. Olhares curiosos, sim, mas só isso.

Não podia ficar hospedada com ninguém, devido à minha estranha e recente atividade, então meu único passo era ficar hospedada na própria universidade. Dirigi-me para lá ajudada por um taxista sorridente, ainda mais por me ver carregada de bagagem e sabendo que eu deveria pagar um taxa extra por isso.

Não foi difícil encontrá-la.

Enorme e linda, sem dúvida. Senti-me na adolescência outra vez. E também um calafrio por lembrar vários fatos que ocorreram durante essa fase nojenta.

Não me perguntem como, mas já esperavam minha chegada. O diretor veio receber-me em pessoa, discretamente, mas minha nossa, era o diretor! Esse tal de Conselho era realmente eficiente, não?

Não, de forma alguma ele sabia que estava lidando com uma caçadora de vampiros, muito menos que havia ao menos um na universidade. Vampiro, digo. O que foi dito a ele era simplesmente que eu era filha de um embaixador – sabe lá Deus qual – e também excêntrica. Assim todos os meus atos estranhos estariam mais do que justificados, não? Até que gostei da ideia de ser uma pessoa excêntrica.

Melhor do que louca.

O melhor ainda foi ter um quarto só pra mim. Já estava até me habituando com a ideia de ter que dividir meu espaço com alguma adolescente que provavelmente tiraria sarro de meu sotaque e traria um bocado de suas colegas para ficar fumando ou tagarelando até altas horas. Mesmo que lá não fosse permitido.

De fato, sou uma pessoa paciente. Até certo ponto, porque sou de carne e osso, pelo que me consta.

Meu quarto era bem arejado, uma cama larga e forrada com colcha rosa, cortinas de seda branca decorando altas janelas e possuía uma bela vista de todo o campus. Um jardim belíssimo

figurava logo em frente e eu podia sentir forte o perfume das gardêneas. Um armário de cedro grande – ótimo para por a enorme quantidade de roupas que já tinha comprado por conta – um criado mudo com abajur, um banheiro lindo, largo e todo azulejado com branco e rosa... e imagine! Um frigobar! Tinha até *toddyinho* dentro! Nossa, ainda melhor que um quarto antigo que tive em Londres.

Sem contar que tinha sol. Outro ponto ao meu favor.

O que acontecia com os vampiros se eles realmente fossem expostos à luz? Mamãe não contou. Se eles simplesmente morriam, não era mais fácil localizar o quarto do cara e abrir a janela? Melhor ainda, podia ser feito de dia!

Incrível como tudo parecia ser fácil.

Acho que meu subconsciente está querendo me matar.

Tratei de arrumar logo minha bagagem e separar todas as roupas novas que iria usar. Afinal, que graça tem ser uma caçadora de vampiros se não posso me aproveitar da situação?

Abri a carta que minha mãe colocou na mala, com votos de boa estadia, um lanche de pasta de amendoim (que raios...?), e uma descrição do vampiro que devia encontrar. Loiro, meio baixo, cabelos curtos, olhos claros – na verdade meio assustadores de tão claros – e, com certeza, muito pálido. E com cara de quem usa muito delineador.

Bem, era só procurar um homem que a maioria considerasse gay e as meninas morressem de amores.

Como ainda me restava algum tempo até que o sol se pusesse, resolvi dar uma volta pelo campus. Senti calafrios ao lembrar-me que teria que estudar outra vez, mas, como era só por pouco tempo, podia fazer de conta que estava aprendendo.

E quem sabe, talvez realmente aprendesse algo.

As aulas já haviam começado há umas três semanas, então estava realmente atrasada na matéria. Tinha que fazer amigos logo. Você sabe, para poder copiar o dever e tal.

Matriculei-me em todas as aulas possíveis noturnas e que supunha que um vampiro quisesse fazer. Assim, biologia, estudo de células, DNA, história antiga e talvez até um pouco de literatura para

passar o tempo. Todas as matérias que eu detestava, na verdade. Deve ser horrível ser vampiro.

De repente, todo o dinheiro que estava ganhando nem parecia ser tanto assim.

Eu realmente pagaria para não ter que assistir aula alguma.

Até que tinha uns caras meio gatinhos no campus. Triste saber que não eram da minha faixa etária, mas pelo menos eu ainda recebia umas olhadelas. Torcia que fosse porque ainda sou bonitinha e não por parecer mais velha. Ninguém ainda que se parecesse com o vampiro, mas acho que estava um pouco agoniada. Não eram nem seis horas ainda.

Uma garota de cabelos negros até os ombros e óculos redondos, saia xadrez curta e blusa preta apareceu correndo feito uma motocicleta desgovernada, me atropelou e acabou caindo junto com todos os seus livros no chão.

Bem, eu posso ter até o porte de uma adolescente, mas não sou tão fraca como uma. Nessa ela ficou em desvantagem.

– Puxa, você é bem fortinha, hein? – disse ela sorrindo, endireitando os óculos com uma das mãos enquanto a outra tateava em busca do material – Sou conhecida por sempre derrubar todos na universidade, mas fico feliz de ver que dessa vez não vou ficar com peso na consciência. Afinal, só eu caí, né?

– Desculpe – respondi, agachando-me para ajudá-la – sou nova aqui. Eu devia prestar mais atenção.

– Oh, sim, vai ser difícil desculpá-la por não ter caído quando eu a atropelei – ironizou ela, endireitando novamente os óculos que lhe dançavam na face estreita – Meu nome é Estela, e o seu?

– Jéssica – respondi animada, feliz por já ter alguém pra conversar antes que pirasse de vez. Ou um álibi.

– Perdeu bastante aula, né? Não se preocupe, se quiser eu posso te ajudar.

– Puxa, obrigada, mas não devia se importar muito comigo, sabe, eu me viro... não quero incomodar.

– Não é nenhum incômodo – respondeu ela, tentando desajeitadamente organizar os livros caindo nos braços – tenho certeza que minhas amigas vão gostar de você.

- Por que acha isso?
- Você tem um cabelo lindo.

Ela continuou andando establanada e seguiu-a com os olhos enquanto a mesma atropelava um casal mais para frente. Não era hora de trocar aqueles óculos?

Pelo menos ela achava meu cabelo lindo.

Definitivamente estava na hora de trocar aqueles óculos.

Percorri uma boa parte do campus, mas com certeza era maior do que eu esperava. Encostei-me a uma parede e percebi que ali ficava a maior parte dos horários das aulas, pelo menos arrumava alguma coisa para fazer por cinco minutos. É, eu sei, deprimente, mas não consigo ficar parada.

Senti um puxão forte nos meus cabelos e cheguei a torcer a cabeça pra trás. Fiquei tão irritada quanto assustada ao perceber que era aquela morena atropeladora de antes.

- Viu? É de verdade!
- O que raios você pensa que está fazendo?
- Desculpa, Jasmine, mas...
- Jéssica – corrija, meio seca.
- Tanto faz. É que a gente achou o máximo sabe? Aí chamei a minha amiga Dine e daqui a pouco a Sofia chega também.
- Ela também vai puxar meu cabelo? Qual o problema de vocês?
- Desculpaaa – disseram as duas juntas, num gesto exageradamente cômico.

Por Deus, se o vampiro for adolescente também, acho que eu vou me matar antes de cumprir minha missão.

Francamente, não tenho vocação pra tia de ninguém. Pior é que sempre me deixo levar.

Dine era um pouco mais alta, com cabelos castanhos escuros, com um estilo quase como os de Estela, mas bem compridos. Tinha olhos verdes e um rosto bem risonho. Trajava uma blusa com uma figura engraçada de desenho animado.

- Você também gosta de anime?
- Eu gosto de quê?
- Você sabe, desenho japonês.

Ah, meu Deus. Elas eram nerds.

Então eram inofensivas.

– Hum, não, não curto desenho animado.

– Aaahhn – disseram as duas juntas, em outro gesto igualmente cômico.

– Seu cabelo ia ser o máximo para uma peruca de *cosplay*!

– Uma o quê?

– Você sabe, *cosplay*. Somos *cosplayers*, pessoas que se vestem e interpretam igual ao personagem, de preferência anime... mas pode ser filme também.

Ser nerd devia estar na moda, pensei. Agora virei ídolo das meninas porque tinha a cor de um cabelo perfeito de *cosplay*. Mas considere que isso poderia ser de grande ajuda.

– Tem caras bonitos nesses desenhos? – arrisquei – Aqueles lindos que parecem perfeitos demais para ser de verdade?

Elas esboçaram sorrisos tão grandes que eu podia jurar que mais um pouquinho escapariam do rosto.

– Ai, tem um monte! Eu gosto dos de cabelo comprido! – respondeu Estela.

– Eu gosto dos magrinhos carentes! – replicou Dine.

– Sei... então... tem algum cara tão bonito aqui no campus que nem parece de verdade?

Tenho certeza que os olhos delas brilharam. Acho que de tanto verem desenhos elas iam acabar virando um.

Talvez duas gigantescas folhas de acetato.

Elas entreolharam-se e guincharam.

– O Zaaack!

Droga. Não era o vampiro.

Pelo menos não o que eu procurava. Será que por acaso eu tive a má sorte do vampiro que eu comecei a caçar ser o único que não fosse bonito, oras?

– Não tem outro? Talvez um chamado Eric?

– Ah, tem um monte! O Edward, o Richard, o Zeca, o...

– Não, eu digo Eric. Não tem nenhum cara meio pálido chamado Eric?

Elas entreolharam-se novamente.

– Não, o cara mais lindo do mundo e mais pálido que a gente conhece é o Zack...

– Hum, ele é pálido, é?

Seria possível que o Conselho tivesse errado?

E depois, por que estou tão espantada? Afinal, conheço esse tal de Conselho há cerca de dois dias, e francamente, contrataram uma caça-vampiros que só tem coragem de matar uma barata se ela não for muito grande. Qualquer um pode errar. Até mesmo uma organização que tem mais de 800 anos de existência.

– Como ele é?

– Huum, a novata quer saber como ele é, Dine!

– Acho que ela está pensando em ficar com o cara mais difícil da universidade, Estela!

Eu estava com vontade de esganar Dine e Estela.

– Apenas me digam, porque eu estou tentando achar o meu... primo, é isso. Eu me mudei e soube que ele estuda aqui.

– Mas ele se chama Eric ou Zack?

– Ah, eu não sei o nome dele direito...

– Não sabe o nome do seu próprio primo?

Pensei em pedir um aumento. Nem como secretária de contador eu tive uma vontade de matar tão grande como essa.

– Por que tantas perguntas? Por que não respondem de uma vez? Como ele é? Loiro, cabelo curto, pálido, olhos muito claros, baixo?

– Quase... ele é tudo isso, mas é na verdade alto e com cabelos escuros.

Mais um erro da organização. Estava começando a me sentir frustrada. Será que o cheque tinha fundos?

Certo, tinha. Só queria parecer mais dramática.

– Ele é sem dúvida o cara mais lindo da universidade? Quer dizer, aqui é bastante grande...

– Ele tem um fã-clube! – especificou Estela.

– Garota, vai por mim, o cara é de matar.

Isso foi mais do que suficiente. Sem dúvida ele devia ser de matar. Para eu matar, quero dizer.

– Onde posso encontrá-lo?

– Mas você vai direto ao ponto, hein? – riu Estela.

– Só digo se você for assistir anime com a gente – especificou Dine.

– Ah, pelo amor de Deus, eu...

Parei.

Bom, eu tinha que ser um pouco mais paciente. As duas pareciam saber bastante a respeito. E depois, aparentavam gostar tanto de desenho que não negariam um plano meu para capturar o cara, julgando serem jogadoras de RPG ou coisa assim.

– Certo, eu topo. Mas só uma vez.

– Aí depende do anime, né? Tem anime que tem uns 50 episódios.

– Não tem nada mais curto? – desesperei-me.

Uma olhou pra outra e comentou algo que parecia ser OVA, ou então devia ser OVNI, acho.

Então ficou marcada uma sessão de anime no quarto da Estela para o dia seguinte. Ao menos fiquei sabendo de alguns hábitos do tal Zack. Só era visto à noite, vivia em silêncio, não tinha amigos, era seco com todos e só tirava nota máxima em todas as matérias sem nem assistir às aulas, o que comprovava que já devia ser um veterano.

Aí está nosso vampiro, senhoras e senhores!

O Conselho pode errar, mas eu não.

Não que eu tenha acreditado em vampiros até hoje, mas vi todos os episódios de *Buffy* e *Angel*. E li e reli *Entrevista com o Vampiro* umas quatro vezes.

Elas disseram que o principal hábito de Zack era passar a noite na biblioteca umas duas vezes na semana. Nas outras ele sumia. Infelizmente isso era meio aleatório. Eu tinha que dar sorte.

Quer dizer, eu estava em uma universidade numa cidade desconhecida, fazendo de conta que era adolescente, caçando algo que eu nunca acreditei que existia, contratada por um tal de Conselho que tinha um bando de dicas furadas e descobrindo que recentemente meus pais já trabalhavam nisso há anos (incluindo toda a minha família).

Não era bem de sorte que eu precisava.

Terapia seria mais conveniente.

Se bem que com o dinheiro que eu ia receber, podia pagar o melhor terapeuta da cidade.

Cara, acho que vou dar muito trabalho para ele.

Já estava anoitecendo e as meninas já haviam partido há algum tempo. Decidi ir para o quarto e pôr um novo modelito. Afinal, eu era uma caça-vampiros e tinha todo o direito. Pensar nisso, na verdade, era tudo o que me alegrava nessa hora.

E que eu estava longe do meu escritório.

A primeira aula de biologia começara e eu ainda estava acertando os detalhes do meu vestido de camurça vermelho. Graças ao Conselho agora finalmente tinha uma bolsinha Prada, mas devo admitir que me bateu uma certa saudade do meu pônei Pterowski.

Ah, sei lá, ninguém no mundo pode me condenar por sentir falta do meu bichinho de estimação. Mesmo que ele tenha virado um animal selvagem.

Quando cheguei à sala notei que estava cerca de quinze minutos atrasada e por mais que achasse que não tinha nenhuma obrigação de chegar cedo numa aula de universidade, sendo que já era formada, senti um arrepio percorrer a espinha. Eu tinha que fazer de conta que era uma adolescente não diplomada e sujeita a levar uma bronca do professor no meu primeiro dia de aula. Quer apostar quanto que o vampiro não está na minha classe?

E, se estiver, com certeza vai me achar uma idiota por já pagar mico no meu primeiro dia e nem vai me levar a sério quando ameaçá-lo.

Acho que estava ficando mais pessimista ultimamente.

Minha nossa, meu tratamento vai ficar caro.

Respirei fundo e abri a porta da sala com um empurrão e tropecei no umbral ligeiramente na hora que entrei. De qualquer forma, fiz uma entrada espetacular. Todos olhavam pra mim, do jeito que imaginei quando estreasse como uma caça-vampiros.

Infelizmente não do jeito que esperava.

Estava linda no meu modelinho de camurça e botas altas, com um corpinho que suei muito para manter. Para minha frustração eu era a única vestida como patricinha rata de shopping ou a mais encantadora sobrevivente do naufrágio do Titanic na hora da festa.

Todas estavam em seus trajes de universidade. Como devia ser. Camiseta, jeans, tênis, no máximo um vestido florido para quebrar a rotina. Um rabo de cabelo atrás.

Nunca me odiei tanto em toda a minha vida. No que estava pensando?

O professor ia dizer alguma coisa na hora em que entrei, mas deteve-se. Acho que o mico que paguei naquela hora já foi humilhação suficiente. Também deve ter sido dito a ele que eu era uma filha de embaixador excêntrica.

Excêntrica, não louca – fazia questão de repetir a mim mesma.

Caminhei por entre risinhos espaçados e sentei-me perto da janela, mais ao fundo. Olhei em volta da sala. Como imaginei, ele não estava lá.

Mas as nerds estavam. E deram acenos para mim, que retribuí com um sorriso sem graça.

Como eu desejava que ele estivesse ali, tivéssemos uma sangrenta batalha e eu perdesse tanto sangue que morreria logo depois dele. Assim morreria como mártir, não como uma completa idiota.

Claro que não desejava morrer, francamente. Só naquela hora.

A lista de presença passou e corri os olhos por ela. Havia um Zack realmente naquela lista, mas pelo visto só apareceu no primeiro dia e nunca mais. Para decepção das garotas na sala, com certeza, que deviam ter se matriculado só por causa dele. Dava para ver que os olhos delas reviravam quando o professor dizia: “virem a próxima página, por favor”.

Bom, eu não era muito diferente delas.

Mas eu tinha motivos menos éticos, acho.

Relembrei tudo sobre DNA e afins, mas senti que perdi um tempo precioso. Mal acabou a aula e as duas meninas rodearam a minha mesa, querendo me apresentar a terceira componente de seu grupo maluco de nerds.

Por falar nisso, elas disseram que preferem ser chamadas de *otakus*, parece que é algo como “viciado(a)” em japonês. Parece que o feminino de *otaku* é *otome*, mas elas preferem o masculino mesmo, vai entender.

Mas não estranhe, eram viciadas mesmo apenas no Japão. Devo admitir que até eram engraçadas. E tinham tantas coisinhas de uma tal bonequinha chamada *Pucca* que cheguei a querer uma também.

De qualquer forma, não pareciam muito alienadas. Estavam bem antenadas apesar de tudo, a única diferença é que trocavam as botinhas *Prada* e perfumes *Chanel* por desenho animado e jogos de videogame.

Espero não me demorar por muito tempo, a ponto de desejar os homens dos desenhos animados ou jogar RPG ao invés das minhas roupas de grife.

Se bem que, de uma certa forma, estava cansada de gastar dinheiro.

Não que virar *otaku* me faria parar de gastar dinheiro.

Só terapia.

Certo, eu sei que se gasta muito dinheiro em terapia, mas quando ela acabasse...

Ao menos eu espero que sim.

Que ela acabe, digo.

Logo no fim da aula elas reuniram-se à minha volta, fitando-me com curiosidade. A terceira componente chamava-se Sofia, como Estela tinha me dito antes, e nunca vi alguém que ria tanto e repetia tanto “kawaii” (palavra japonesa para “fofo” ou algo assim). Era baixa como Estela, mas seus cabelos eram quase loiros, olhos bem claros e abertos e parece que vivia com um sorriso no rosto.

De qualquer forma, acho que fui eleita a nova mascote delas.

Fomos para a lanchonete enquanto elas me deixavam a par de todos os episódios de animes que podiam lembrar. Esforcei-me para ouvir o assunto das patricinhas da mesa ao lado, sobre algum acontecimento estranho recente, mas sem sucesso. Parece que o ponto mais importante era a nova roupa de uma tal Luciana e que o namorado gatinho da Júlia trocou ela por outra.

De súbito, o assunto da minha mesa pareceu ficar mais interessante.

– É o que eu tô dizendo! – dizia Dine, energicamente – O hospital continua sendo atacado e os jornais não divulgam! É igualzinho o episódio 53!

– Opa, desculpa aí – interrompi, ardendo de curiosidade – você disse hospital? Mas por que alguém atacaria um hospital? Não houve mortes?

Ela sorriu, alegre por ter prendido novamente minha atenção.

– Parece que houve algumas sim, muito estranhas, mas longe do hospital. Mas essas a TV anda divulgando. A vítima aparece com duas marcas próximas e praticamente sem sangue no corpo.

As três juntaram as mãos alegremente e gritaram cantando alegres.

– Vampiiiiiro!!

– Como vocês podem ficar tão contentes com uma coisa dessas? Eles estão matando gente!

– Mas eles são tão sexys! – respondeu Dine, excitada.

– E misteriosos! – acrescentou Sofia.

– E liindos! – gritou Estela.

Senti corar de vergonha com aqueles gritinhos atraindo tanta atenção, mas sei que faria a mesma coisa na idade delas. E agora, ainda por cima, eu carregava um título que as faria delirar de animação. Mas não poderia revelar sem as pôr em perigo.

Uau, isso soava tão importante.

As patricinhas da mesa ao lado pareceram interessar-se na conversa também, mas não estavam com uma cara lá de animação. Algo mais como desprezo, acho.

No fundo, eu comecei a achar toda aquela situação muito divertida.

– Você tinha dito que andaram atacando o hospital, não foi? – quis continuar a conversa – Mas será que isso não tem alguma ligação? Talvez queiram eliminar alguém que esteja internado lá ou algo assim.

– Nós ainda não sabemos... mas vamos descobrir! Não é, Estela?

– Isso aí, Sofia!

– Mas por que todo esse interesse, afinal? – estranhei toda aquela empolgação, curiosa – Quer dizer, isso tem a ver com algum projeto?

Elas me olharam como se eu fosse alienada.

– Como assim? – retrucou Sofia, espantada – Porque é o máximo!

– Totalmente RPG!

– É da hora!

– Ahn... então vocês se interessam por histórias estranhas, misteriosas e coisas do tipo para ficarem parecidas com jogos de RPG e esses personagens de desenho?

– Claro! Vivemos no mundo real, não é?

Certo. Por mais que eu quisesse rir dessa frase nem eu mesma sabia em que tipo de mundo estava mais.

– Sabem... já que vocês gostam de aventura que tal eu propor uma no estilo de... RPG?

Lá estava o brilho nos olhos de novo. Cara, se eu pudesse desenhar bem ainda assim nunca conseguiria traçar aquelas expressões.

– Vai falando!

– Que tal fazermos de conta que esse tal Zack é um vampiro e o ficarmos seguindo pra ver o que ele tem o hábito de fazer e depois ficar mandando mensagens anônimas para o fã-clube dele? Vocês sabem, só de brincadeira.

Elas deram as mãos umas às outras e soltaram novos gritinhos excitados.

– Vai ser o máximo! – concordou Estela, animada – A gente nunca sabe onde ele está e vai ser demais seguir os passos dele!

– S-sim, mas só por brincadeira, viu? – eu disse, meio preocupada com a animação das garotas – Vamos só informar umas às outras onde ele está, anotar hábitos estranhos e só isso, certo?

– Sim, chefa! – gritou Sofia, levando uma das mãos à testa, num gesto de soldado exagerado e levando algumas pessoas das mesas ao lado rirem discretamente – Tudo o que a senhora falar!

As outras repetiram o gesto.

Agora as pessoas já não riam tão discretamente assim.

Como podiam ser tão parecidas, afinal? Será que todas as mulheres *otakus* eram assim? Se fossem, eu teria um medo terrível de conhecer os homens *otakus*.

– Então, minhas súditas, como iremos proceder?

Já estava falando como elas, ai meu Deus.

Meu futuro terapeuta vai ser um cara muito rico. Só espero que o Conselho possa pagar.

Putz, eu tinha mesmo que matar o vampiro.

O bônus começou a soar como uma coisa muito necessária.

Uma delas puxou o que parecia ser um walkie-talkie. Elas sempre estavam preparadas para tudo, não?

– Esse é seu, chefe! O nosso está lá no quarto.

– Vocês sempre carregam isso?

– Sei lá, pode sempre surgir algo interessante de repente... a gente já tem o hábito de comunicar umas às outras.

– Ahn... certo... Nunca ouviram falar de celular?

Elas entreolharam-se.

– É mesmo, né? Passa o seu número.

No que eu estava me metendo?

– Então, amanhã, sessão de anime. E você, chefe, vê se usa algo mais discreto. Não precisa parecer um *cosplay* o tempo todo.

Misericórdia. Agora elas sentiam que eu as envergonhava?

– Não se preocupe, chefe, a gente vai saber tudo sobre seu primo.

– Meu o quê?

– Seu primo, você sabe... Zack!

– Ah, sim, claro, meu primo.

Eu tenho que me lembrar constantemente das histórias que invento. E depois evitá-las, lógico. O que diriam se me vissem matando um membro da família?

A sessão de anime no quarto de Estela não foi tão ruim assim. Na verdade foi bastante divertido. Os caras que elas chamaram eram legais e alguns um pouco mais femininos do que eu, mas tudo bem. Nenhum gatinho deu em cima de mim, contudo, mas não que eu me importasse. Talvez um pouquinho, mas não muito.

Quer dizer, eu tinha idade para ser tia deles.

Uma tia novinha, magrinha e bem jovem.

Mas ainda assim podia ser chamada de tia.

Queriam já marcar o dia da próxima sessão para o dia seguinte, mas dessa vez eu estava fora. Domingo, dia de missa.

Sim, sou bem católica. Talvez por influência de meus pais, mas acredito que fosse mais por opção mesmo. Quer dizer, sinto uma

segurança muito grande quando estou ali dentro, como se nada no mundo pudesse me atingir.

Se tudo o que eu ouvi sobre vampiro for verdade, de fato ali ele não poderia me atingir também.

Que vontade de passar meu quarto para dentro da igreja, mas não acho que o padre ia apreciar muito a ideia.

Quando anoiteceu no dia seguinte, pus uma roupa muito mais discreta, logicamente, e segui meu caminho, fora da universidade, tentando encontrar alguma igreja por perto. Não foi tão difícil, mas senti-me pela primeira vez sozinha, numa cidade estranha. Ficar longe de todo o falatório me fez perceber que não está tudo tão bem assim.

Meus pais estavam longe, o Conselho me parecia uma grande furada e estava sem ajuda nenhuma, a não ser que você queira considerar algumas adolescentes que acreditam que desenhos podem misturar-se à realidade.

Como se eu tivesse direito de dizer alguma coisa.

E se tudo aquilo fosse piração dos meus pais?

Se fosse uma maneira de me forçar a mudar de vida? Eles tinham essa maneira de se comportar às vezes. Meus namorados sempre recebiam um questionário sobre ‘qual seriam suas intenções’ por correio e papai justificava-se dizendo que eu devia estar agradecida por ele não usar métodos tradicionais, ou seja, cercar o cara em casa, mandá-lo educadamente sentar-se no sofá enquanto me espera terminar de me vestir e apontar uma arma ou um atizador de lareira para o cara e pedir que fosse mais específico em relação a essas mesmas intenções.

Bom, eu sou agradecida.

A brisa leve e fresca batendo em minha face trazia uma certa tranquilidade em todo aquele dia agitado. Minha vida virara de ponta cabeça e em nenhum momento eu tinha parado para raciocinar. Tinha alguma coisa errada nesta história, não?

Na verdade para mim a única coisa realmente certa era de que eu ainda continuava magra e ruiva.

Isso se eu não tivesse um colapso nervoso e começasse a comer chocolate e pintasse meu cabelo para não ser mais reconhecida.

Ao menos eu ainda pareceria um personagem de anime.

A igreja era humilde, mas muito bela. O campanário era extenso e me sentia em casa outra vez. Quer dizer, posso até parecer meio careta para as pessoas ao meu redor, mas não tem ninguém que me entenda tanto quanto Deus em pessoa.

E se algo der errado nessa caçada eu vou realmente conhecê-Lo em pessoa.

Então é melhor começar a agradá-Lo.

As pessoas amontoavam-se, em sua maioria, humildes, recatadas, rodando e enchendo as cadeiras dos dois lados do corredor frente ao altar. Era realmente triste não conhecer ninguém. Fiquei até com saudades daquelas velhinhas implicantes que se sentavam nos primeiros bancos, falavam da vida alheia e cantavam tão alto que parecia que achavam que Deus era surdo. Mas Ele não é, garanto.

Ele também ouve quando falamos mal das pessoas, tias.

Peguei um dos folhetos, dei uma olhada rápida para saber o tema e sentei-me mais atrás, sentindo-me meio tímida.

Durante a homilia – para quem não sabe é a parte da missa em que o padre passa algum tempo explicando as leituras lidas antes – tive um vislumbre rápido de um homem de cabelos escuros sentado numa árvore do lado de fora dos vitrais, no jardim da igreja. Ele sumiu quando olhei outra vez, tão rápido que pensei ter tido uma visão.

Sim, sei o que você deve estar pensando, mas estou muito nova para ter visões de homens maravilhosos sentados a minha espera ou coisa assim.

Pelo menos não durante a missa.

Quando saí devo admitir que me senti um pouco temerosa. Estava bem escuro e ainda era uma boa caminhada até a universidade outra vez. As pessoas dispersavam, seguindo cada um seu caminho, e em pouco tempo já não havia pessoa alguma ao meu redor. Os sinos começaram a badalar, indicando que já eram oito horas da noite. Ninguém indo para o mesmo lado que eu, já que a universidade ficava em um lugar mais afastado, ao menos para eu seguir à sombra.

Apertei com força o crucifixo de madeira que carregava no pescoço e suspirei. Se eu tinha medo de caminhar um pouquinho não iria muito longe nessa caçada.

Por falar nisso já fazia algum tempo que não conversava com meus pais. Diziam que não era bom dar na vista, então me mandaram uma mensagem por e-mail.

Nunca pensei que receberia mensagens de minha mãe por correio eletrônico, sério. Ela que sempre confundiu site com e-mail e me perguntava por que meu nome não tinha “www” na frente e que raios de ‘a’ tão engraçado era o símbolo @.

Sem contar que ainda pensava que se ela digitasse qualquer coisa no teclado seria em *capslock*, sem pontuação e sem sentido, algo como: OI FILHA SEU PAI ESTA PREOCUPADO QUEREMOS SABER NOTICIAS SUAS BEIJOS ME LIGA.

Mas na verdade a mensagem estava bem certinha e me deixou desconcertada:

“Olá, minha querida

Seu pai e eu estamos muito contentes de ter você em nossa linhagem de caçadores. Informe-nos se qualquer coisa estranha acontecer e não se esqueça de manter contato, mas de forma discreta. O Conselho agradece muito a sua participação.

*Beijos,
Mamãe”*

Sem contar que ainda estava em duas cores diferentes e com a palavra “Conselho” sublinhada. Que mais segredos eles ocultaram de mim por tanto tempo?

Será que sou adotada?

Será que na verdade somos assassinos de pessoas hemofílicas?

Será que tenho uma irmã gêmea que planeja destruir o mundo em duas semanas?

Certo, eu sei que já tive esse mesmo pensamento antes, mas ele não sai da minha cabeça.

Voltando ao e-mail, lembro-me de que tive que segurar um riso quando li “informe-nos se qualquer coisa estranha acontecer”.

Assim, o que realmente eles poderiam considerar estranho?

“Ah, papai, desculpe, ele era lobisomem e não vampiro. Eu o matei, será que tem algum problema?”

Ou então:

“Mamãe, manchei minha blusa com o sangue do vampiro que matei. Será que se eu esfregar com água quente a mancha sai?”

Eles deviam mandar uma lista do que é estranho de verdade. Porque eu mesma já não sabia mais.

Eu vinha pelo caminho pensando nessas coisas e percebi que já estava bem escuro antes de chegar à universidade, já que alguns postes de luz pararam de funcionar do nada assim que passei – coisas que costumam acontecer quando você já está um pouco impressionado com alguma coisa ou um filme que assistiu – mas engoli meu medo e fui.

Senti uma presença estranha. Os pêlos do meu corpo arrepiaram-se e minha boca secou.

Será que minha mãe falava sério quando ela disse que todos na minha família tinham um dom para sentir a presença dos vampiros?

Agora a ideia de ter sido adotada já não soava estranha.

Apertei o passo e ouvi um sussurro, mas não tentei desvendar o que podia ser. Segurei com firmeza a cruz de madeira outra vez e segui. A voz parecia querer alcançar minha alma; congelar meu sangue, talvez.

Acho bom não fazer isso, viu? O sangue vai ficar intragável, pense bem!

Parei e olhei para trás. Um morcego deu um rasante na minha cabeça e abaixei apavorada.

Deus, como eu queria que fosse o *Batman*!

Comecei a correr deliberadamente pelas ruas fazendo clop-clop com meus sapatinhos de salto, uma típica vítima bem vestida de filmes de suspense.

Ah, se eu estivesse de TPM! Meu perseguidor ia se arrepender amargamente do dia que nasceu.

Ou morreu, tanto faz.

Assim que avistei as luzes da universidade, senti como se fosse uma corredora de maratona e deixei a rua e o que quer que estivesse

nela, muitos metros para trás. Entrei como um foguete pelo portão e encarei os olhos arregalados do porteiro na entrada.

Ele provavelmente ia me pedir algum tipo de identificação ou algo assim, mas a primeira coisa que fiz foi apontar um dedo ameaçador pra ele e gritar:

– Não esqueça que sou excêntrica! – e entrei.

Bem, como diz uma amiga minha, a diferença entre excentricidade e loucura é que excêntrico é um louco rico.

Faz bastante sentido já que agora estou nadando em dinheiro.

Bem, quase. Só faltava cumprir minha missão. Que, provavelmente, deveria ser no dia seguinte.

Não foi.

Aliás, nem no outro. E no outro.

Comecei a achar que embarquei numa furada.

Na verdade comecei a me achar uma idiota completa. Caí na piada mais ridícula da minha vida. Vampiros! Meus pais me pegaram direitinho, admito. Até pesquisei na minha cabeça em que mês estávamos para conferir se não caí em um conto de primeiro de abril.

Passei a achar até que esse tal de Zack nem existia.

As meninas insistiam que sim; inclusive Sofia fez questão de embarcar no fã-clube dele para obter mais informações. Recebeu uma espécie de bordado identificador para acoplar no uniforme e ganhar alguns privilégios. Tudo o que fez, entretanto, foi confeccionar um par de orelhinhas pretas para combinar e prendeu-o numa bandana, amarrando-a na testa.

Eu não gostava muito de ser vista com ela, admito. Parecia uma boneca.

Até que finalmente o dia fatídico chegou.

Admirador



Na aula de literatura recebi uma mensagem da Estela no meu celular. Dizia claramente que ali estava a minha grande chance.

“Jessi, Zack na biblioteca. Corre lá e arrasa, garota! Bjs Estela”

Certo, eu tinha que arrumar uma desculpa qualquer e sair. Para piorar eu já tinha chegado atrasada na aula porque havia dormido mal e perdi a hora. Sabe, pesadelos.

Sonhei que estava sendo perseguida pelo meu chefe numa viela escura e do nada ele se transformava em lobisomem. Daí latia, abanava o rabo e eu jogava um pedaço de pau bem longe para poder escapar. Mas o pau acertava a cabeça do meu professor de biologia e ele se transformava em um alien destruidor de planetas. Para encurtar a história, o mundo todo era destruído e só o vampiro escapava.

Ora, não reclame. Pesadelos não fazem mesmo sentido.

Atire a primeira pedra quem nunca sonhou com o presidente tomando chá na sala de estar da sua casa. Ou caindo de um lugar bem alto. Você, não o presidente.

Todo mundo sonha que cai de um lugar bem alto, nem disfarce.

Ah, já sei, o pior pesadelo de todos: sair andando pelado por algum motivo aleatório e ter que ficar se escondendo dos outros na rua. Esse é de lascar.

Bom, onde eu estava? Ah, sim. A desculpa.

Ergui o braço para chamar a atenção do professor. Sinceramente, não sei por que ainda me preocupava, já que nem ia concluir o ano,

mas não queriam que pensassem que eu era uma estudante irresponsável.

Bem, eu não era. E não ia sujar minha reputação agora.

O professor baixou os óculos e falou, com a voz grave e olhos fixos em mim.

– O que deseja, Srta. Jéssica?

– Hum... eu preciso dar uma saída rápida.

– Não.

– Mas é que... preciso ir ao banheiro.

– Não. A senhorita foi no intervalo.

– Não fui não, sério, a Juliana aqui está de prova que...

– Não.

Ai, que raiva. Como os professores conseguem reconhecer uma desculpa esfarrapada tão rápido?

Ou as minhas são muito na cara.

Bom, como percebi que o cara não ia liberar mesmo, resolvi sair por conta própria. Afinal, eu tinha que começar a treinar desde já, se quisesse aprender a ser uma caça-vampiros decente.

A arte de sair despercebida soa bem melhor que rebelde cabuladora.

Agachei-me e passei devagar por trás das carteiras, ouvindo sussurros e risinhos abafados. É boa essa união de estudantes, sabe? A pessoa pode fazer algo de errado, mas delatar é mais errado ainda, quase um crime.

Se bem que não me surpreendi quando o professor anunciou em alto e bom tom.

– Senhorita Jéssica, nota zero em comportamento. E vou avisar seus pais.

Boa sorte, pensei, enquanto me levantava e saía da sala de uma vez. Não é fácil falar com meu pai embaixador.

Já era minha reputação de boa estudante e, se quer saber, agora estou pouco ligando.

Eu já conhecia bastante da universidade agora, depois de alguns dias ali dentro. Não tinha muitos amigos, mas ao menos sabia me localizar o suficiente para não entrar na sala errada.

Outra vez.

Desculpa, não quero narrar o fato.

Segui o corredor largo, com quadros nas paredes, e alunos matando aula nos bebedouros achando que todo mundo na sala de aula vai pensar que se levam duas horas para beber um copo d'água. Desviei meu rosto dos bedéis que me encaravam desafiadores e segui reto em direção à porta larga do final do corredor, lugar onde normalmente estudantes têm um certo calafrio em entrar. Ali é a sala do diretor.

Entrei na biblioteca com o nariz empinado, sentindo-me o máximo com meu vestido de camurça vermelho, meia calça preta, e principalmente minhas botas cano-longo. Por maior que seja o mico que paguei no meu primeiro dia de aula, acabei pegando apego por elas.

Quer dizer, se as *otakus* podiam passar o dia usando orelhinhas, por que não posso fazer o mesmo?

Estou falando das botas.

Talvez porque eu esteja com quase trinta, mas isso não vem ao caso.

Passei os olhos pelo recinto escuro, com pessoas esparsamente mal colocadas nas mesas e livros certinhos nas prateleiras, como devem ficar. Meus olhos detiveram-se em uma figura esguia, alta e com um corpo que parecia roubado de uma estátua grega.

Usava um sobretudo branco, de mangas compridas e detalhes azuis, combinando com a pele pálida e contrastando totalmente com os cabelos negros como a noite, escovados para trás, de um jeito despojado, mas muito bem cuidados. Senti as pernas bambas quando procurei sua face. Suas sobranceiras arqueadas contornavam seus olhos azuis tão perfeitamente que parecia um daqueles anjos de Michelangelo. Tudo naquele rosto era perfeito.

Era ele, eu tinha certeza.

Ai, que raiva!

– Droga! Você tinha que ser tão gato assim?

Eu pensei alto, mas não tinha percebido que falara alto também. Escutei um sonoro “SHHH” de algumas pessoas que não entenderam o que eu disse, risadinhas de algumas que com certeza entenderam

muito bem e um olhar de “meu-marido-dorme-de-calça-jeans” da séria bibliotecária Sra. Watson.

O vampiro apenas levantou uma das sobrancelhas em minha direção lançando-me o famoso olhar “você deve estar me confundido com alguém” e continuou folheando o livro que tinha nas mãos. Tampei o rosto e saí correndo dali o mais rápido que podia e do jeito menos solene que conhecia.

Na saída esbarrei com um cara que passava devagar, talvez com a intenção de entrar na biblioteca. Derrubei todos os livros que carregava, obviamente. Já está se tornando um hábito.

Nada como um acontecimento sem-graça após o outro para arruinar totalmente o seu dia.

Ele sorriu, perguntou onde minha mãe ia ser enforcada e agachou-se para pegar os livros, o que fiz questão de ajudar.

– Desculpe, mesmo, desculpe! Eu ando meio apressada ultimamente...

– Está tudo bem, verdade! Eu nem gostava desses livros, mesmo. Agora eles levaram uma surra.

Eu ri, mas ainda continuava sem graça, por mais incongruente que isso possa parecer. Na verdade, acho que ri porque estava completamente sem graça.

– Qual seu nome?

– Jéssica. E o seu é...?

– Rick. Prazer! É nova aqui, né? É a tal filha do embaixador.

– Sim, a excêntrica – confirmei.

Qualquer tentativa do Conselho em me fazer passar despercebida deu em total falha. Acho que nunca tiveram uma empregada tão desleixada como eu.

Espero que não seja despedida antes deles desembolsarem todo o dinheiro.

– Bem, a gente se vê! – disse ele, entrando na biblioteca, ainda sorrindo.

Até que ele era uma gracinha, com aqueles cabelos loiros cortados curtos e olhos cor mel.

Mas Zack... Ah, minha nossa, eu não podia pensar nisso. Era ele ou minha conta bancária.

Voltei para a aula. Francamente, os olhos do professor queimando minha pele já nem me importavam mais. Meu coração batia acelerado. Era mais fácil quando eu só tinha a missão, mas não quando eu avistava o objetivo da procura. Quer dizer, passar no vestibular parece fácil quando é daqui a uns cinco anos.

Ao término, recebi uma nova mensagem de celular:

“Descobriu algum segredo terrível sobre o alvo? Câmbio!”

Sim, ele bebe sangue.

Mas isso eu já sabia. Infelizmente não posso sair divulgando isso por aí e causar um pânico geral.

Ou assédio incontrollável por parte das meninas. Iam achar o máximo ter o pescoço mordido pelo cara mais gato da escola.

Agora, pensando bem, sabe que a ideia não parece tão ruim?

Mandei de volta a resposta:

“Ainda nada importante. Mas ele é gato mesmo!”

Segui para o meu quarto depois da aula para passar o resto da noite desastrosa e ter meus costumeiros pesadelos. Mas nenhum pode ser pior do que o que foi hoje na vida real. Ao menos espero que não.

Esperei a noite do outro dia com ansiedade. Era meu nono dia na faculdade. Meu prazo no trabalho era de um mês, não podia ficar dando bobeira. Se bem que se nada disso der certo nunca mais vou me acostumar com meu salário de novo.

Era hora de contar a Zack quem eu realmente era. Desta vez estava decidida a impressioná-lo.

Eu que tinha que ficar por cima.

Até agora ele venceu o primeiro round, mesmo sem saber.

Por incrível que pareça, agora eu *sabia* onde ele estava, depois de vê-lo pela primeira vez. Comecei a *sentir* sua presença.

Estranho, eu sei, mas se eu não fosse uma caçadora acho que seria como uma fã obcecada, que sabe até que horas o ídolo vai escovar os dentes pela manhã.

Passei o dia todo vadiando e procurando sites engraçados na internet. Aproveitei para por as matérias em dia e não ser marcada pelos professores tão cedo, mesmo sabendo que isso ia acontecer eventualmente.

Li mais livros de vampiro que estavam na moda, embora muitos deles repetissem histórias semelhantes, você sabe, mocinha linda, amada por todos, se apaixona pelo vampiro, ele por ela e um dia ele a transforma e passam toda a eternidade sendo amantes para sempre.

Não se preocupe, isso não vai acontecer comigo. Primeiro porque não sou uma mocinha linda – certo, não sou uma baranga, mas também não sou capa de revista nem nada, sou meio sem graça, acho – e com certeza não sou amada por todos (apenas pelos que gostam de *cosplay*). Tirando o fato de que devo ter um cheiro bom para atrair vampiros usando Chanel no. 5, não acho que ele cairia aos meus pés a não ser que lhe passasse uma rasteira.

Assim que achei que já era escuro o suficiente para que qualquer vampiro pudesse sentir-se seguro o suficiente para sair de seu caixão e dar uma volta em busca de sangue fresco, corri pelos corredores, decidida a cercá-lo. Não, é claro, antes de ficar perfeitamente linda.

Ao menos ao máximo de minha capacidade.

Passei pelo jardim e dei de cara com ele no portão para a entrada. Estava deserto, provavelmente os alunos responsáveis já estavam em aula.

O que significa nem ele nem eu fazemos parte desse grupo.

Zack ergueu novamente uma das sobrancelhas em minha direção e ficou parecendo uma raposa. Pôs uma das mãos na cintura e disse com voz grave.

– Posso ajudar?

Você pode cair morto e facilitar meu trabalho, pensei.

Concentração, concentração.

– Sim, você pode. Meu nome é Jéssica. Tento encontrá-lo desde o meu primeiro dia na universidade, e agora...

– Você não é uma das piradas do meu fã-clube, é?

– Estou muito longe disso, querido.

Uau, essa mandei bem!

Ele deu um sorriso largo, mas com lábios fechados. Será que todo vampiro sorri assim? O pior é que fica uma graça.

– Bem, então talvez queira ajuda pra trocar uma lâmpada ou coisa assim?

– Não, troco minhas próprias lâmpadas, obrigada.

– Que menina independente. Então talvez queira discutir algum tópico existencial? Sou muito bom nisso.

Ah, deve ser mesmo. Quer dizer, há quanto tempo deve existir? Talvez uns 200 anos?

– Pare de me interromper. Eu sei quem você é.

Ele ergueu a sobrancelha novamente. De repente todo o dinheiro que o Conselho estava pagando parecia pouco demais. Ele era muito lindo; aquilo era covardia comigo.

– Você quer dizer... o estudante de medicina Zack Redpath?

Red path. Só rindo mesmo. Não tinha sobrenome melhor. Talvez *Blood path*, mas seria óbvio demais.

– Além disso.

– Ah, você descobriu que sou agente do FBI nas horas vagas. Então terei que te matar.

Por mais que eu soubesse que ele estava sendo sarcástico senti um frio gelado percorrer minha espinha.

– Eu digo, um vampiro. Você é um vampiro.

Eu realmente esperava que ele fosse revelar-se com uma sonora frase vinda do além ou das profundezas do estômago como: “Você nunca me pegará” e sumisse numa nuvem de fumaça. Ou talvez virasse um morcego e voasse para bem longe.

Mas não. Ele deu outro sorriso singelo.

– Então, como você é uma boa menina veio oferecer o pescoço como oferenda de paz. Quanta gentileza, mas não, obrigado. Já almocei.

Ai, que raiva. Por enquanto ele estava ganhando. Mas a guerra ainda não acabou.

– Eu não vim oferecer nada! Eu vim te avisar!

– Avisar? Já entendi. Você quer me conhecer melhor. Então está me ameaçando para eu não encontrar outras garotas, certo? Não se preocupe. Você é a pessoa com quem eu mais troquei palavras aqui

desde minha chegada, há dois meses. As outras parecem que tem medo de mim, sei lá. E nem sabem que sou um vampiro!

Se soubessem aí sim que estariam atrás de você.

Para um vampiro ele era bastante tagarela, não?

– Não quero te conhecer melhor – respondi, mais seca do que planejava – porque tenho que te matar.

Ele deu um suspiro leve.

– Ahn... você pertence àqueles grupos de caçadores de vampiros que volta e meia cismam com um de nossa raça e passam a vida tentando matá-lo das maneiras mais criativas possíveis.

Cogitei um pouco, antes de responder.

– Você faz parecer menos solene, mas é isso aí.

Ele cruzou os braços. Em seus olhos havia uma expressão de que ele já passara por aquilo antes.

– Bom, até que você é uma gracinha. Pelo menos eu vou poder me distrair um pouco até ter que partir novamente.

Ele deslizou a mão em minha face até meu queixo e eu tenho certeza que deve ter queimado a mão de tão corada que fiquei. Porém, ele simplesmente me contornou e seguiu, sem olhar para trás.

Aquilo foi uma ofensa!

Quer dizer, ele deu as costas para a pessoa que anunciou ser a sua assassina! Como ousou duvidar de meus talentos como caça-vampiros?

Quer dizer, eu posso ser uma novata, mas não está escrito em minha testa, está? Bom, não que eu ache que um caça-vampiros se atreveria a revelar-se intencionalmente ao vampiro que precisava matar e que não preferisse passar despercebido até a hora certa para o combate.

Ora, atire a primeira pedra quem nunca agiu como um retardado.

Bem, sem nada a fazer, fui direto para o meu quarto e depois de um filme sem graça de lobisomens, para a cama, tentando esquecer a cena ridícula. Certo, eu admito, ele venceu mais uma vez, sem nenhum esforço. Era muito mais esperto do que eu pensava.

Ou então acho que sou pior do que eu pensava.

Lá se foi minha auto-estima.

De qualquer forma, desta vez eu não tive pesadelos e pouco estava me lixando para as aulas que perdi. Não conseguia tirá-lo da cabeça. Aqueles olhos, aquele cabelo, aquele corpo, aquele rosto... mesmo usando aquela roupa fora de moda, camisa branca de manga longa para dentro de uma calça preta justa com botas cano-longo (que bom, não sou a única que gosta) que, cá entre nós, lhe caía muito bem. Só nele mesmo, francamente.

Se bem que até um vestido de noiva cairia bem nele.

Desculpe, mas por mais lindos que estivessem, nem Tom Cruise ou Brad Pitt em *Entrevista com o Vampiro* superavam Zack nessa questão.

Eu sei que talvez vampiros não tenham reflexo no espelho, mas engraçado o fato de saírem em fotografias. Quer dizer, eu podia guardar uma dele... aí poderia pôr no álbum da mamãe e dizer junto com meus pais: “esse eu matei”. Ou então jogar na cara dela que o meu era o mais gato de todos.

Mandei um e-mail pra minha mãe – ainda não consigo me acostumar com isso – mas não tive coragem de contar sobre o papelão que passei. Prefiro ocultar isso até ter boas notícias, você sabe: “ah, mãe, matei o vampiro. A propósito, demorei pra responder porque estava no período das provas.”

No dia seguinte, depois de uma tarde entediante jogando paciência no computador, redobrando todas as minhas roupas novas e lustRANDO meus calçados chiquérrimos, resolvi ir para aula noturna. Já estava enrolando demais na universidade, mesmo que não tivesse a intenção de terminá-la.

Sentei no meu lugar de sempre, perto da janela, e acenei para as *otakus*, que pareciam estar mais alegrihas do que de costume. Talvez fosse impressão minha, mas as meninas todas da sala pareciam estar mais alegrihas do que de costume. Os meninos, ao contrário, pareciam ter sido todos contaminados por um mau humor instantâneo. Foi quando avistei aquele sorriso sem mostrar os dentes, enigmático e viciante sentado mais ao fundo da sala.

Ele acenou pra mim, o que me fez sentir fisicamente o ódio profundo refletido nos olhares das meninas e, bem, infelizmente nada a respeito dos meninos.

Mas por quê? Por que me sentia tão atraída por ele? Afinal, considerando a longa data de validade (?) de um vampiro, ele tinha idade para ser meu tatatatata e sei lá mais quantos ta, avô!

Bem, esqueci da parte que ele humilharia perfeitamente qualquer modelo masculino de capa de revista.

Enquanto fixava meus olhos nele, percebi que, como ele mesmo dissera, planejava maneiras criativas de matá-lo.

Alho? Nah, isso só os afasta e segundo o que dissera papai, eles só possuíam uma leve alergia. Ataque de coceira incomoda, mas não mata.

Hum, talvez água benta? Não, não, mamãe disse que água benta fazia a pele deles derreter e eu não queria machucar aquele rostinho lindo.

A melhor maneira então era a tradicional: enfiar uma estaca no coração dele. Mas peraí... como eu teria força suficiente para enfiar uma estaca no peito dele e ainda atravessar o coração? E isso tudo com ele o quê, esperando pacientemente? Onde raios estava aquele manual mesmo?

– *Melhor começar a malhar...* – pensei.

Zack levantou-se lentamente e sentou-se bem atrás de mim. Não sem antes, é claro, convidar o rapaz que estava na cadeira de trás a retirar-se amigavelmente. O cara saiu quase tropeçando; não imagino a fama que Zack tem entre os rapazes dali.

Mal sentou atrás de mim e começou a brincar com meus cabelos. Deve ter percebido que os pêlos da minha nuca arrepiaram-se, porque soltou um risinho discreto por trás das minhas costas. Comecei a sentir o hálito dele em minha pele e enverguei o corpo pra frente.

O que raios o cara estava pretendendo fazer? Expulsar ambos da sala? Já não me bastava todas as desculpas esfarrapadas que inventei que já me deixaram mal com o professor? E sempre por causa dele.

Muitos olhares estavam sendo dirigidos para nós. Se eu fosse uma adolescente acho que esse teria sido um dos dias mais felizes da minha vida. Ia marcar com um coração enorme na folha rosa do meu diário e depois ligar para alguma das minhas amigas e passar dias no

telefone exagerando o fato e o quanto a metida da fulana que me odiava se contorcia de inveja na cadeira.

Mas como eu disse, teria sido bom, mas agora era um problema. Quer dizer, se ele quisesse que nos tornássemos íntimos, isso significaria que, se o próprio sumisse, eu seria a primeira suspeita. Passaria de excêntrica a assassina.

Não que isso fizesse alguma diferença no meu currículo, mas eu tinha que fazer meu papel aqui.

Talvez seja hora de informar que sou uma péssima atriz.

Nem bem o sinal tocou e joguei minha parca mochila por cima do ombro intencionada a aumentar a velocidade. Um freio bateu-me direto no braço.

– Vai jantar? Posso ir com você? – disse ele com a voz mais grave que possuía.

– Jantar? Vai lancha algum estudante de intercâmbio ou o quê?

– Sabe que a ideia não é má?

Quando percebeu meus olhos arregalados, deu uma risada leve.

– Você é tão inocente! Só falta achar que eu tenho algum tipo de harém.

Pode ser que não, mas seu fã-clubes toparia, com certeza.

– Vamos! – disse ele, puxando meu braço – Eu te pago a janta!

Nossa, ele devia estar bastante entediado antes de eu chegar.

Puxou a minha mão, pondo-a no meio do seu braço, bem próxima ao peito, como se fôssemos um casal de namorados. Senti-me queimada por tantos olhares que atravessavam minha carne. Do nada, passei a ser a garota mais popular da escola.

Bem, talvez não seja bem essa a palavra, mas de repente fiquei bem falada na escola. Digo ‘bem’ na intenção de muito. Não acho que na maioria das vezes tenha sido agradável o que falavam.

Eu podia ver pela face dele que estava se divertindo. Com certeza queria me deixar sem-graça na frente de todo mundo. Aquela foi uma jogada esperta, admito. Mesmo que eu também admitisse estar fascinada, sabia que ele não fazia isso por gostar de mim, mas para me humilhar. Zack mesmo devia saber que era irresistível.

Logo que voltei com a bandeja de comida, lá estava ele, tamborilando uma das mãos na cadeira, indicando com firmeza onde

eu deveria sentar.

Suspirei. Se fosse para algum outro lugar, provavelmente ele me seguiria. Estamos juntos há tão pouco tempo e já sei exatamente como agiria, não é estranho? Nunca conheci um vampiro tão previsível. Sim, sei que foi um comentário idiota, mas não imagino que os vampiros sejam assim, falemos sério.

Zack pôs uma das mãos no queixo e ficou me observando enquanto eu comia. Eu estava completamente desconfortável. Pela primeira vez fiquei preocupada em não mastigar de boca aberta ou deixar alguma coisa fazendo imagem nos meus dentes.

– Já sabe como vai me matar? – ele perguntou, casualmente.

Procurei parecer séria, mas dei uma gaguejada.

– Hã, bem, não, você sabe...

– Vai usar o básico?

– Básico?

– Sim... alho, água benta, estaca? Essa é bem mais prática, pelo menos mais rápida.

– Eu... eu não estou certa ainda. Quero escolher com cuidado – eu disse, querendo parecer, no mínimo, cautelosa.

– Bem, tente ser mais original que o último, certo?

– Ú-último?

– Sim. Hum, qual era o nome dele? João... John... alguma coisa assim.

– E-era?

– Sim, ele sumiu. Acho que desistiu...

Eu não sabia se acreditava nele. E se estivesse apenas tentando me intimidar? Porque sinceramente, nem era preciso tanto.

– Bom, eu não posso te revelar meus planos.

– Não tem nenhum, não é? – sorriu ele, com doçura.

– E se eu tiver?

– Certo, certo... – ele se acomodou melhor na cadeira – vou te dar umas dicas. Alho não, eu tenho alergia. É só chato, mas não me mata. Fico só me coçando.

– É, fiquei sabendo – murmurei, como se fosse uma expert do assunto.

– Que mais historinhas da carochinha você sabe?

– Carochinha? Essa palavra nem se usa mais, sabia?

– Ora, não me culpe. Os séculos passam depressa e sempre tem uma gíria nova.

– Quantos anos você realmente tem, hein? – perguntei, ardendo de curiosidade.

Ele bateu os dedos nos lábios e voltou os belos olhos azuis ao teto, como se estivesse caçando a resposta.

– Hum... deixa eu ver... se considerar que acho que vi a cerimônia de inauguração do Coliseu – que mentira cara-de-pau – ... Acho que sei lá, uns 800 anos? Parei de contar quando fiz trinta...

– OITOCENTOS??

As mesas ao lado olharam pra gente com curiosidade. Não que o refeitório inteiro não estivesse, mas nesse momento pareciam se interessar pelo que estávamos falando.

– Isso, espalha a minha idade pra todo mundo!

– Ah, pare de drama – disse, enquanto tomava meu suco de laranja aguçado – Como se alguém fosse acreditar num absurdo desses.

Ele riu.

– Se puderam acreditar na sua...

Quase pus o suco para fora pelo nariz.

– O que quer dizer?

– Ah, por favor... 19 anos?

Cerrei os dentes, furiosa.

– Você andou mexendo no meu histórico? Isso é crime, sabia?

– Como se você também não soubesse da minha vida...

– É diferente! Eu estou tentando te matar!

– Ah, então me desculpe. Seus motivos são mais justificáveis dos que os meus.

– Pois é isso mesmo – cortei, tentando não prestar atenção no sarcasmo – agora me diz o que eu quero saber.

– Não, não tenho namorada.

– Isso... isso não me interessa...

Tentei não corar, mas o comentário dele em seguida me deixou mais sem graça que queda pública em cerimônia de formatura.

– Humm, quanto sangue no rosto. Deu até fome agora.

– Cale essa boca – disse, rispivamente – o que eu quero saber é quantos você matou até hoje.

– Você não escutou quando eu disse que tinha 800 anos? Acha o quê, que eu tenho isso contabilizado? Algo como “deixa eu anotar no meu caderninho: essa foi minha 45.600.701^a vítima...”

– Sempre mata suas vítimas? – estremei por dentro.

Ele fez um novo gesto pensativo, mas agora cruzou as pernas e olhou pra baixo.

– Hum, só não matei as duas primeiras. Depois percebi que comecei a ser perseguido pelas duas e vi que isso não daria certo. E acredite, depois que você começa a sugar o sangue é difícil parar...

Posso até imaginar.

Quer dizer, o fato da perseguição, não do sangue.

Que, aliás, tem um gosto horrível. Já chupou o dedo quando deu um corte nele? Quem pode gostar daquilo?

Voltando ao fato da perseguição, eu não deixaria um vampiro lindo assim me morder e ir embora sem antes me levar ao altar.

Ai, minha nossa, até onde eu vou descer de nível?

– Mas como ainda não descobriram que você anda matando aqui na universidade?

– Não mato já faz algum tempo... Jéssica.

A pronúncia do meu nome encheu-me de uma sensação estranha, que mal podia identificar se por medo ou excitação.

– Mas você disse que nem tem conta de suas vítimas... Zack – retribuí.

– Eu disse que tinha feito vítimas, mas não disse há quanto tempo e nem onde.

– Bem, e quanto tempo faz desde que matou a última?

– Faz cerca de um ano, acho.

– Bem, nunca é tarde para parar...

Ele ergueu uma das sobrancelhas. Senti-me idiota. Como assim não era tarde pra mudar de vida, se eu mesma queria matá-lo?

– Aham – disse eu, tentando consertar as besteiras que falava – mas por que mudou de ideia? E como se alimenta agora?

Na certa pensei que era com sangue de ratos ou coisa assim.

– Eu... não quis mais. Agora apenas assalto bancos de sangue.

– Bancos de sangue? – repeti, incrédula – Você tem noção de quantas pessoas precisam desse sangue? E se alguém sofre um acidente? Pode morrer, sabia?

– É muito mais fácil tirar delas, se quer mesmo saber, mas assim eu as poupo do trauma de alguém chupando seu sangue, não acha?

Ele sempre tinha a resposta certa pra dar.

– Olha, está muito agradável conversar, mas está ficando tarde e tenho que bolar um plano pra te matar e sair ilesa dessa história. Então pare de tentar se envolver comigo, tá?

– Ah, por quê? Eu não mordo...

Enquanto eu me levantava da mesa, ele fez questão de acrescentar.

– ... se você não quiser.

Claro que corei. Mas não acho que dessa vez ele viu, já que retirei a bandeja tão depressa que acertei o loiro que da última vez tentava entrar na biblioteca.

Cara, que má sorte esse cara tinha!

– Ah, meu Deus, desculpa de novo!

– Sua mãe está na forca outra vez? – respondeu ele, rindo.

– Hã... Rick, certo?

– Ah, você lembrou! E você é Jéssica, a filha do embaixador.

– Já chega desse título... – cortei, meio aborrecida – desculpa, outra vez...

– Deixa pra lá! Olha o lado bom. Você já comeu, certo? Então não derramou tudo em mim.

Quando levantei os olhos, percebi que Zack já havia saído. Não deve ter sumido numa nuvem de fumaça, como todo bom vampiro, porque com certeza não ia querer se revelar na frente de tanta gente. Nem dar uma risada fantasmagórica e levantar voo transformado em um bom morcego. Ao invés disso preferiu deixar a sala enquanto eu agia como uma boa idiota.

Percebi que um olhar voltado para mim não estava propriamente rindo, como todos os outros no refeitório. Estava me fulminando. Era de uma loira linda, cabelos cacheados, corpo perfeito e uma roupa de torcida que eu não usaria nem se tivesse cinco anos de idade. Na verdade ficaria até curto em mim com essa idade.

Acompanhou-me todo o tempo que eu levantei, limpei com tapinhas a roupa de Rick e deixei a porcaria da bandeja na mesa. Assim que saí, despedi-me dele e ouvi um ruído alto de algo sendo empurrado ruidosamente para trás.

Bem, se conheço bem a maldição que carrego desde o colegial, já arrumei minhas primeiras inimigas, que devem ser lindas, populares e que os gastos com roupas e bobagens são quatro vezes maiores do que deveriam ser suas notas no boletim.

Apertei o passo no corredor, mas não deu muito certo. A porta do refeitório foi empurrada com fúria, e ouvi uma voz enjoadamente histérica vinda dali mesmo.

– Ei, filha do embaixador!

Dei um suspiro cansado e virei pra trás. Imagino que quando eu tiver uns oitenta anos e resolver fazer outra faculdade, vai ter um monte de velhinhas de cabelo tingido de loiro e bengalas cor de ouro pra combinar com as dentaduras recém-colocadas me perseguindo por ter babado na mesa de leitura. Ou na cartela de bingo.

Elas se aproximaram rebolando tanto que achei que seus quadris iam acabar se deslocando. A mais bonita apontou o dedo pra mim em tom ameaçador.

– Então a mocinha aí, além de paquerar um cara extremamente cobiçado e protegido por seu fã-clubes agora resolveu dar em cima do namorado das outras – depois apontou o dedo para o próprio peito – aliás, *meu* namorado?

Acho que estou em um universo paralelo. Quer dizer, atropelar um cara numa saída eufórica e desgovernada, depois derrubar uma bandeja de comida em cima dele quer dizer que estou flertando?

Nossa, os tempos são outros.

Não queria piorar as coisas, então resolvi ser tolerante, para variar.

– Escuta...

– Linda.

Tinha que ter um nome desses pra acompanhar.

– Escuta, Linda, eu não dou em cima do namorado de ninguém. E Zack está só me perseguindo, sei lá, talvez ele tenha gostado de ter uma pessoa excêntrica para fugir dele ou coisa assim.

Elas explodiram em risinhos.

– Desculpa, querida, mas, tipo assim, se ele pode ter qualquer uma de nós porque ia querer alguma coisa com uma garota sem graça feito você?

Eu sei que é o tipo de comentário que deixaria qualquer um pau da vida, mas elas estavam com a razão.

– Só sei que não satisfeita com a história você resolveu dar em cima de outro cara popular? – insistiu Linda.

– Olha, garota, eu não estou dando em cima do seu Rick. Eu só...

– Ah, tipo assim, quer dizer que deu tempo de perguntar o nome dele então, não é?

– Ele se apresentou!

– Ah, então, tipo assim, está me dizendo que ele deu em cima de você quando você o atropelou, não é?

Tipo assim, eu queria tanto que ela fosse o vampiro que eu tinha que matar!

– Eu não tenho saco pra isso.

Eu saí dali meio enfurecida, meio preocupada. Todo o tempo eu só queria mesmo passar despercebida, mas não, sou um pára-raios para atrair perseguição. Ainda pude ouvir a voz estridente ameaçadora saindo da loiríssima garota de torcida.

– Acho melhor dormir com um olho aberto, filha do embaixador.

Minha vontade era gritar: “dentista, ele é DENTISTA”, mas eu acabaria com meu disfarce.

Na verdade, tudo aquilo estava acabando comigo.

Na verdade, acho que elas mesmas preferiam realizar a façanha.

Rick, Zack... por que isso tudo não aconteceu enquanto eu era uma adolescente? Não uma burra velha, como mamãe mesmo diz.

4

Perigo



No dia seguinte, as meninas *otakus* mandaram-me uma mensagem por telefone outra vez:

“Venha nos encontrar no quarto da Sofia. Agora.”

Devia ser sério para ela enfatizar o “agora”. Juntei alguns livros aleatórios dentro da mochila para fazer de conta que andava estudando, a despeito de tudo o que faço os outros pensarem. Já sabia o caminho de cor, de tantas vezes que fui lá assistir anime e outras coisas. Nem bem bati na porta e fui puxada para dentro.

– Você está louca? – sussurrou Dine.

Louca não, excêntrica, pensei. Sou rica, apesar de tudo. Não, ainda, na verdade, só falta Zack fazer a parte dele. Tipo, cair morto.

Nossa, que coisa horrível de se pensar, não é? Não considerando que ele já estivesse morto, mas mesmo assim.

– Do que está falando?

– Jessi, você não pode se envolver com Zack!

– Ele não é mesmo seu primo, né? – arriscou Dine.

– Hã... bem, eu... – tentei explicar, rodeada por elas.

– Ele é perigoso! Bem, não ele, mas o que o envolve.

– O que quer dizer?

– Bem, ao que me consta – explicou Estela, calmamente – todos os que se envolvem com ele desaparecem de forma misteriosa.

Um medo súbito passou descendo pela minha espinha.

Será que Zack mentiu? Será que ele realmente continua fazendo vítimas? Engoli em seco e prossegui.

– Como assim? Já faz muito tempo?

– Bom, teve umas meninas que... nunca mais soubemos delas.

Estela sacudiu uma das mãos no ar.

– Sofia, você está vendo muito anime. Não é bem assim, Jessi – virou-se pra mim, tentando me acalmar. Na verdade eu estava era um pouco chocada, não nervosa. Chocada com o fato de Zack ter mentido pra mim e chocada com o fato de eu ter acreditado nele. Será que confio em tudo o que um rostinho bonito me diz? Ela continuou – na verdade descobrimos pelos arquivos da universidade que o que aconteceu foi que uma delas foi transferida. Provavelmente as outras também.

– Provavelmente – argumentou Sofia – mas não se sabe se é verdade.

– Ah, por favor – intrometeu-se Dine, por sua vez – os fatos sempre são exagerados. E você sempre acredita em tudo o que ouve, Sofi!

– E eu estava enganada a respeito do roubo do hospital? Estava? Estava?

Minha cabeça virava de um lado para o outro como se estivesse assistindo uma rápida partida de pingue-pongue.

– Talvez esteja. Por que alguém iria assaltar um banco de sangue?

– Um ladrão machucado?

– E como raios ele conseguiria burlar a segurança do hospital machucado, sua anta? – observou Bobby, do computador.

Ah, não apresentei Bobby ainda. Acho que o nome dele é Miguel, ou coisa assim. Não sei porque o apelido dele é Bobby, mas eu tenho até uma certa inveja. Afinal, todo apelido que tenho se resume a Jessi. Se bem que toda vez que alguém grita alto: “Jessi!”, as meninas respondem com um sonoro “James” e completam com “equipe Rocket decolando na velocidade da luz!![1]” Admito que é engraçado e elas prometeram me explicar isso algum dia.

Bom, voltando ao Bobby, ele é um cara legal, mas parece meio estressado às vezes. É baixo, da minha altura, um cabelo castanho escuro cortado curto, magro e sempre se veste de um jeito bem despojado, calça jeans e camiseta. Rato de computador total. Quer dizer, ele que baixa todos os animes, arruma imagens lindas, sabe

legendar filmes e conhece tudo o que é vírus de computador pelo nome. Sério, só de olhar para o computador ele sabe que o bicho está doente. Não fala quase nunca e quando fala é só sobre RPG ou um tal de *God of War*. Não tenho muito a dizer sobre ele, a não ser que sua vida é extremamente virtual. Quando olha para alguém com aqueles olhos esbugalhados chega a ser engraçado.

Ou assustador, dependendo da hora da noite em que você o encontra.

– Ah, vejam a notícia que saiu a respeito nesse blog!

Foi uma boa troca de cotoveladas para podermos chegar perto do monitor e ler o que Bobby apontava. A notícia foi meio que digitada como uma fofoca de internet, mas tenho certeza que era verdadeira. Ou algo me dizia que sim.

“Vocês já devem estar sabendo que o banco de sangue do hospital Sagrado Coração vem sendo roubado. O que mais incomoda é que a notícia vem sendo abafada, sabe-se lá por quê. Para não alarmar a população para um possível ataque de vampiros? Ora, por favor. Então por que divulgaram o estranho caso das pessoas que são encontradas mortas sem sangue no corpo jogadas em terrenos baldios? Certo, certo, a notícia vazou, acho que não ia ser divulgada, mas mesmo assim. Se houvessem vampiros, para que serviriam esses ataques isolados? Sobremesa? De qualquer forma, começaram agora uma espécie de campanha de doação de sangue, já que o estoque vem diminuindo consideravelmente. Talvez um ou dois litros por dia, mas ainda assim. Bem, faça a sua parte. De qualquer maneira, parece que agora a segurança do hospital vem sendo reforçada. Doe sangue até que eles restabeleçam a situação. Pense em seus amigos bêbados que vivem se acidentando.”

Estava me sentindo completamente confusa. Zack disse parte verdade e parte mentira? Quer dizer, ele admitiu estar assaltando o banco de sangue. Mas o que eram essas vítimas sendo encontradas? E tão longe da universidade? Por acaso o Conselho sabia que podia haver mais vampiros? E se houvesse mais caça-vampiros por aí? Ah, minha nossa, será que peguei o vampiro errado? E se o Eric estivesse por aí e eu estivesse caçando o vampiro errado?

E por que raios faço tantas perguntas para o nada?

Ora, se algo estivesse errado era culpa do Conselho, não minha. Eles que me mandaram pra cá. E sinceramente, se fui obrigada a assistir tantas aulas à toa, cabeças vão rolar!

– Bem, vamos nessa então! – gritou Estela, decidida.

– Vamos nessa? Pra onde? – estranhei, meio preocupada. Não aguentaria outra sessão de anime depois de ter assistido os três filmes seguidos de *O Senhor dos Anéis* versão estendida.

– Ora, doar sangue! – completou Dine.

– Doar sangue? Assim, do nada?

– Ora, eles disseram que devemos fazer a nossa parte! – explicou Sofia, confusa com minha falta de bom senso.

– Ora, se eles dissessem que você faria sua parte pulando de uma ponte você pularia?

– Se isso ajudasse alguém, por que não?

Será que assistir muito anime e jogar tanto RPG causa uma espécie de síndrome de “salvar o mundo a qualquer custo”?

– Será que doi muito? Senão não quero não – protestou Dine.

– Será que dão lanchinho pra gente? – arriscou Estela.

Ah, sei bem como é essa síndrome. Todos querem salvar o mundo, mas ninguém quer lavar a louça.

– Está decidido. Vamos embora – anunciou Sofia.

Já estou acostumada com o fato de minha opinião nunca ser levada a sério. Mas dessa vez iam me envolver nessa. Eu nunca fui envolvida em coisa alguma.

Até que gostei da ideia, mas morro de pavor de agulha. Só se fossem algo como duas agulhas naturais vindas de um rostinho bonito, se é que me entende.

Mas meus protestos não adiantaram nem um pouco e fui arrastada para o banco de sangue do hospital. Já estava escurecendo no caminho para lá. Pelo visto, íamos perder umas três aulas, embora as garotas achassem que ia ser simples como cortar cabelo, deixar ele lá e vir embora, como se não fizesse diferença nenhuma. Não adiantava explicar para elas o que é repouso; acho que nem sabem o significado disso.

Antes de sair, entretanto, senti forte a presença de Zack. Olhei diretamente para onde ele estava de pé, com os braços cruzados, na

esquina do corredor que levava para a saída, secando-me com aquele sorriso sem mostrar os dentes.

As meninas me deram um empurrãozinho para eu ir falar com ele, antes de sair. Senti-me idiota, daquelas que fazem o possível para disfarçar que gostam de um cara, mas dão tantas risadinhas perto dele, rebolam, cochicham e mandam bilhetinhos anônimos através das amigas, que eles fazem de conta que não sabem de nada, só para rir da cara delas.

Em resumo, eu era uma adolescente outra vez.

Aproximei-me dele só pra agradecer as garotas. Acho.

– Vai sair? – disse ele, sorrindo e erguendo uma sobrancelha.

– Hã, sim... bem, graças às suas peripécias agora o banco de sangue da cidade está precisando de doadores e as garotas querem que queremos que ‘façamos a nossa parte’.

– Você... vai doar sangue? – disse ele, subitamente sério.

– Sim, por quê?

– Por nada... Bem, mas veja o lado bom. Agora as pessoas sentem-se mais solidárias. Eu despertei um senso de comunidade nas pessoas.

– Você é um idiota.

– Vai lá, doa seu sangue. Não quer dar um pouco pra mim, já que está aqui e está se sentindo tanta generosa?

– Não. Eu faço isso por pessoas boas.

– Ora, eu não mato já faz um ano, não te disse?

– Não é o que eu andei lendo.

A expressão dele ficou subitamente sombria. Parecia que ia dizer algo, mas deteve-se. Parece que o senhor Zack nem sempre sabe o que dizer, não?

As meninas me chamaram e virei para trás. Quando tornei a virar para ele novamente, percebi que já estava longe. Não entendi o gesto, mas deixei para lá.

Hora de ser generosa.

Não foi fácil tirar sangue. Quer dizer, não foi tão horrível ser espetada pela agulha e ficar deitada na cama, no fundo você sabe que é por uma boa causa, não é? O difícil foi aguentar as meninas reclamando de ficar uma hora deitadas, que a agulha da fulana era

menor do que a dela, que podiam ter trazido o laptop para poder ficar assistindo anime. Mas foi legal fazer algo bom pelos outros para variar. Tenho certeza que quando acabar o ‘repouso’, elas vão parar de reclamar e sentir que salvaram o mundo mais uma vez.

Quando voltamos à universidade, o porteiro avisou que as aulas haviam começado já fazia tempo e só perdoou nossa falta porque fomos fazer uma boa ação. Mas isso também não justificava que devíamos ter feito isso mais cedo.

Zack não estava lá. Nem na aula, nem na biblioteca. Percebi que ele procurava ficar presente só onde eu estava. Ou então era meu ego falando mais alto.

Fui para o quarto direto, estava tonta e com dor de cabeça. Só doei sei lá, um litro de sangue? Não consigo tirar nem um tubinho, que já fico nauseada. Por que eu vou sempre na onda delas, hein?

Sentei na frente do computador. Percebi que meu chefe estava perguntando se eu já estava melhor para voltar ao emprego e ainda pensei por alguns segundos do que ele estava falando.

Ah, sim, a lepra.

Ou antraz.

Respondi que não podia me ater aos detalhes, mas que os médicos estavam decidindo quanto tempo eu ainda tinha de vida. Trágico, eu sei, mas eu queria receber flores. Tudo bem que eles não sabiam que eu estava em uma universidade na Pensilvânia, mas mamãe podia me enviar o cartão deles.

Por falar em mamãe, estava com saudades dela. E de papai. Mas não podia ligar ainda. Só daqui a uns 3 ou 5 dias, segundo o outro bem escrito e-mail da mamãe.

Ah, por falar nisso, também recebi um outro e-mail. Estava escrito anônimo, e por um instante julguei ser do Conselho, mas eles não faziam isso. Normalmente o título dos e-mails deles tem letras garrafais com algo escrito CONFIDENCIAL. Sem contar que terminava sempre com @conselho.com.

Não abro e-mails anônimos, claro, mas esse não pude evitar. O título era: “para minha adorada caçadora”. Só continha a mensagem:

“Oi, Jessi! Sou eu, Zack! Passei aqui pra te dizer que não sei viver sem você. Ainda bem que estou morto. Se bem que você quer completar o serviço, não é?
Um beijo no pescoço.”

Sabe, sempre achei que eles eram mega-misteriosos. Daqueles que invadem o seu quarto à noite, param na frente da janela enquanto te observam dormir sedutoramente, coberta com apenas um lençol. Daí sussurram no seu ouvido, prometem te levar às alturas enquanto fincam os dentes na sua carne. Depois te deixam ali, enquanto sorriem maliciosamente e somem na calada da noite.

Que foi, você não sonhava assim? Bem, se for um homem, substitua o (o) pelo (a) em vampiro.

Mas nunca pensei que eles poderiam mandar e-mails. Será que tinham sites também? Pode ser. Uau, um vampiro escrevendo sobre ele mesmo. Para destruí-lo era fácil, mandava um vírus cabuloso para o computador dele.

Na verdade, isso destruiria a vida de muita gente.

Massageei minhas têmporas, fui tomar banho e procurei manter a mente livre. Ainda não fazia ideia de como mataria Zack. Já vi que ele fez uma vistoria completa no meu histórico, para conseguir até o meu e-mail.

Pus um pijama de borboletinhas ridículo que minha mãe deixou enfiado na minha mala. Eu tinha uns *baby dolls* curtíssimos e com cores luxuosas, mas não me daria ao luxo de usá-los nesse frio. E depois, por que me preocupar?

A resposta veio por volta das duas da manhã.

Tenho um sono muito leve. Qualquer batida na porta, qualquer barulho do lado de fora é suficiente para me dar um susto. Pode ser trauma de infância. Talvez tenha a ver com a história que mamãe contou a respeito do tal vampiro no meu quarto, quem sabe?

De qualquer forma, escutei um barulho leve da janela se abrindo. Podia ser o vento, mas eu tinha quase certeza que a deixei trancada. Tentei ignorar, mas senti forte a presença dele.

Zack.

Parado na minha janela, todo de preto, com uma capa voando ao vento.

Mas não do jeito que eu imaginava.

Ele estava com as mãos numa pose cômica de quem está se preparando para atacar e eu com meu ridículo pijama de borboletinhas.

Definitivamente meus sonhos de infância (ou de adolescente cheia de hormônios à flor da pele) foram destruídos nesse exato instante.

– Ai, meu Deus – suspirei, sentando na cama e coçando a cabeça
– Quem você acha que é? O *Batman*?

– Não, sou o *Watchman*! – disse ele, enquanto entrava levantando a vidraça de uma vez.

– Já te chamei de idiota hoje?

– Sim. Não, espere, tecnicamente, depois da meia noite é um outro dia, então não.

– Você é um idiota.

Ele sorriu sedutoramente.

– Pode ser, mas eu sou um idiota com 771 anos de experiência a mais que você.

– Como assim?

– Ora, você não tem 29 anos? Aliás, enganando alto, hein? 10 anos de diferença?

– Você tem 800 e faz de conta que tem 21, seu sonso!

– Mas eu parei de envelhecer.

Ai, que raiva. Será que ele procurava no meu histórico coisas para poder formar todas as possíveis tentativas criativas de me humilhar?

– Por que você não vai ver se estou na esquina?

– Sabia que posso fazer isso bem rápido?

Suspirei. Ele estava mesmo disposto a tornar minha experiência algo inesquecível.

– Ah, sim, seus poderes de vampiro. Que mais você pode fazer? Ler pensamentos?

– Não – disse ele, sentando-se na minha cama, lentamente – mas se você lesse os meus, me mandaria sair rapidinho desse quarto...

Nenhum tomate desse mundo conseguiria alcançar o tom de vermelho da minha face nesse instante.

– Então faz o truque de desaparecer e some!

– Ah, esse. Sim, é um pouco divertido, mas é cansativo. Na verdade, a gente só corre muito rápido. Também sei abrir fechaduras com a força da mente. Esse é bem mais interessante.

– E... o que acontece quando você é exposto à luz do sol? Eu li em um livro que... hum, vocês brilham no sol?

– Quê? Claro que não, oras! Eu perco a cor, isso sim! Viro cinzas. Minha nossa, o que te ensinaram na escola?

– Que vampiros são contos de terror e nada mais, por exemplo. Ele fez um cômico gesto com a cabeça.

– Oh, Deus... é por isso que esse mundo está perdido...

Por que eu ainda estava me importando com o que ele dizia?

Ah, sim, ele era gato. Gato demais.

– O que você veio fazer aqui, afinal?

– Ah, vim te agradecer.

– Agradecer?

– Seu sangue. Nossa, estava muito bom! O gosto não sai da minha boca. Podia fazer isso sempre.

Eu arregalei os olhos.

– Você invadiu o banco de sangue outra vez? Agora só para roubar o meu sangue?

Admito que estava me sentindo lisonjeada.

Chocada, um pouco, mas lisonjeada.

– Foi difícil de achar. Acho que as câmeras me filmaram. Mas valeu a pena.

– Sabe que vão reforçar a segurança do hospital? E depois disso, mais ainda?

– Eu sei. Mas depois de sentir aquele sangue... acho que não vou mais ser o mesmo.

Ele fitou meu pescoço com um visível interesse e me encolhi no pijama, puxando a colcha mais para cima.

– Não se preocupe – riu ele – não estou mais com sede.

– Então váza!

– Certo, certo.

Ele levantou-se serenamente, abriu a janela e ainda virou para trás. Dentro de mim bateu uma sensação triste. Eu não queria que ele fosse embora. Zack sabia tanto a meu respeito e eu nada sobre ele. Não que eu devesse querer isso, mas puxa, era meu primeiro vampiro para caçar. Queria aprender mais.

– Não se preocupe. A gente se vê amanhã.

– Você disse que não lia pensamentos – protestei, assustada e envergonhada.

– Oh, você estava pensando mesmo em mim? Eu só tinha chutado.

Detesto tomate. Detesto parecer com um.

– Tchau, Jessi! – e sumiu na calada da noite.

– James... – respondi, quase adormecida, olhando para o vazio – equipe Rocket decolando na velocidade da luz!

Estranho convite



Devo admitir que o dia passou muito devagar para o meu gosto. Queria muito encontrar Zack e me sentia culpada por isso. Seria a fascinação que vampiros exercem sobre mim? Ou por que ele era realmente gato?

Ou os dois?

Poxa, atire a primeira pedra quem nunca agiu como adolescente!

Tirando a época certa, digo.

As *otakus* vieram me ver antes da aula trazendo uns imãs de personagens muito fofos para eu pôr no frigobar do meu quarto. Depois de me fazerem decorar os nomes de todos eles e seus respectivos animes, me informaram que Zack estava na biblioteca.

Isso eu já sabia.

Havia sentido, com cada célula do meu corpo. Era como se me chamasse, como se a presença dele estivesse em minha mente. Não era assustador, pelo contrário. Era uma atmosfera envolvente, que eu não *deveria* sentir. E se ele realmente estivesse me chamando?

Tinha um ar de mistério nisso tudo. Ele era transparente demais. E se tudo fosse uma armadilha? Ele tinha 800 anos, afinal, quantos planos ardilosos não podiam passar por aquela cabecinha?

Quando entrei na biblioteca, Zack já estava lá, com uma cadeira vazia à sua frente. Ele voltou os olhos pra mim serenamente e gesticulou-me de modo a mostrar a cadeira. Em meio aos olhares voltados para minha pessoa que desejava mais que qualquer coisa passar despercebida, caminhei decidida até ele e sentei-me, olhando em volta.

A loira de torcida e suas amigas estavam me fuzilando com os olhos, obviamente. Provavelmente só estavam ali por causa de Zack. Duvido muito que alguma vez tenham aberto qualquer um daqueles livros mesmo que para salvar suas vidas.

A única coisa que provavelmente achariam para ressuscitar suas vidas seria um catálogo da *Vogue*.

– O que foi agora? – eu disse nervosamente, pegando um livro qualquer sobre a mesa que revelou ser o mais recente de *Sherlock Holmes*. A ironia quase me fez rir.

Ele passou algum tempo em silêncio e sorriu.

– Acho que estou me apaixonando por você.

Não vou mentir dizendo que soltei uma risada interna e pensei que agora ele estava em minhas mãos. Na verdade, me senti tímida como nunca. Um calor violento me percorreu. Comecei a me abanar ridiculamente com o livro do Sherlock.

– Foi antes ou depois de beber meu sangue?

Ele deu uma risadinha discreta. Dessa vez muitas pessoas olharam. Pelo visto não era uma coisa que ele fazia sempre, mas eu estranhava esse fato, dele ser tão solto comigo. A palavra “armadilha” martelava em minha mente como um badalo de sino.

– Digamos que isso ajudou a me sentir mais íntimo de você.

Certo, ele era o cara mais gato do planeta e por uma ironia do destino o homem que eu devia matar. Sim, você deve considerar que eu me sentia uma adolescente outra vez.

Não a parte que eu tinha que matá-lo, quero dizer.

Eu nunca fui muito popular na época de adolescente. Usava aparelho, era meio gordinha e alta demais para minha idade. Mas puxa, por que um cara lindo desses se apaixonaria por mim, assim, do nada, mesmo depois de crescida? Eu era mesmo uma mulher mais velha e agora magra, com dentes perfeitos, e nem por isso via fascínio algum dos rapazes da universidade por mim. Tinha que ser uma armadilha, não?

Mas no fundo pensei que deveria aproveitar aquele momento. Era uma chance que eu tinha de passar por aquela sensação como se fosse convidada para o baile de primavera. Tá, certo, eu tive namorados, mas ninguém era tão lindo e divertido assim.

– Você... me acha bonita?

– Claro, acho você linda.

Ele não sentia nenhum embaraço ao falar. Nem media as palavras.

– A mulher mais linda que você já viu?

– Não.

Definitivamente não media as palavras.

– Não??

– Ora, por favor. Tenho cerca de 800 anos e quantas mulheres você acha que eu vi durante esse tempo? Vi deusas egípcias. Ora, vi até homens mais bonitos do que você!

– Por que não vira pro lado e cai morto?

Ele soltou uma sonora gargalhada e apontou-me um dedo como se fosse uma pistola.

– Ora, porque esse é o *seu* trabalho!

Levantei da mesa pau da vida, jogando contra ele meu livro do *Sherlock*. Nessa hora, Rick entrou na biblioteca, cercado dos seus amigos jogadores de algum esporte que sinceramente não fazia a mínima questão de saber. Antes de se dirigir à mesa de sua adorável namorada-loira-de-torcida acenou pra mim, que respondi com um sorriso e outro aceno.

Que bom que dessa vez não derrubei nem ele nem o time inteiro.

Senti o meu braço sendo apertado de súbito. Zack olhava para mim com aquele azul intenso, e seu rosto estava impassível como uma rocha.

– Vou deixar uma coisa bem clara aqui. Não quero você olhando para outros homens.

Peguei meu livro do *Sherlock* só para jogá-lo novamente na cara dele, que novamente explodiu com uma gargalhada.

Zack, não o livro.

Quer dizer, não que eu realmente me assustaria se o livro falasse. Afinal, vampiros, lobisomens, livros falantes, já estava acreditando em tudo.

Bem, quase tudo. Os políticos ainda não me convencem.

Digamos, a maioria das coisas.

Zack, apesar da risada, lançou um olhar fuzilante para Rick, que nem percebeu.

Qual é a desse vampiro, afinal? Nem somos namorados e já está dando uma de ciumento possessivo?

A loiríssima garota de torcida não tirava os olhos de mim, também. Acho que ser objeto de *bullying* é uma marca registrada minha.

– Você tem talento para escolher seus inimigos – riu ele, notando os raios saindo dela e me acertando como se fossem os lasers de *Guerra nas Estrelas*.

– Não escolhi inimigo nenhum – respondi, secamente. As encrencas me perseguiram como cachorro vira-lata atrás de língua.

– Bem, mas se ela sente que você é uma ameaça, talvez Rick esteja realmente interessado em você. Ou dando a entender que sim.

– Ah, sabe o nome dele também? E o dela, qual é?

– Eu já estou aqui faz tempo. Ela se chama Linda e é uma das diretoras de meu fã-clube. Em resumo, líder de um bando de desocupadas.

– Estranho... ela tem namorado...

– Que, pelo visto, também dá em cima de outras, não? – disse, erguendo uma sobrancelha – Como é o nome dessa coisa hoje em dia? Ah, é... relacionamento aberto.

– Ora, cale essa boca!

Tentei alcançar o livro do *Sherlock* outra vez, mas ele o tacou para o outro lado da sala.

– Idiota – eu disse, frustrada.

Pisei fundo para sair da biblioteca, mas antes mesmo de sair, ouvi meu nome sendo chamado outra vez.

– Jéssica!

Ai meu Deus que não seja o Rick, ai meu Deus que não seja o Rick, ai meu Deus que não seja...

– Jéssica! – disse ele, pegando de leve em meu braço.

– Oi, Rick...

Idiotas! Os dois, ele e eu.

– Já vai? Escuta, que tal assistir o jogo de amanhã à tarde? Ia ser legal ver você lá.

Lancei um olhar para a mesa uns dez passos atrás dele. Os rapazes trocavam entre si risinhos suspeitos, as meninas estavam boquiabertas e eu nem quero descrever a expressão na cara de Linda. Tipo a de *Freddy Krueger* quando resolveu fazer a sua primeira vítima.

– Hã, não sei... olha, por que não chama a Linda? Não é a sua namorada?

– Ah, ela vai estar lá, com certeza, mas eu queria que você fosse também.

– Eu não sei... nem sei o que você joga. Não sou muito chegada em esportes, sabe?

– Jogo basquete! Vamos, gostaria muito mesmo que você fosse.

Ele pegou em minha mão e senti os pêlos na minha nuca arrepiarem-se. Olhei instintivamente para Zack. Ele estava sério, fingindo estar folheando um livro. Tenho certeza que podia ouvir a nossa conversa, mesmo estando distante cerca de uns vinte passos.

– Vou pensar...

Saí dali procurando não tropeçar, mas estava tonta. Quando foi que tomei essa fórmula de amor para fazer os caras lindos e errados se apaixonarem por mim? Certo, estou pondo o carro na frente dos bois – nossa, que expressão velha – Rick em nenhum momento disse que estava apaixonado por mim. Só Zack. E ainda assim acho que ele só disse isso para me convencer a não matá-lo.

Mesmo sabendo que minha capacidade para isso é quase nula, embora eu preferisse acreditar que o Conselho tivesse visto algo de especial em mim.

Esbarrei com as *otakus* no corredor enquanto, meio zozna, tentava ir ao quarto.

– Jessi! – gritou Estela.

– James! – gritou Dine.

E a outra terminou a frase do anime.

– Você também está tonta, Jessi? Tirar sangue foi de lascar, né?

– Eu disse a vocês, não foi?

– Mas e aí? – cortou Sofia, alegremente – Novidades? Zack estava aí?

– Hã... estava sim...

Eu não queria contar a elas sobre Rick. Não queria envolver ninguém mais nisso, para mim era só uma bobagem. Também não queria que me condenassem e me acusassem de estar tentando roubar o namorado de ninguém. Porque eu não estava.

De súbito a porta da biblioteca abriu outra vez e eu congelei. Ninguém pode me acusar de derrubar ninguém se a pessoa me atropelar por si mesma.

Sim, às vezes sou meio paranóica. Acusação é comigo mesmo.

Mas não era Rick, dessa vez.

– Zaack! – gritaram as *otakus* em coro, animadas.

– Olá, amigas da Jéssica – respondeu ele, tentando em vão não parecer íntimo – Será que podem me fazer um favorzinho?

Elas sorriram derretidas e eu fiquei muito curiosa.

– Jéssica, sinto muito, mas é particular – cortou ele, me deixando com cara de assombro.

Assombro, essa foi boa. Ele é um vampiro, não um fantasma, mas enfim.

– O... o quê?

– Eu quero pedir algo às meninas... Você já não estava de saída?

Claro que me ofendi. Quer dizer, estava sendo expulsa da companhia de minhas próprias amigas! Tudo bem que elas eram meio louquinhas, mas eram minhas amigas, ora bolas! O que raios ele pretendia fazer?

Fiz cara de pouco-caso e fui para o quarto pisando fundo. Agora sim, eu ia mesmo àquele jogo de vôlei, basquete, sei lá o quê.

Atire a primeira pedra quem nunca quis se vingar de seu paquera.

Bem, não que Zack fosse realmente meu paquera, a gente só estava se conhecendo antes de eu matá-lo, uma coisa inocente, só isso...

Ah, quer saber, guarde a sua pedra para você mesmo.

Proteção a distância



Nada como um dia após o outro. No fundo não me sentia culpada de ir a esse jogo de futebol (ou era basquete?) desse tal de Rick. Afinal veria um monte de homens lindos correndo ou jogando alguma coisa e querendo aparecer para as meninas.

Não pense que sou tarada ou coisa desse tipo, longe de mim! É porque me remete aos tempos de adolescente. Da época em que eu queria que eles ficassem ao meu redor. Coisa que nunca aconteceu e eu já tinha pensado que perdera essa fase.

Enfim, Rick estava lá, batendo a bola no chão – então era basquete – e alheio ao que acontecia ao seu redor. A loiríssima-garota-de-torcida-diretora-do-fã-clube-do-Zack estava lá também. Com roupinha e tudo. Daí vi que o uniforme dela era de cor diferente do uniforme das outras, o que remete a ideia que eu já tinha pensado, o fato dela ser a líder do grupo de torcida também.

Zack tem razão, eu realmente escolho bem meus inimigos.

As amigas dela não sabiam se prestavam atenção em mim ou no time, embora os olhares dirigidos para ambos fossem bem diferentes.

Linda levantou-se, toda empertigada e veio em minha direção. Era só o que me faltava.

Primeiro *round*.

Bom, de uma coisa você pode ter certeza, eu não era mais aquela menininha gordinha, tímida e de aparelho nos dentes que ficava sentada sem incomodar ninguém. Agora minha mão era muito mais pesada.

Como diz minha mãe, dou um boi para não entrar numa briga, mas dou uma boiada para não sair. Pelo amor de Deus, sou quase dez anos mais velha do que ela!

Pelo amor de Deus, também sou quase cinco anos – eu acho – mais velha do que Rick. O que eu estava fazendo? Era só pra provocar Zack? Desde quando me tornei tão fútil assim?

Ah, bom, isso já faz algum tempo.

De qualquer forma, quando a loiríssima (acrescente o título) passou bem perto do banco onde eu estava sentada, tive que tirar meus pés do caminho para não ser pisada por ela.

– Oi, Jéssica. Veio ver *meu* namorado jogar?

– Sim, eu não pude recusar o convite dele. Afinal, foi tão insistente.

Cá entre nós, eu não presto.

O rosto dela pareceu mudar de cor, mas o sorriso congelara na face.

Ou isso ou ela planejava me morder.

– Bem, então aproveite a vista. Saiba que ele só está fazendo isso pra me provocar. Você é completamente sem-graça, embora use essas suas roupinhas super-chiques. Acha que é alguém, é? Você não é ninguém!

Ai, eu queria era uma briga de verdade. Só faltava a guria me chamar de boba e me dar a língua.

Bom, eu realmente não queria uma briga de verdade, mas parecia que estava discutindo com uma criança.

Só lancei-lhe um olhar tedioso e logo percebi que as amigas dela vieram se juntar à festa. Ai, agora me senti tia de creche.

– Fique longe do Rick, viu, Jéssica?

– E do Zack – acrescentou uma delas – ele é nosso!

– Verdade? – respondi com sarcasmo – E ele sabe?

Uma delas puxou-me pela gola da camisa e me fez levantar.

Nossa, e não é que aquelas meninas eram fortes? O meu argumento de “fique longe de mim, tenho mão pesada” já não era mais válido. Talvez pudesse usar o argumento de “vocês não bateriam numa pobre velhinha, certo?”.

Nunca pensei que levantar pompons desse tanto resultado.

– Não sabe com quem está brincando, novata. A gente domina isso aqui. Não diga que não te avisei.

Antes de se virarem para ir embora, Rick havia notado o tumulto e correu em minha direção.

– O que está acontecendo? Jessi, você está bem?

Eu balancei a cabeça, querendo estar bem longe dali.

– Ah, sim, estou. Não foi nada não. Só estávamos...

Elas nem esperaram eu dar uma desculpa esfarrapada. Deram as costas e a loira ainda lançou um olhar de ódio concentrado para Rick.

– Não ligue pra elas. Vem, sente mais perto do meu time.

Ele puxou-me pela mão e levou-me para mais perto do banco dos reservas. Eles deram olhares reservados (trocadilho horroroso) e faziam comentários entre si, por vezes com um risinho ou outro. Nunca me sentira um objeto antes. Queria vomitar.

O jogo rolou solto ali, mas nem vi. Na verdade não sabia quem estava ganhando, nem estava torcendo pra ninguém enquanto as suadas torcedoras – ah, era por isso que eram tão fortes – sacudiam seus pompons com toda fúria.

Fiquei realmente com medo de me tornar um daqueles pompons.

Nisso percebi que as *otakus* entraram no ginásio e estavam sentadas ao longe. Não sabia se tomaram conhecimento de que eu estava ali, mas pareciam estar assistindo ao jogo. E se elas pensassem que eu realmente queria tomar o Rick da Linda? Eu realmente não queria. Mas o que eu queria provar para mim mesma?

Talvez só estivesse sendo levada pela situação. Isso é que dá ter vivido como uma adolescente conformada.

Minhas unhas já eram, roí com afinco. Quando havia tomado a resolução de sair logo dali, um apito tocou. Era fim do jogo.

Nossa, como o tempo passa rápido quando você está com a gastrite corroendo seu estômago.

Infelizmente um tempo bem longo para seu estômago.

Rick veio correndo todo animado – ah, então acho que ele ganhou – ao meu encontro. Levantou-me do banco e me puxou para quadra, segurando em minha cintura.

Quando foi que os caras mais novos ficaram animadinhos assim? No meu tempo isso demoraria algo como meses.

Quer dizer, não que já tenha acontecido comigo, mas já vi acontecer.

– Essa vitória é para você, Jessi.

– Você não acha que está indo muito rápido? Quer dizer, olha o problema em que está me metendo!

– Você tem medo delas? – riu ele, com um certo desdém.

– Não, mas é que...

– Você não gosta de mim?

Engoli em seco. Bem, eu não queria magoar os sentimentos dele, afinal ele era um pedaço de mau caminho – ai, outra expressão velha – e com certeza um partidão. Atlético, lindo, forte, provavelmente rico, já que seus tênis custavam quase o meu salário anual de secretária. Por mais que eu quisesse reviver uma época que nunca tive, ele era novo demais pra mim. Certo, talvez não tanto. E Zack... bem, ele era minha vítima, não meu paquera.

Quando tantos pensamentos começaram a fazer parte da minha mente? Meu cérebro vai acabar fundindo.

– Eu gosto... sim, de você, mas é que...

Ele deu um sorriso de ponta a ponta e me abraçou.

Isso foi demais pra Linda.

Foi demais até pra mim, na verdade. O cara estava todo suado, fala sério.

Ela levantou-se como um dragão pronto para destruir uma cidade. Se fosse um jogo de RPG ela seria o que diríamos de “a última forma do inimigo final”.

– Pára com esse showzinho, Rick! O que você está querendo provar?

– Ah, está irritada? Agora sabe como se sente quando alguém que você gosta fica às voltas com o cara mais popular da universidade.

– Eu não estava às voltas com ele!

– Ah, mas queria, né? E agora que estou às voltas com a paquerinha dele você acha ruim.

Peraí, peraí. Pára o mundo que eu quero descer. Paquerinha?

– E se eu for com ela para o Baile de Primavera? Você vai levar o Zack, agora que Jessi e eu vamos namorar?

Oi, pára o mundo mesmo que não só vou descer como ainda vou vomitar. Namorar??

– Desculpa, Rick... – ela murmurou com a voz mais pretensa à meiguice que podia possuir.

Nunca me senti tão observada na minha vida. Nem mesmo quando recitei meu primeiro poema de Dia das Mães na frente da escola inteira.

Rick me soltou e abraçou Linda.

– Tudo bem, paixão. Agora você sabe como é.

Então os fatos vieram à minha cabeça como um choque.

Fui usada.

Descartada.

Por isso Zack olhava para ele de modo tão feio. Será que podia pressentir alguma coisa? Será que mentiu para mim também?

Nunca tinha sido usada antes. Claro, não era uma linda adolescente nem nada, mas nunca pensei que seria tão ruim. Eu sonhava com o dia que brigariam por minha causa, e ser usada para provocar ciúme não parecia ser tão diferente.

Não parecia.

Quando estava me preparando para enfiar a cara no primeiro buraco que encontrasse – nem me importaria se o buraco em questão fosse uma privada – eis que surgem minhas salvadoras. Com orelhinhas, colares de personagens, blusas de anime e tudo.

– Jéééssi! Bem que você disse! Nossa, e não é que ela realmente conseguiu fazer os dois brigarem, Sofi?

– Verdaaaade, Dine! Ganhou a aposta com certeza!

– Aposta? – estranhou Linda, que até aquele momento estava rindo às minhas custas.

– Sim, ela apostou com a gente que não só ganhava o coração do cara mais lindo da escola como ainda faria os dois mais populares brigarem por causa dela. Nossa, você realmente arrasa, Jessi. Por isso que Zack está tão caído por você!

Eu não sabia o que dizer. Aquilo parecia um circo e adivinhe quem era a palhaça.

Puxei Estela de lado e sussurrei-lhe buscando uma explicação que encaixasse naquela loucura.

– O que raios estão fazendo?

Ela segurou em meu braço e me fez um movimento para que cooperasse com elas.

– Entre no jogo!

– Vocês vão me matar! Olha como as amigas dela e os jogadores do time estão me olhando torto!

– Psst! Foi ideia do Zack!

– Isso não me surpreende. É uma armadilha pra me matar. Agora todos vão suspeitar de mim, como se eu fosse uma criminosa.

– Bem, antes suspeita do que humilhada, acho.

– Foi ele quem mandou vocês dizerem essas coisas? Foi isso então que ele pediu pra vocês?

– É isso aí!

Eu estava certa. Ele sabia de tudo. O que mais escondia de mim?

Então era capaz sim, de ler pensamentos. O pior foi lembrar-me de todos os pensamentos que tive perto dele. Ai, que vergonha!

Por mais que percebesse que elas só queriam me ajudar, me elogiando ali na frente de tudo e de todos, e mesmo eu sabendo que tudo o que Rick fez foi me usar para provocar ciúmes na sua namorada líder de torcida, também me senti usada por Zack. Talvez essa não fosse a palavra exata, mas nada tirava da minha cabeça que ele mentira pra mim.

Acho bom ele me visitar aquela noite e acho bom ele ter uma explicação bem clara.

Saí dali escoltada por elas, e podia ver pelo canto dos olhos que tanto Linda quanto suas discípulas rangiam os dentes. Rick apenas me olhava embasbacado. A sensação que ele tinha é de que fora usado por mim, e não o contrário; pelo menos essa foi a impressão que as meninas causaram.

As minhas heroínas me deixaram no meu quarto, insistindo para que as acompanhasse até o quarto de Sofia, onde iam exhibir um novo anime, sobre uma menina feia que sofria na escola maltratada por outras alunas e que no final ficava linda (pra que me contaram o final eu não sei. Qual é a palavra que elas mesmas usam pra isso? Ah, é, *spoiler*). Eu não queria ir por dois motivos simples.

Eu queria esperar pelo Zack.

A menina feia seria uma versão mal feita de mim mesma.

Elas não insistiram muito, então entrei, tomei banho, resolvi usar o meu *baby doll* mais fofo e vestir uma cara zangada. Aproveitei pra pôr meus e-mails em dia, responder à mamãe, etc. Zack não havia enviado nada dessa vez.

Ah, é, eu tinha aula, mas falemos sério. Com que cara eu ia aparecer na sala?

Sem contar que, depois da aula, minha cara provavelmente ganharia um olho roxo, então deixa pra lá.

Depois da meia noite e uma sessão de programas sem-graça na TV (incrível como aquele filme que você estava louca para ver não passa quando você está realmente sem nada para fazer na frente do aparelho) percebi que Zack definitivamente não iria aparecer.

Chorei, claro. Mas só o suficiente para minha cara não parecer inchada pela manhã. Ou que não pudesse ser disfarçada com uma bela maquiagem.

Segredos?



O dia passou normalmente. As *otakus* já estavam lá no meu quarto pelas oito da manhã e acharam que a minha cara meio inchada era realmente de sono. Mesmo porque devia ser mesmo. Por incrível que pareça, acham que todos têm a mesma disposição que elas.

Bom, mas eu sempre calculo bem as lágrimas que derramo, oras. Anos e anos de adolescente gordinha aparentando bom humor em qualquer ocasião.

O que achei engraçado foi não ver Rick, nem no refeitório, nem na aula. Aliás, não vi ninguém do time. Não que eu quisesse, lógico, mas era estranho, não?

Quando a noite começou a despontar, estava sentada do lado de fora no jardim, sozinha em um banco, admirando o surgimento das primeiras estrelas. Senti a presença de Zack. Não precisei torcer o pescoço para o lado, já estava sentindo um arrepio incontável descendo pela minha espinha.

– Oi, querida. Dormiu bem?

– Sim. Afinal, você não apareceu dessa vez.

Ele sorriu meio desconcertado, coçando a cabeça.

– Hum, eu ia, mas estava meio ocupado.

Bem, eu me senti um pouco magoada. Ele sabia que eu devia estar me sentindo triste. O que poderia ser mais importante do que consolar sua caçadora?

Eu virei as costas para ir embora, mas ele puxou-me pelo pulso.

– Espere! Não vamos jantar juntos?

– *Quem* janta junto? Você bebe sangue, esqueceu?

– Faz mais de 800 anos que sei disso. Mas eu quero te acompanhar,oras.

– Qual outra mentira você vai me contar agora?

– Mentira?

– Então você não lê pensamentos, não é? Como sabia que Rick ia me usar na frente de todo mundo?

Ele suspirou.

– Eu não leio pensamentos, mas vejo as intenções. Assim como você sente minha presença, – oi, quem contou isso pra ele? – eu sei o que se passa nos corações das pessoas, Jéssica, por mais gay que isso possa parecer.

– Parece gay, mesmo.

– Mas te garanto que não é! – ele sorriu, animado – E o nosso jantar?

– Vá assaltar algum banco de sangue e me deixe em paz.

– Ainda está magoada?

– Estou bem – respondi secamente e segui para o corredor, sendo seguida por ele (Zack, não o corredor), inevitavelmente. Admito que gostava.

De ser seguida pelo Zack, não pelo corredor, como já falei.

Sei que estou soando como uma idiota, mas é essa reação que esse vampiro cretino causa em mim.

Contudo, ele parecia estar um pouco mais lento do que de costume.

– O que você tem? Está meio pálido...

Antes que eu pudesse consertar a besteira que falei, ele já tinha virado a cabeça para trás e soltado uma gargalhada.

– Sim, eu costumo aparentar essa cor. Pode ser por causa dos meus dentes pontudos, quer ver?

Já estava me acostumando a sofrer alguma espécie de taquicardia toda vez que o encontrava, mas do jeito que ele falava até parecia uma proposta indecente.

– Não os mostre, safado, senão os arranco com um soco.

– Ora, ora, estamos violentos hoje...

Assim que entrei para o refeitório, percebi que muitos olhares estavam voltados para nós, para variar, mas pareciam um pouco

mais assustados. Rick passou pela porta ao lado das mesas, junto com todo seu time de basquete adorável, mas freou assim que avistou Zack e eu. Na verdade, os olhares dele e de seus colegas de time estavam muito diferentes.

Estavam bastante roxos, aliás.

Sem contar umas marcas vermelhas de contusão espalhadas pelo corpo que significavam que, ou ele teve um jogo de madrugada depois daquela partida contra os lobisomens de Barkerville, ou ele e seu time inteiro levaram uma tremenda surra.

Não que uma coisa não exclua a outra.

Correram para a porta da saída sem cerimônia. Zack tentou, mas não conseguiu disfarçar um sorrisinho.

– Você! Você bateu naquele time todo?

– Não sei do que está falando.

– Vai mentir pra mim de novo? E eu que estou violenta, não é?

– Hã, está certo, bati sim, mas eles mereceram.

– Todos eles?

– Ora, eu comecei a bater no Rick, eles apareceram para defender seu capitão e uma coisa leva à outra e aí...

– Que outros poderes de vampiro você tem, afinal?

– Assim... todos.

– Rá rá rá. Quais são eles?

– Não quer descobrir por si mesma? Por exemplo... tenho um hálito quente apesar da pele fria. Quer um beijo?

– Pelo visto você também tem todos os poderes masculinos de sedução que, infelizmente, não funcionam comigo desde meu primeiro namorado.

– Droga, e um dia eu achei que podiam servir para alguma coisa.

Não pude evitar sorrir, mas minha intuição feminina me deixava inquieta. Tinha algo sobre ele que eu ainda não sabia.

Certo, tinha muita coisa sobre ele que eu ainda não sabia.

Mas o que era aquela força extrema?

Lembrar de anotar no meu caderninho: “vampiros têm força sobre-humana. Capazes de dar uma surra em um time de basquete inteiro.”

Ele ainda permaneceu conversando comigo, mas deu logo uma desculpa qualquer e retirou-se. Tinha um semblante cansado, como de alguém que não dormiu a noite inteira.

Desculpe, eu tinha que usar essa piadinha.

No dia seguinte, já era missa, e eu não podia perder. As *otakus* até quiseram me acompanhar e fiquei feliz, mas achei um pouco perigoso. Afinal, tento passar pelas ruas discretamente – algo que elas definitivamente não sabem fazer. Acho que já era hora de começar a frequentar a missa de manhã, mas ainda não consigo acordar devidamente cedo no domingo.

De qualquer forma, vivi todo o transtorno de passar pelas ruas escuras sozinha outra vez, mas não senti nenhuma presença além das corujas e ratos de esgoto irritantemente passando sem aviso. Ou um morcego aleatório que não parecia inspirar a presença do Conde Drácula.

Cheguei na igreja, sentei-me em algum banco perto da janela, mas não conseguia me concentrar. Tudo estava acontecendo rápido demais. Senti-me profundamente sozinha, desorientada e impotente. Novamente, as sensações das minhas aulas de *handball*.

Logo em seguida, a presença de Zack. Estava calmo, mas por mais que torcesse o pescoço disfarçadamente ao redor, não podia vê-lo. Estiquei meu olhar por cima dos vitrais e o vi sentado ao pé de uma árvore, do lado de fora. Bem, eu não sou daquelas que sai no meio da missa, mas Deus sabe que eu não conseguiria me concentrar de jeito nenhum.

Ele parecia estar bem entretido olhando para dentro, mas não se assustou quando o cutuquei com o pé.

– Oi, Jessi. Que foi, já assistiu essa missa? Reprise?

– Não tem graça. Não consigo me concentrar. E você, que raios faz aqui fora?

Achei que ele ia dizer alguma gracinha, mas apenas suspirou dramaticamente. Parecia realmente um pouco abatido.

– O que acha dos vampiros, Jessi?

Aquela foi uma pergunta bastante incomum. Eu realmente não sabia o que dizer.

– Eu... eu não sei. Nunca pensei que vocês existissem mesmo, eu só...

– Então realmente o Conselho cometeu um erro... – murmurou ele para si, mas escutei e fiquei amuada. Tinha acabado de confessar que fui recém-recrutada.

Tudo bem, ele já devia ter percebido isso desde o momento em que me viu, mas puxa! Não dou uma bola dentro!

Outra expressão velha.

– Mas por que me pergunta isso? – perguntei, tentando desviar o assunto.

– Você gostaria de ser vampira?

“Calma, Jessi, calma. Ele só está tentando te intimidar” – disse meu cérebro.

Bom, na maioria das vezes ele tem razão.

“Ele” quer dizer “meu cérebro”.

– Acho que... hum, acho que vampiros estão na moda, mas eu realmente não gostaria de ser uma, desculpa a sinceridade. Que graça tem viver milhares de anos? Acordar todos os dias torcendo para que seu dia não seja igual àquele que você passou muitos anos atrás? Não ter expectativas, porque tudo vai ser igual, sofrer repetidas frustrações e ver todos os que você ama desaparecendo um a um...

Ele abaixou a cabeça e eu me calei.

– Você pode não ter talentos como caça-vampiros, Jessi, mas sabe que você me entende?

Eu deveria ficar ofendida? Acho que não, admito mesmo que não tenho talento.

Ele continuou.

– Depois de “viver” tanto tempo, visitar milhares de lugares, beber tanto sangue, matar tanta gente... não tem mais graça. Quer dizer, não que matar gente tenha tido graça, eu só não tinha escolha... até que...

– Até que...

– Bem – ele sorriu, desconcertado – eu sinto falta de ser humano. Uma vez eu vi um vampiro queimar até as cinzas quando ele entrou em uma igreja. Fiquei fascinado. Quer dizer, não pelo fato dele ter

morrido, mas pela quantidade de poder que saiu daquele altar. Uma força tão poderosa que vocês não sentem... nem eu sentia antes de ser transformado.

Certo, chegamos a uma parte interessante. A transformação de Zack. Sexy, não? Aconcheguei-me mais para perto dele. Zack não percebia, mas estava demonstrando ser essencialmente... humano.

– Como você...

– Como virei vampiro? – adivinhou ele – Bem, lugar errado, numa hora errada.

– Hum... e onde foi?

– Na rua.

– Em que hora?

– Umás onze, eu acho.

Certo, não estávamos indo a lugar algum. Ele, todo o tempo, tinha o olhar perdido no horizonte. Ou no padre no altar, eu não sei. Realmente parecia esgotado.

Ele, não o padre.

Ou talvez os dois, eu não sei da vida do padre.

– Para simplificar, já que está tão curiosa, fui atacado por uma mulher misteriosa. Depois que ela, Jessi, bebeu meu sangue, derramou o sangue dela em minha boca, exatamente como você vê nas histórias de *Anne Rice*. Queria que eu fosse seu servo eternamente.

Senti uma pontinha de ciúme me incomodando. Despachei logo em seguida. Algum caçador maravilhoso devia ter acabado com aquela bandida muitos anos atrás. Afinal, o Conselho não deixa brechas.

Só comete umas mancadinhas.

– *Deixa* eu adivinhar – me meti na história, supondo ser aquele o clichê mais comum do mundo – você foi servo dela por um tempo, aprendeu todo o ofício de bebedor de sangue e ela te deixou ou morreu carbonizada por algum caçador incauto.

Ele riu.

– Claro que não! A mulher era uma baranga! Saí correndo assim que vi que era poderoso o suficiente para deixar ela pra trás. Voltei para o bar com meus amigos e enchi a cara.

Essa era nova. Acabou de virar vampiro e vai beber com os amigos?

O certo seria beber *os amigos*, não?

– Mas a sede me incomodava – ele continuou – Voltei para casa, me matei – aqui ele riu – de tanto beber água, mas nada adiantava. Até que fiz minha primeira vítima, levado pelo desespero. Tenho vivido assim desde então. *The end!* E aí, gostou da história?

– Era só uma história?

– Não, é tudo verdade. O que acha que eu sou?

– Um mentiroso.

– Sim, mas só nas horas vagas.

– Tem muita coisa que você não me contou, não é?

Ele sorriu misteriosamente, como só um vampiro muito sexy conseguiria fazer.

– Todos têm segredos, Jessi.

Zack ficou em silêncio todo o tempo. Chegou a hora da comunhão e ele desviou o olhar. Parecia incomodado. Já eu nem tive coragem de voltar para missa, depois de ter passado o tempo todo conversando com ele.

Quando terminou a celebração e todos foram embora, ele olhou para os lados, ansioso. Depois segurou em meus ombros e sussurrou:

– Jessi... você não sabe com quem está se metendo. Você tem que ir embora. Rápido.

– Ah, já está demonstrando medo de mim! Agora é tarde, Zack, eu sei dos seus pontos fracos!

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Jura? Qual é?

Eu fitei-o por uns instantes. Será que não podia aproveitar toda aquela conversa melodramática para nada?

– Er... hum... o fato de você não poder entrar numa igreja?

Ele riu.

– Vai me empurrar pra dentro de uma? Jessi, já viu a força fenomenal que carrego?

Ai, que droga! Eu não consigo pegá-lo no pulo!

Por favor, diz que essa não é uma expressão tão velha assim.

– Eu vou descobrir, viu?

– Certo – ele retrucou com um sorriso – vou tentar ajudar.

Eu comecei o caminho de volta, mas ele não me seguiu. Ficou ali por um tempo, tentando observar o altar melhor. Achei que não devia incomodá-lo e segui o caminho de volta, pensando nas coisas que tinha me dito. Devo confessar que na minha época adolescente eu imaginava que ser vampiro era o máximo. Mistérios, coisa e tal. Tom Cruise, Brad Pitt, é tudo culpa deles. *Entrevista com o Vampiro* foi o primeiro de uma série.

Mas nunca havia pensado em como devia ser tedioso. Como devia ser horrível ver o mundo na escuridão por tantas centenas de anos. Que sonhos ele teve? Será que já amou alguém? Como comunicou os pais que virara vampiro bebedor de sangue (pleonasma só para parecer mais sério) e que eles não deveriam mais se preocupar, já que ele não se tornou um drogado, não repetiu na faculdade, não engravidou a namorada ou coisa parecida?

Talvez da mesma forma que meus pais me contaram que não eram dentistas nem professores, e sim caçadores de vampiros com a cara mais deslavada desse mundo.

Deixa pra lá.

Depois que passei a perceber minha respiração saindo em forma de fumaça da minha boca, comecei a ouvir passos atrás de mim e uma presença forte. Parei, esperando que fosse Zack. No fundo eu sabia que não era. Meu coração teria saído pela boca se eu não o tivesse engolido de volta. Eu sabia.

Estava sendo seguida. Ou caçada.

Que engraçado. Alguém sabia fazer isso melhor do que eu!

Ameaças



Era de se esperar, convenhamos. Sempre tem uma espécie de ‘presença’ em livros de vampiro, uma força poderosa e ameaçadora rodeando a vida dos personagens principais. Vamos lá, *O vampiro Lestat*, *Entrevista com o vampiro* (eu sei, já citei, mas adoro), *Diários do Vampiro*, algum outro? Deve ter uma porrada. Esse devia ser diferente. Afinal, sou a caçadora deles, deviam ter medo de mim. Se essa fosse a presença de um vampiro, óbvio. Podia ser de um rato, tenho pavor.

De repente estou exagerando as coisas.

Desta vez não deixei o salto atrapalhar. Morrendo de nojo descalcei-os e comecei a correr pelas ruas – meu Deus, como um lugar pode ser tão deserto assim? – contornar esquinas, pular buracos, pisar nas malditas pedrinhas espalhadas pela calçada. Em vão, ela parecia estar mais perto.

Okay, não era um rato. De repente senti todos os anos em que não frequentei academia pesarem em minhas costas. Não teria sido mal ter seguido os conselhos do meu cardiologista, pensei, enquanto diminuía consideravelmente os meus passos com a falta de ar e me apoiava em um alto muro de tijolos. Ele não estava só fazendo o papel dele, me mandando fazer exercícios físicos. Na verdade, o médico podia estar muito bem prevendo o que ia acontecer, mas ao invés de olhar uma bola de cristal, olhava apenas aqueles exames de raios-X que ninguém sabe ao certo como um negativo gigante pode revelar tanta coisa. Imagino muito bem ele falando: “Olha, posso ver aqui que você será perseguida em breve por uma presença maligna e

considerando sua falta de sorte é melhor começar a fazer corridas no parque. Ou então é estresse.”

De súbito senti uma outra presença que superou a primeira em termos de velocidade. A primeira parou. Meu coração quase parou também, mas fui suspensa no ar nos braços de ninguém menos que Zack, que me segurou fortemente no colo.

Com certeza, se eu tivesse tido um pouco mais de tempo, poderia saborear aquele momento nos meus devaneios de juventude, dizendo o quanto foi romântico meu cavaleiro de roupa escura – e futura vítima – aparecer para me salvar.

Sim, eu disse ‘mais tempo’. Mesmo porque não foi nada romântico. Ele simplesmente me jogou por cima do ombro para trás daquele muro altíssimo e senti o impacto de uma moita de espinheiro rasgando minha pele na queda. Murmurei comigo mesmo ‘idiota’ e lutei muito para levantar, sem jeito para me apoiar em coisa alguma. Só sentia os espinhos enfeitando minha pele como *piercings* muito mal colocados desfiando minha meia-calça novinha.

Parei de me mexer, no entanto. Sim, estava doendo ainda, mas o barulho vindo por trás do muro era inquietante. Ouvi o som de algo sendo rasgado. Depois um guincho, barulho de algum tipo de líquido jorrando e então... mais nada.

Tentei oprimir os gemidos enquanto me punha de pé e escalava os tijolos para poder ver a cena. Nada havia lá, nem Zack, nem presença, nada. Só um rastro de sangue no chão que parava alguns metros adiante.

Agora, vampiros *têm* sangue, não tem? De quem era aquele sangue? E onde Zack estava, por que não me esperou sair dali de trás e xingá-lo até a quinta geração?

Senti um pavor gelando meus ombros e a tensão quase me deixar com torcicolo. Talvez Zack estivesse perseguindo aquela coisa. Ou talvez... aquela coisa houvesse capturado Zack. Não, não queria nem pensar. Quem tinha que matar o Zack era eu! Como ficaria minha conta bancária? E quem ia pagar minha meia-calça?

Calma, não sou tão cruel assim. Eu estava *mesmo* preocupada com ele.

Ficar ali não ia adiantar nada, poderia ser até que a tal presença voltasse. Já chega desse negócio de presença. Mesmo porque a minha, de espírito, estava completamente abalada.

Tremi durante todo o percurso de volta, meus joelhos tilintando um no outro como se quisessem ocupar o mesmo lugar. Perderam a aula de anatomia, colegas? Sabiam que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço? Não, espera. Essa seria a aula de física... não é?

Respirei fundo. O porteiro podia saber que eu era excêntrica, mas não poderia passar a impressão de estar bêbada.

Chegando, voltei ao meu quarto torcendo para não encontrar ninguém pelo caminho. E quando cheguei, torci para ter encontrado. Ao menos teria alguém em quem me segurar e não sofrer outro choque ao ver uma adaga fincada na minha porta.

Deus amado, que noite longa.

Estava cansada e apavorada demais para conseguir ficar mais ainda. Suspirei, sacudi a cabeça, movimentei os ombros para relaxá-los. Mais duros que aquilo e eu me tornaria uma estátua de bronze. Talvez tipo um *Oscar*.

Havia um papel meio amassado, e decorado com letras de revista coladas, entre a adaga e a porta. É o fim da picada.

Picada, mordida... – rá rá rá. Estou ficando hilária.

"Saia, Se sabe o que É Bom pra Você!"

Claro que sei o que é bom pra mim.

No momento uma boa xícara de chocolate quente.

A adaga era na verdade uma faca de cozinha manchada de um líquido vermelho. Estremeci por um momento, pensando que fosse da tal coisa que estava me perseguindo, mas não devia ser. A não ser que o sangue dela fosse melado, pegajoso e tivesse cheiro de groselha.

Tirei a arma da porta, verifiquei se a mesma estava danificada (a porta, não a adaga) – afinal, eu ia ter que cobrar do Conselho a conta se viessem reclamar – e tirei o papel com cuidado. Entrei e deitei na cama.

Analisando os fatos, vamos lá. Agora eu não ia descobrir quem me atacou. Melhor nem pensar nisso; mas precisava saber onde estava Zack.

Das duas, uma.

Ele pode ter perdido todo aquele sangue e voltado para atacar o hospital atrás de mais para repor suas forças. A segunda seria aquela coisa ter realmente capturado o Zack. Foi quando me dei conta que não mexi no histórico dele e nem sabia onde o quarto dele ficava.

Que tipo de caçadora eu sou, pelo amor de Deus? Até ele já fez isso.

Levantei e abri meu laptop. Nenhum e-mail dele. Mas minha caixa estava lotada.

Não estou de brincadeira.

Nenhum da mamãe, nenhum do Conselho, nem mesmo spam. Estava lotada de ameaças, provinda de várias fontes. Todas anônimas. Nem eu sei como mandar e-mail com remetente desconhecido.

Não abri nenhum a princípio. Haviam mais de trinta e-mails com títulos “saia enquanto é tempo”, “abra se tem coragem”, “Vá embora” e outros que estavam repetindo-se. Abri dois, três, mas os teores eram os mesmos. Nem cheguei a pensar que era vírus, meu laptop já estava mais que acostumado mesmo. Já tinha criado imunização natural. Eram simples ameaças de morte.

Simples.

Se eu tivesse recebido um só desses na minha vida pacata de secretária de contador eu já estaria na clínica fazendo terapia e chorando horrores.

Na verdade, eu estou com a cabeça no lugar o suficiente para saber que posso fazer isso quando voltar.

Respirei fundo. Eram todos repetitivos, vindos de remetente desconhecido. Certo. Coincidiram com meu ataque na rua e a adorável faca de cozinha fincada na porta junto com outro bilhete

ameaçador. E que – detalhe cômico – continha sangue falso que cheirava a groselha.

Das garotas de torcida não deviam ser. Afinal, duvido que elas saibam digitar além das teclas do celular. Nem deviam saber onde ficava o *power* do computador. Do Zack menos ainda. Ele sabe a hora de ser engraçado – não perde uma piada na hora certa.

Peguei a carta de novo. Aquelas letras eram bem cortadas. Algumas estavam até contornadas direitinho. Foi uma mulher. Ou então um cara afeminado muito bem talentoso. Mas uma coisa me intrigou. Uma daquelas letras era de uma fonte muito diferente da que eu estava acostumada. Se foi de uma revista, que tipo de revista poderia ser? Revistas de moda usam fontes ‘fashion’ ou então bem cafonas. Aquela era no mínimo... bem, diferente. Do tipo usado em revistas de *Heavy Metal* ou Tatuagens. Hum.

Mandei uma mensagem para as meninas pelo celular decretando ordem da chefa requisitando presença. É, eu sei. Vai ser difícil me livrar de certos novos hábitos.

Não tive que esperar nem cinco minutos e ouvi batiques na minha porta. Batuque é bem a palavra certa, porque essas meninas não sabem o que é três toques e parar. Elas formam uma música na madeira.

– Olá, chefa! – responderam as três ao mesmo tempo quando abri.

Elas combinam isso antes ou já é meio automático?

– Meninas, mais uma missão de RPG e mistério para você solucionarem! Topam?

Naturalmente os olhos delas brilharam antecipando a resposta acompanhada de seus costumeiros gritinhos.

– Agora!

– Da hora!

– Demorou!

Eu peguei a adaga, mostrei a elas o sangue falso, a carta com letras cortadas e discursi sobre minhas teorias. Pareciam estar bem concentradas enquanto passavam de uma para outra os respectivos objetos. Sofia permaneceu calada e séria o tempo todo.

– Você suspeita de alguém?

– Considerando que toda escola me odeia?

– Isso não é verdade! – retrucou Estela – Só as meninas que gostam do Zack te odeiam!

– Bom, então podemos considerar o quê? 99%? Digo, das meninas.

– 95%! – corrigiu Dine – Os outros 5% não se misturam com ninguém.

– Que 5% são esses?

– Ah, sei lá, as professoras porque ele falta direto e só tira nota boa, a diretora porque ele fala com ela como se falasse com uma vizinha, as roqueiras emos esquisitas que não se misturam com ninguém...

– Espera, espera... roqueiras emos? Que papo é esse? São amigas suas?

Elas torceram o nariz como se eu houvesse falado um palavrão pesado.

– Tá doida, chefe? Bebeu vinagre? Cheirou orégano?

– Quê?

– Elas não se misturam com ninguém – meteu-se Sofia, tentando explicar ao ver a minha cara de perdida – e não deve se meter com elas, viu? Andam em bandos, falam um dialeto incompreensível, gostam de coisas meio estranhas, sabe? Meio irreais.

Ela me deu uma completa descrição delas mesmas e tive que apertar a garganta para não rir.

– E usam só preto e roxo! – completou Dine.

Ah, tá. Agora dá para separar os grupos.

– Hum... meninas, será que a letra que eu mostrei a vocês por ter achado estranha, não vem de alguma revista de *Heavy Metal*, vocês sabem, do tipo que elas poderiam gostar?

Elas se entreolharam e abriram largos sorrisos como os do gato da Alice.

– Chefa, você é um gênio! Mas o que você fez pra elas?

Eu ia dizer é um talento meu escolher inimigos terríveis, mas só disse uma frase meio... o quê? Emo? Quer dizer aquela tribo deprê, né?

– Nasci, acho.

Elas deram tapinhas em minhas costas e correram para a porta, animadas.

– Hora da investigação, meninas!

Estela correu com o braço para cima mostrando a carta para quem quisesse ver e Dine com a adaga apontando para frente. Misericórdia. Será que elas iam achar alguma coisa mesmo? Talvez fosse hora de eu também partir para luta.

Devia admitir que eram umas gracinhas; queria filhas como elas. Bem, talvez não iguais a elas, mas com esse jeito animado.

Pus meu capote de couro vermelho – comprei só para ocasiões especiais, tipo saídas furtivas à noite em busca de investigação, por exemplo – minhas calças pretas e botinhas de salto e tranquei a porta. Era domingo ainda, os alunos deviam estar nos quartos uns dos outros dando alguma festa e os professores e serventes, que morassem ali na universidade, com certeza deviam manter-se nos próprios quartos para evitar qualquer tipo de envolvimento com essas mesmas festas. Barra limpa, pensei.

Não deve ser tão difícil esgueirar-me para a sala do diretor, vasculhar os arquivos de históricos, encontrar o de Zack, fotografar e sair como um gatuno na calada da noite. Certo, pensando assim parece difícil, mas se Zack conseguiu eu também consigo.

Tudo bem, considerando que ele é um vampiro + gato + charmoso superpoderoso que pode talvez utilizar de poderes como hipnose, abrir fechaduras, escalar paredes ou virar morcego e entrar pela janela aberta. Afinal de contas, eu não devo me apegar a detalhes técnicos.

Sou uma caçadora.

E mulher, mulher também tem seus truques.

Nessas horas eu odeio meus saltinhos clop-clop.

Esse é o barulho que eles ficam fazendo enquanto percorro aqueles corredores intermináveis e escuros, sombrios como os de *Harry Potter*. Nossa, e se houver ali também uma Câmara Secreta?

Minha mente voava enquanto eu subia os andares e passava pelas portas, tentando contar nos dedos qual era o número da sala do

diretor. Nem bem dobrei a esquina do último corredor, encontrei a sala.

E o diretor.

– Jéssica, o que faz aqui?

Droga. Droga, mil vezes droga.

– Hum, eu estava passeando... – eu disse, com voz mole.

– Aqui? No escuro? Não sabe que é proibido zanzar pela universidade à noite?

– Mas papai disse que eu podia...

Papai, o dentista. Mas ele o conhece como Papai, o Embaixador.

– Ah, sim, claro. Er, bem, mas é melhor que não faça mais isso.

– Aahh.. tá! Mas eu quero meditar... posso fazer isso na sua sala?

– Meditar? Na minha sala?

– É – fiz beicinho e quase ri – meu quarto é pequeno e eu não sinto energias positivas... aqui é tão tranquilo. Sabe, a energia alfa passa aqui direto.

Energia alfa. A cara de estranhamento do diretor me fez lembrar de manter uma postura sábia. Sabe, como se eu soubesse do que estava falando.

– Olha, Jéssica, eu...

– Papai, você sabe, o *embaixador* – fiz questão de dar ênfase à minha última palavra – sabe que só posso ir bem nas provas quando faço meditação direito. Ele não gosta nada nada quando eu vou mal, sabe? Ele costuma culpar o lugar ou a pessoa que me impedem de meditar. Eu digo a ele, “mas papai, você está exagerando, é claro que as pessoas não têm culpa, elas só estão fazendo a parte delas”, mas papai sempre diz: “Não, Jéssica, isso é um absurdo, elas têm que entender que...”

– Está bem, está bem – disse ele apressadamente, cortando minha fala, graças a Deus – provavelmente o diretor não tinha intenção alguma de irritar Papai, o embaixador – você pode ficar, mas, por favor, não mexa em nada. E quando terminar, entregue a chave para Ronaldo, o zelador.

Quantos títulos nessa universidade. Papai, o Embaixador; Jéssica, a Caçadora, Ronaldo, o Zelador e Zack, o Deus Grego. Digo, Vampiro.

Ele me entregou a chave – engole essa Zack! – mas eu demorei até encontrar a que abre a sala. Quer dizer, que mania desses caras responsáveis por muitas coisas – por exemplo, diretores de Universidade – de andar com um molho de chaves que vão desde a estante da sala de casa até o quarto das mulheres do Barba Azul.

Tenho até medo de ver o molho de chaves do Ronaldo, o Zelador.

Enfim, entrei sem medo. Acho que esgotei o estoque de adrenalina. Já estava toda orgulhosa de finalmente poder usar parte dos meus poderes, esse, você sabe, de filha do embaixador. Será que funcionaria no Zack? Renda-se Zack ou eu chamo Papai, o Embaixador.

Sei, sou idiota. Mas estou nervosa, dá um desconto.

A sala estava escura, mas acendi a luz para procurar os arquivos, embora preferisse não tê-lo feito. Quer dizer, sala de diretor dá muito medo! Já entrou em uma por meios, digamos, não convencionais? Ser chamado para uma suspensão, por exemplo?

As gavetas eram inúmeras. Procurei por vários minutos pelos arquivos, – como pode ter tanta gente com nome que começa com Z? – mas acabei encontrando.

Zack. Tipo peculiar, calado. Parece causar sensação nas meninas. Falta muito às aulas, mas tira notas boas. Comportamento sarcástico, silencioso – era mesmo o Zack? – e obscuro. Não se alimenta direito, por isso sua palidez – sim, claro. Por isso. – está sempre na biblioteca.

Uma nota logo abaixo dizia: “Recentemente anda às voltas com a srta. Jéssica, filha excêntrica do embaixador – alguém pode me dizer por que excêntrica está sublinhado? – nota: ficar de olho no casal.”

Fedeu.

Fedeu bonito, agora. Se Zack sumir, por minha causa ou de outra, vou ser a primeira suspeita. Ainda mais pelo ênfase na palavra excêntrica.

Manda ver agora, Conselho. Quero ver vocês escaparem dessa.

Aliás, quero *me* ver escapar dessa.

Fotografei o arquivo no meu celular, anotei o que era mais importante – por exemplo, o número do quarto de Zack – e saí em busca de Ronaldo, o Zelador.

Não foi difícil encontrar. Ele estava na sala da faxina, boca aberta e roncando como uma moto-serra ligada no máximo travada em duas árvores. Pus o molho de chaves do diretor no bolso dele – tomando cuidado para não ver o molho de chaves do próprio – e saí de fininho. Quanto menos gente souber que estive bisbilhotando a sala melhor.

Eu sei que não deveria deixar tudo para aquela noite, você sabe, a perseguição, a fuga, as ameaças, a invasão da sala do diretor, mas estava ansiosa demais. O que tinha acontecido naquele local, afinal? Será que Zack já tinha voltado? Podia estar ferido.

Você sabe, eu não quero me aproveitar de vampiros feridos para poder matá-los. Imagine, prefiro lutar contra eles com seu potencial ao máximo. Afinal, eu tenho escrúpulos.

Sim, você também acredita em Papai Noel, entendi.

A curiosidade e a angústia foram mais fortes do que meu bom senso – sempre qualquer coisa é mais forte que meu bom senso – e me dirigi ao outro prédio, onde ficava o dormitório dos meninos. Se alguém me pegasse eu poderia justificar que estava sonâmbula ou algo assim. E se elas argumentassem que eu estava muito bem vestida, eu poderia contra-argumentar que eu gosto de me arrumar e faço isso automaticamente mesmo dormindo.

E depois, por que me preocupar?

Sou excêntrica, ora bolas!

A noite chegou gelada no meu rosto. Já estava assim, quando voltei da igreja, mas aquela inundação de adrenalina tinha esquentado um pouco as coisas. As estrelas estavam lindas, pequenos pontos em um véu escuro como se o mundo inteiro estivesse vestido para uma festa de gala, e a lua cheia iluminava muito mais que os postes espalhados pelo jardim.

Não senti medo, ao contrário, estava desperta, com os nervos relaxando. As flores fechadas durante o dia estavam todas abertas, reluzentes, e os sons dos animais noturnos pareciam soar uma sinfonia para um público que não estava ali. Um espetáculo ao ar

livre para ninguém ver. Ou apenas para mim. Cheguei a diminuir o passo para respirar aquele ar úmido e encher minha alma com algo agradável para variar.

Foi quando avistei o prédio. Aquele não era o prédio dos rapazes; este ficava ao lado. O quarto de Zack ficava no antigo edifício abandonado da universidade. Mas por quê?

Será que o que as meninas falaram tinha um fundo de verdade, quer dizer, o fato de pessoas que se envolvessem com ele desapareciam e a Universidade não queria envolver mais ninguém? Será que a frase contida no histórico dizendo “ficar de olho no casal” era porque... estavam preocupados comigo?

Engoli em seco. A sinfonia se fora e virara tema de filme de terror; a noite tornou-se horrorosa. O ar estava sufocante, tenebroso.

Talvez aquilo fosse uma péssima ideia.

Talvez *tudo* aquilo fosse uma péssima ideia desde o princípio. Talvez Zack fosse um psicopata e o houvessem confundido com um vampiro.

Não. *Eu* o confundi com um vampiro. *Eu* supus que fosse ele, porque, raios, ele era lindo e o tal que eu tinha que encontrar não apareceu.

Talvez eu estivesse realmente caçando a pessoa *errada*.

Quando eu o acusei de ser vampiro, talvez ele só estivesse brincando. Nunca havia provado ser realmente um. Não possuía dentes, não tentou me morder, nada.

Provavelmente só queria que eu continuasse achando que sim e inventou inúmeras histórias para eu continuar com a fixação e ele poder se divertir às minhas custas. Quando subiu ao meu quarto, podia estar usando uma escada, afinal, não fui conferir.

Mas de qualquer forma, tarde demais. Não fui tão longe, invadindo a sala do diretor pra nada, recebendo ameaças de loucas desvairadas à toa. Se algo estava realmente errado com ele, eu ia descobrir.

Legal, de caçadora a detetive. Deixa mamãe saber disso.

Entrei no prédio só com a força das pernas, porque a razão gritava comigo. Gritava “saia daí, sua louca!” “larga esse cara, ele gosta

mesmo é daquela sua amiga loira!” Não espere. Minha razão já está misturando frases antigas. Isso significa que perdi a razão de vez.

Tanto melhor. Admitir insanidade é um ponto alto para facilitar a terapia.

Talvez eu economize um pouco.

O prédio estava bem arrumado, apesar de abandonado. Sei que todos aqueles quartos estavam vazios e aquilo me arrepiou um pouco. Mas eu não podia desconfiar de Zack. Fui *eu* que o perturbei desde o princípio; ele jamais teria se aproximado de uma mulher sem-graça como eu quando podia ter todas aquelas saradonas líderes de torcida caindo por ele. Rompi aquele isolamento com as minhas gracinhas.

Segui andando pelo corredor, quase surda aos apelos do meu cérebro. Era quase igual a qualquer dormitório de universidade, com a diferença de que você não escutava funk, rock ou risadas, ou via pessoas fumando do lado de fora dos quartos. Também não havia garrafas vazias jogadas nos cantos ou alguém gritando ameaçando outro alguém.

Melhor ainda, nenhuma adaga enfiada em nenhuma porta.

Estava escuro, os poucos lustres que ficavam no teto estavam desligados. Bem, talvez por passar da meia noite já fazia muito tempo e eles quisessem economizar. Afinal, só um aluno morava ali, no prédio inteiro. A única luz que entrava era a da lua, enfiada por entre as cortinas vermelhas das janelas do corredor. Não havia decorações, a não ser alguns quadros velhos e embolorados, provavelmente sem interesse aos outros quartos e setores da universidade, já que de tanta poeira nem dava para ver direito. O lugar era limpo, certo, mas não chegava a tanto. E Zack provavelmente não ia desperdiçar o tempo dele espanando mobília antiga.

Parei de súbito. Algo estava errado. A presença tinha retornado. Mas não havia apenas uma. Eram duas, não, três. Eram cinco. Ah, meu Deus! O que eram aquelas coisas? Por que estavam no prédio de Zack?

Olhei em volta, procurando alguma saída de emergência. Tarde demais, já estava muito envolvida na história e muito dentro do

prédio. Subi rapidamente as escadas do hall principal.

Sabia que devia dar meia volta e voltar enquanto havia tempo, mas algo em mim impulsionava meu espírito para frente. Zack podia estar em perigo.

Ou talvez alguma inclinação para o suicídio que a terapia ia me ajudar a descobrir.

Outra parte de mim dizia “que ótimo, se alguém fizer o trabalho por você, vai receber do mesmo jeito! Quer dizer, sua conta bancária está a salvo! Suas bolsinhas Prada, suas botas Chanel!”. Mas quem disse que eu queria ouvir essa parte de mim? Minha bolsinha Prada ficou sem graça, minha botas Chanel cafonas.

Eu bateria em mim mesma se falasse isso em voz alta.

Quando cheguei ao terceiro andar, ouvi vozes e as presenças estavam fortes, quase... materiais. De repente avistei. Meu coração não passou pela garganta, mas ficou entalado nela.

Zack estava cercado por cinco figuras vestidas de preto, três homens, duas mulheres. Eles eram lindos, pálidos e pareciam prontos para alguma espécie de ataque. Zack segurava um dos ombros que parecia estar sangrando e um pouco agachado, mas sorria. Como se estivesse seguro de que não podiam contra ele. De súbito seu rosto virou-se para mim, da mesma forma que os rostos dos seus atacantes. Eles sorriram desta vez e Zack mudou de expressão. Parecia apavorado.

– Por Deus, Jéssica, não! CORRA!

Paralisei. Minhas pernas não obedeciam. Supus que fosse medo, mas sei que não podia ser só isso. Tentei cair pra trás e não consegui.

Alguma força me prendia ao solo!

Concentrei-me. Pensei nas minhas pernas correndo, no vento lá fora, na adrenalina girando feito uma correnteza no corpo. Logo em seguida eu estava correndo feito uma maratonista pelas escadas, sem nem pensar em respirar.

Teria ganhado uma medalha olímpica, te garanto. Aqueles corredores do Quênia iam parecer tartarugas perto de mim.

Minha cabeça latejava. No que fui me meter? Talvez Zack pudesse contra eles sozinho, mas não, eu quis me meter, não é?

Amadora imbecil. Antes você só não ia receber por não conseguir matar um vampiro, agora ia ser morta por cinco!

Nossa, o que o pessoal do escritório vai fazer sem mim?

Certo, arrumar outra, provavelmente. Mas quem ia querer ficar no lugar de uma mulher que certo dia esteve ali com lepra? Ou antraz?

Ai, meu Deus, tadinho do Pterówski!

Calma, Jéssica. Sem pânico. Medo não leva a nada.

De repente, as presenças já não estavam atrás de mim. Estavam ao meu lado, à minha frente.

PÂNICO, JÉSSICA! PÂNICO!

Certo, certo. Talvez eu devesse apelar para Deus lá no alto. Vou à missa sempre, poxa! E meu anjo da guarda? Tá na hora de dar um pouco mais de trabalho para ele!

Parei de súbito. Um homem lindo, e claro, pálido, de longos cabelos loiros estava bem à minha frente, sorrindo com malícia.

Não, não era meu anjo da guarda, te garanto. Porque esse que estava na minha frente dava calafrios.

Cara, do jeito que meu sangue está gelado esse cara vai sofrer um bocado para beber. A não ser que ele seja chegado em *Milk-shake*.

Quando ele estendeu a mão para tocar em meus cabelos, minha vida passou diante dos meus olhos. O colégio, o aparelho, as inimigas sem razão, os ex-namorados, o Pterówsky...

É, estou me lamentando por quê?

Mas justo agora que tinha começado a ficar tudo mais interessante... Zack... eu não conseguia parar de pensar nele. Podia sentir a presença dele correndo como louco para nos alcançar, apesar dos ferimentos. Mas ele não ia chegar a tempo.

O homem exibiu os caninos – uau, finalmente eu vi os dentes – e chegou mais perto, segurando-me pela nuca.

Minha nossa... então espere. O Conselho existe mesmo? Meus pais são realmente caçadores?

É, certo, vampiros realmente existem. Eu tinha duvidado desde que tinha chegado à universidade; admito que depois a ideia já não parecia mesmo absurda e agora...

Mas e lobisomens? E mulas-sem-cabeça?

Eu vi mesmo uma sereia no lago aquele dia?

Incrível como a mente divaga enquanto você sabe que está prestes a morrer. Talvez seu cérebro não queira pensar no óbvio.

– Então você é o novo brinquedinho de Zack... bem, não se preocupe. Eu vou matá-la antes que ele o faça.

Então fechei os olhos e fiz algo que há muito tempo não fazia.

Não, não sentei e chorei. Já fiz isso ontem. Eu disse *há muito tempo*.

Eu gritei. Gritei alto. Mas não gritei pouquinho. Não como uma mocinha histérica de filmes de terror.

Gritei como se eu quisesse que Deus me ouvisse lá em cima, em alto e bom som a ponto Dele mesmo cobrir os ouvidos. Gritei como se tivesse parentes lá no Japão prestes a serem atacados pelas costas por um bando de cigarras descontroladas.

Certo, cigarras estilo *Godzilla* descontroladas.

Só percebi a intensidade do meu grito quando o vampiro ajoelhou com as mãos sobre os ouvidos e todas as janelas ao nosso redor começaram a espatifar uma a uma.

Mas hein?

Olhei para trás e os outros vampiros que estavam me seguindo repetiram o gesto.

Zack estava de olhos arregalados, em meio a uma pilha de cacos. Ele piscou duas vezes, mas se recompôs gritando.

– Droga, corra, Jéssica!

Dessa vez obedeci com facilidade. Contornei o vampiro que estava no chão – que parecia estar mergulhado em dor, com os ouvidos sangrando – e alcancei a porta para o jardim rápida como *Forrest Gump*. Só ouvia o silvo do vento nos ouvidos agora, nem os animais noturnos ousavam cruzar meu caminho.

Mas o que raios acontecera lá dentro? Quando que minha voz havia ficado potente assim? Tudo bem, eu sabia que falava alto, mas nunca tinha quebrado nem um copinho de cristal, mas agora... quantas janelas se espatifaram mesmo? Todas daquele andar? Ou o medo faz a gente cometer coisas absurdas ou então... cara, eu tinha um poder dentro de mim, tipo a *Buffy*?

Uau... tudo bem, não era glamoroso como correr muito rápido ou ter super força, mas nooossa, fazer sangrar os ouvidos dos outros! Assim, tipo as *covers* da Madonna.

Minha vontade era de continuar gritando e deixar aflorar o poder, mas não seria uma boa ideia. Quer dizer, já passava das cinco horas da manhã, tenho certeza que os adolescentes dos prédios vizinhos iam superar a dor do sangramento dos ouvidos e linchar a mais nova e poderosa caçadora gritadora que já existiu.

Caçadora gritadora foi horrível. Mas agora preciso arrumar um uniforme e um grito de guerra.

Grito de guerra – rá rá rá.

Passei voando pelo dormitório feminino e todos os outros quartos a mil por hora, quase tropeçando nas escadas. Cheguei arfante no quarto e tranquei a porta atrás de mim.

Sim, eu pensei no Zack lá fora, mas tenho certeza que contra aqueles vampiros ele ia ser melhor do que eu. Uma garota lesada só ia atrapalhar.

Não deitei na cama desta vez. Estava imunda. Cansada, irritada, surpresa. Fui direto para o banho.

Sim, eu sei, como assim banho quando o amor da sua vida – opa, esquece o que eu falei – está lutando sozinho lá fora contra cinco caras?

Vou dizer o seguinte: o que mais posso fazer? Se eles vencerem, virão atrás de mim, não tenho a menor dúvida. Se perderem, Zack vai vir atrás de mim. Se eu for lá agora, Zack ficará zangado comigo. Então vou tomar banho, é isso aí.

Prometo que vai ser rápido.

Saí do banho sentindo dores pelo corpo. Fadiga por excesso de exercício, tenho certeza. Aposto que meu cardiologista ia rir.

Meu *baby doll* estava uma graça! Eu sabia que tinha posto aquele vermelho de seda na mala em algum lugar. Só está um pouco amarrotado, certo, mas pra quem vai dormir... convenhamos!

Agora me sinto idiota. Estou querendo que minha caça e salvador apareça na janela para seduzi-lo com um *baby doll* de renda

enquanto ele está ferido e sangrando. Afe. Ler muito romance água-com-açúcar dá nisso.

Deitei na cama e suspirei. Só agora as palavras daquele vampiro sedutor ecoavam na minha mente.

“Brinquedinho do Zack... vou matá-la antes que Zack o faça.” Zack? O que ele queria dizer com isso? Que Zack... estava me usando?

Mas e por que raios o perseguiram? Que classe desunida!

Meu coração deu outro pulo quando ouvi batidas na porta. Sabe, daqui a pouco ele vai perder o caminho de casa. Meu coração, digo. Vai achar que é mais cômodo ficar ali na garganta mesmo.

– Q-quem é?

A voz demorou um pouco para responder. Estava arfando.

– Sou eu, Jessi – disse Zack.

Eu fiquei nervosa e excitada. Ele estava ali, na minha porta!

– Hum... ah, já sei – eu disse, com provocação – Vampiros não podem entrar se não forem convidados, não é?

– Claro que não. Vampiros são bem educados.

– Pode-se tomar como exemplo aqueles que estavam lá fora?

Ele deu um risinho abafado por trás da porta.

– Aqueles não, mas já ensinei a eles boas maneiras.

Abri a porta. Ele segurava o ombro, estava muito pálido e arfante. Sangrava e mancava do lado esquerdo.

– Meu Deus, venha, vamos pôr um unguento aí! Mertiolate! Esparadrapo!

– Não... não, Jessi. Só preciso dormir. O sol já vai nascer, não posso chegar ao meu quarto.

– Ah, então o senhor está em minhas mãos, hein?

Ele riu sofregamente.

– Você sempre esteve em minhas mãos o tempo todo e eu nunca fiz nada.

Isso é verdade, tenho que admitir.

– Mas... eu não tenho nenhum caixão no meu quarto.

– Caixão? Que coisa mórbida. Não, não quero nenhum caixão, o armário já está bom. Tem espaço?

– Meu armário? Bom, tem, mas... não prefere...

– Jessi, preciso apenas dormir em algum local onde não bata sol.
– Bem, você vai amarrotar minhas roupas, mas vai, né? Fazer o quê?

– ‘Brigado, Jessi!

Ele me deu um beijo apressado no rosto, abriu a porta do armário e deitou lá dentro.

Fiquei olhando a cena pasma enquanto a porta se fechava.

Quer dizer, ele nem notou meu *baby doll*!

Respirei bem fundo, guiando meu coração para voltar para o lugar de onde tinha saído. Nem perguntei a Zack o que havia sido daqueles cinco que o estavam perseguindo, mas acho que a frase ‘ensinei boas maneiras’ era o suficiente para mim.

Zack estava indubitavelmente em minhas mãos. Lembra que eu falei um tempo atrás ‘por que não abrir a janela quando o cara estiver dormindo e queimar ele de uma vez’? Então, eu finalmente poderia provar que minha teoria estava correta. Mas eu não podia fazer isso.

Eu não *queria*.

Se ele realmente estava me usando, bem, estava conseguindo.

Que raiva ser tão fraca!

Mas... ele confiava em mim. Por quê? Será que queria morrer? Ou achava que eu não teria capacidade para matá-lo?

Ou as duas coisas, embora considere a segunda mais plausível.

Mas muita coisa ali ainda não tinha explicação. Faltavam muitas lacunas.

O amanhecer já se firmava.

Melhor pelo menos tirar uma soneca rápida.

Pesadelos



Eu adoraria contar que ao amanhecer eu estava linda, maravilhosa e Zack saía do armário dizendo que me amava e que faria qualquer coisa para ficar comigo.

Ah, sim, e que meu *baby doll* era a coisa mais sexy que ele já vira, porque afinal, paguei o olho da cara por ele.

Mas isso não aconteceu por três motivos.

1– Zack não sairia do armário em plena luz do dia ou viraria churrasquinho.

2– Eu nunca acordo linda e maravilhosa.

3– Tinha algum filho de uma mãe relapsa que estava esmurrando a minha porta às... que horas são? 9 da manhã?

– Jéssica, você está aí? Jéssica?

Meu sangue congelou. Virou pedra mesmo, te garanto. Por que raios o diretor estava esmurrando minha porta àquela hora, todo preocupado? Será que ele descobriu que invadi os arquivos dele? Não pode ser. Nem Ronaldo, o Zelador sabia.

Ah, minha nossa! Os vidros do prédio de Zack todos quebrados. O rastro de sangue que guiava até minha porta. A maldita nota “ficar de olho no casal” no histórico.

– Jéssica!

Certo, hora de pensar rápido. Troco de roupa, visto a cara mais deslavada desse mundo e... Ahhh, minha roupa está no armário! Se abrir o armário o Zack vai torrar! Que maldita hora para ser uma menina arrumadinha e pendurar todas as roupas na droga do cabide!

– Jéssica, abra a porta!

Que eu faço? Não vou receber o diretor com um *baby doll* de renda. E depois, como explicar o fato do Zack estar no meu armário? E se ele quiser verificar? Acho que é melhor ficar bem quietinha que ele vai embora.

– Jéssica, se não abrir a porta eu vou mandar arrombar!

Ai, que ódio! Se ele arrombar e eu estiver aqui sorrindo feito uma idiota que acabou de acordar ele vai desconfiar e vasculhar tudo. Mas se não estiver, ele não teria coragem de vasculhar, não é mesmo?

– Jéssica, vou contar até três!

A maldita frase ‘vou contar até três’. Tenho pavor dela desde pequenininha.

– Um!

Corri para a janela. Se eu me esticasse bem, poderia alcançar a árvore perto do quarto, descia pelo galho e começava o pior pesadelo da minha vida. Andar de *baby doll* em um lugar público. O que poderia ser pior?

– Dois!

Ah, sim, explicações na polícia. Certo, vamos lá.

Pulei pela janela, certificando-me que não havia ninguém passando na hora, mas calculei mal o salto. Eu não consegui pegar o galho, mas o de baixo me pegou. Caí estabanada na grama, constatando horrorizada que o short do meu *baby doll* ficou pendurado no galho no alto.

Eu estava enganada. Andar de *baby doll* não era o pior pesadelo da minha vida. Estava prestes a andar nua!

Fiquei atrás da árvore enquanto um grupo de estudantes passava. Não podia ficar parada ali. Tinha que ter uma boa estratégia.

Subitamente lembrei-me. As *otakus*!

Elas não estranhariam de me ver andando de calcinha. Bem, não tanto. Eu poderia dizer que estava fazendo algum cosplay, sei lá.

Talvez da tal de... qual é mesmo o nome dela? Ah, uma personagem de *Chobits*.

Tentei alcançar o galho com o short, mas não consegui nada a não ser alguns arranhões. A loiríssima-gata-de-torcida passou de repente com seu idiota jogador-de-basquete-olho-roxo Rick, mas consegui me esconder a tempo atrás do tronco. Pude ouvi-la gritando ao longe

para as amigas chegarem mais perto. Deitei na grama, logo abaixo da árvore. Deus, como eu ia sair dali?

– Kelly, não sabe da última! Sabe o prédio do Zack? Parece que alguém destruiu todos os vidros do andar dele. O diretor não conseguiu encontrá-lo! Vamos aproveitar e vasculhar o quarto dele?

Coitado do Zack. Para duas pessoas mais velhas estamos realmente em desvantagem contra essa turba de adolescentes. Bom, ao menos ninguém ainda sabe que sumi. Isso significa vantagem.

Nisso, um auto-falante ecoa com uma microfonia irritante pelas áreas abertas da universidade.

– “Senhorita Jéssica. O diretor requisita sua presença. Se alguém souber do paradeiro dela, fazer o favor de informar. Obrigado.”

Olha, não acredito nem um pouquinho em horóscopo, mas não duvidaria se alguém me dissesse que estou num inferno astral.

– Pensei que você havia aprendido sua lição quando usei a Jéssica para causar ciúme em você! – a voz do Rick soou irritada – Ainda vai vasculhar o quarto do cara?

– Ai, seu bobinho! Em primeiro lugar, é só por diversão! Em segundo, porque eu teria ciúme daquela sem-graçona? Só estou esperando a hora dela sumir, junto com todas as outras! E parece que isso já aconteceu, ouviu o diretor? Sabia que também tinha rastro de sangue lá no prédio?

– Isso não é legal, Linda! – retrucou Kelly, com uma voz de taquara rachada – Ninguém sabe se aquelas meninas realmente desapareceram. Simplesmente foram transferidas.

– Tipo assim, umas três semanas depois de se envolverem com o Zack? Se liga, Kelly! E por que ele então foi transferido para outro prédio? Falta de afinidade com os rapazes? Por que os históricos dela foram vasculhados e depois sumiram? Queima de arquivo, querida, estou te dizendo!

Nunca pensei que ficar deitada de blusinha e calcinha na grama fosse tão instrutivo. Muito menos pensei que Linda ainda ia ser útil para alguma coisa, mesmo sem querer. Duvido que Zack me contasse alguma coisa, mas já era hora de pressionar o diretor. Ele devia saber!

Quer dizer, primeiro eu devia vestir alguma coisa. Senão quem teria que dar muitas explicações seria eu.

Logo o grupinho seguiu tagarelado em frente. Barra limpa. Queria poder arrumar algo em que me enrolar, mas ao menos no jardim árvores não faltavam. Nem arbustos.

Vamos ver. Precisava encontrar as *otakus*. Meu celular ficou no quarto. Estava num mato sem cachorro. E de calcinha.

Eu queria gritar, mas seria ridículo. Primeiro porque eu seria encontrada, segundo porque destruiria os tímpanos de toda a universidade.

Tive uma ideia súbita. Devia haver algo ali, um bueiro, qualquer coisa para o tratamento de água. Uma passagem subterrânea seria perfeita!

Comecei a tatear o chão. Nada. Talvez mais perto do refeitório ou do banheiro eu poderia encontrar. Quer dizer, considerando que esses ficavam no térreo, e o quarto das *otakus* no segundo andar no dormitório das meninas, sem cogitação, o primeiro era uma opção mais viável! Já estava vendo a primeira página do jornal da universidade “Aluna de calcinha encontrada zanzando pela Universidade”. Eu ia ficar popular bem rápido.

Ai, Zack, eu te mato! Isso tudo é culpa sua!

Aliás, matar é o que eu realmente deveria fazer, mas vamos deixar isso pra lá por enquanto.

Fiquei um bom tempo desviando de alunos e me jogando nas moitas. Se ao menos não estivesse tão ensolarado. Que vontade de abrir aquela droga de armário e fazer o Zack torrar!

Segui pé ante pé pelo jardim, correndo para uma ou outra árvore. Com muita dificuldade, alcancei a moita perto da porta do refeitório. Não tinha pensado nisso: todo mundo foi tomar café da manhã. Agora sim estava em maus lençóis.

Na verdade, um lençol seria tudo o que eu precisava.

Eu só esperava que alguém me encontrasse logo e toda aquela tortura acabaria.

Pelo menos a da expectativa.

Já estava prestes a jogar tudo para o alto e ir de calcinha para o quarto de uma vez, mas minhas pernas não respondiam. Olhei para

frente. Um bueiro.

Nunca fiquei tão feliz de ver aquela coisa de metal horrorosa e fedida bem à minha frente! Mal podia esperar para me encontrar naquele lugar horroroso, acompanhada de ratos, baratas, aranhas e o melhor, deliciosamente escuro! O pior é que em condições normais só a ideia me apavoraria.

Dizem que as tampas de bueiros são pesadas e enferrujadas, dificultando a remoção, mas nunca tive tanta facilidade em abrir nada na minha vida. Mais fácil que abrir vidro de azeitona.

Na verdade, qualquer coisa é mais fácil que abrir vidro de azeitona.

Entrei e dei graças a Deus por estar usando ao menos minhas pantufas – embora soubesse que nunca mais seriam as mesmas. Os corredores eram estreitos e escuros, e é claro, um cheiro nada agradável, mas eu pensei que podia ser bem pior. Aliás, eu realmente considero até que estava um local bem conservado. Até demais. Algo errado, tenho certeza.

Só pra variar um pouquinho.

Haviam alguns escritos nas paredes escuras adiante, em vermelho. Senti um arrepio incômodo subindo e descendo pela espinha. Cheguei bem perto para poder ler, entretanto. Novamente a curiosidade supera o medo.

“Na próxima noite de lua cheia, irmãs... nosso destino será comandar o mundo.”

Uff. Turistas. Acham que é engraçado estragar a propriedade dos outros?

Estou brincando, você sabe. Só pra aliviar a tensão.

Agora... será que isso é uma armação da minha irmã gêmea que está planejando destruir o mundo em duas semanas?

Fico pensando... normalmente os pais ficam preocupados quando o filho se mete em encrencas. Agora te pergunto, qual o problema dos meus? Encrenca devia ser o sobrenome da família. E eles fazem questão que eu siga a tradição e arrisque minha pele.

A ideia de continuar sendo uma secretária de contador já não parecia tão ruim. Quer dizer, eu estaria vestida, pararia de ser perseguida, minha conta bancária não correria risco algum (incluindo eu mesma, claro) e não toparia mais com gente tão estranha.

Embora eu goste das *otakus*.

Queria poder tirar uma foto com meu celular daquela parede e mandar para elas, mas enfim, nem posso dizer que estou só com a roupa do corpo.

Nossa, eu ando ficando tão engraçadinha!

Caminhei pelas galerias olhando para o alto em busca de algum buraco por onde pudesse sair. A ideia de ficar ali o dia todo não soava nada agradável. Tinham fanáticas dominadoras de mundo dentro daquele subterrâneo! Nossa, não falta mais nada. Eu tinha mesmo que sair dali.

Persisti por vários minutos naquelas vielas escuras e chão molhado, tateando as paredes para não escorregar, pensando qual seria o melhor momento de pôr a cabeça para fora e gritar “surpreesa” para o primeiro aluno que eu encontrasse.

Ah, é, esqueci, nada de gritar.

Eu sentia que estava ficando cada vez mais longe do meu quarto. O pavor já estava se condensando e descendo em gotas de suor frio pela minha pele. De repente avistei um bueiro cuja luz que entrava não parecia muito intensa, o que significava que a luz do sol não refletia diretamente, o que também podia significar que estava dentro de algum prédio da universidade.

Subi a escada lentamente, puxei para o lado a tampa suavemente e pus meus olhos para fora. Havia dezenas de homens sarados enrolados em toalhas, jogando tênis uns nos outros ou massageando os pés.

Ai, meu Deus, o vestiário masculino! Em outras ocasiões eu poderia até...

Uau, que gatinho! Você vem sempre aqui? Hum...

...ficar feliz com a situação, mas eu estava assim, meio que na mesma situação que eles.

Você sabe, pelada.

Nossa, será que Zack também usa esse vestiário? Será que ele poderia estar aqui?

Não, sua anta, ele está dormindo no seu armário.

Minha falta de memória me enerva.

Fechei a tampa rapidamente. Calculei então o quão longe eu deveria estar do meu quarto e tentei visualizar a distância. Se eu estava no prédio do vestiário, então... ah, sei lá. Nunca fui muito boa de direção. De qualquer forma, um vestiário fica próximo do outro. Isso significa que o das meninas estava bem perto. Ah, ali ninguém estranharia – tanto – de me ver pelada!

Mentalizei o mapa da universidade na cabeça e segui por um caminho que supostamente devia levar a ele. Bem, bueiros não aparecem do nada no chão, então o próximo devia levar ao vestiário feminino. Quer dizer, não há bueiros na biblioteca, não é?

Respirei fundo e segui adiante, temendo encontrar as irmãs-dominadoras-do-destino-do-mundo pela frente, mas acho que estava com sorte, pois não vi ninguém.

Sorte, é. Pode rir.

Prendi a respiração ao avistar uma nova saída. O bueiro logo acima; também não saía muita claridade dali. Bem, vamos lá! O que mais eu tenho a perder? Porque minha dignidade já era, junto com minhas roupas.

Subi as escadas e abri a tampa. Olhei ao redor.

Eu estava realmente no vestiário feminino! Graças! Com minha sorte achei que pararia embaixo da sala do diretor.

– Chefa!

A voz de Sofia trouxe um alívio imediato. Nada podia ser melhor que aquilo.

Ah, sim, claro. Roupas.

– Chefa, por que está nesse bueiro? E por que... – acrescentou, ao me ver levantar – está sem roupas?!

– Bom, agora você sabe por que estou dentro do bueiro.

– Nossa, mas... o que aconteceu?

– Hum... eu caí da janela do meu quarto e não consegui mais subir.

– Pelo menos devia pôr roupas ao se aproximar da janela...

Touchè!

– Chefa! – gritaram as outras duas, Dine e Estela quando entraram no vestiário.

– Eu caí da janela, só isso! – respondi antes da pergunta.

– Chefa, você é ninja! Como conseguiu fazer com que ninguém te visse?

– Eu fico me perguntando a mesma coisa...

Tive que rir. Eu realmente tinha conseguido!

– Meninas, preciso de roupas, por favor. Arrumem qualquer coisa; o quarto de vocês é perto, não é?

Elas se entreolharam. Eu sei que ouvi duas risadinhas.

– Claaro, chefa! Vamos buscar agora mesmo!

Eu sentei em um dos bancos do vestiário enquanto as três saíam e suspirei aliviada. Eu tinha conseguido, meu Deus! Qualquer pessoa que entrasse ali agora já não estranharia mais. Ah, mal podia esperar para por roupas!

Até que as vi voltando depois de alguns longos e estressantes minutos de expectativa.

Com um mini-uniforme de marinheira.

– O... o que raios é isso?

Elas riram olhando umas para as outras.

– É o uniforme da *Sailor Moon*! – sorriu Estela.

– Como é?

– É um *cosplay*, chefa! – explicou Dine, animada – A gente trouxe pra você experimentar!

– Vocês estão loucas?! – respondi, exaltada – Já não me basta o mico de andar pela universidade pelada ainda mais essa? De jeito nenhum!

As três fizeram beicinho, mas eu não estava disposta a me deixar levar.

– Não, não e não!

– Mas chefa! – argumentou Sofia – O nosso quarto e o seu é bem perto daqui, subindo as escadas! São só uns minutinhos!

– Já disse que não! O que vão dizer se me virem vestida de marinheira por aí?

– Guerreira da Lua – retrucou Dine.

– O quê?

– Guerreira da Lua. Esse é o nome do uniforme que...

– NÃO!

Elas fizeram um montinho. Chegou a ser engraçado. Pareciam mesmo bonequinhas de desenho animado.

– Chefa, se você colocar, prometemos fazer o que você quiser! Até assaltar a sala do diretor, roubar as cuecas do time de basquete, amarrar Linda e pintar a cara dela de rosa.

Parei.

Hum, proposta interessante. Não a de amarrar Linda, embora seria ótimo ver a cara dela pintada de rosa, mas a delas toparem fazer coisas mais, sei lá, criminosas? Nossa, me senti péssima.

Tudo bem, tudo bem. Se as pegarem eu direi que a culpa foi minha. E se me pegarem, direi que a culpa foi do Conselho. Tudo certo.

– Ah, o que eu estou fazendo...? Está bem, me deem esse... traje antes que eu mude de ideia.

Elas deram gritinhos de alegria misturando com pronúncias do tipo ‘*kawaii*’ entre outras.

O vestido era tão curto que parecia mais uma fita do senhor do Bonfim amarrada no meu quadril. Havia um enorme laço de fita azul no meu peito, quase cobrindo-o todo, uma mini-capa azul atrás e duas enormes mangas para cima, completando um visual de... ah, minha nossa, sei lá o que, para mim era uma marinheira muito da sem-vergonha. Sem contar duas botas azuis bem ‘cheguei!’ de tecido que iam até os joelhos.

Saí do vestiário apressadamente, escoltada por elas. Era a primeira vez que eu me arrependia de ter colocado roupas. Ou pelo menos, tapado o que havia ficado de fora antes. Subi as escadas de dois em dois degraus e ficava contando mentalmente: “só mais sete metros, só mais seis metros, só mais cinco metros, só mais...”

– Ora vejam, Jéssica!

A voz de Linda passou direto pelos meus ouvidos e entrou no meu coração fazendo-o dar outra volta pela minha garganta.

– Mas que gracinha você está! Não vá me dizer que isso foi uma tentativa frustrada de ser uma garota de torcida! Acho que está um

pouco curto pra isso, não acha? E depois... convenhamos, você não está com essa bola toda para poder andar por aí com um vestido desses!

Aquilo doeu. Quer dizer, posso ser sedentária, boba, monótona, ingênua, mas sou magra. E ruiva, magra e ruiva.

As amigas dela se amontoaram em volta para rir da minha cara. O bom é que sei que as *otakus* estavam com mais raiva do que eu. Quer dizer, eu estava fantasiada de um personagem que elas gostavam, oras!

– Olha aqui, sua loira aguada – retrucou Estela, muito aborrecida – A Jéssica está linda de *cosplay*! Se ela fosse uma guerreira da lua de verdade ia te dar uma surra de verdade!

Isso foi demais para Barbie, quero dizer, Linda e suas amigas. Explodiram em gargalhadas. Eu já estava por aqui com aquela história. Não preciso ser guerreira da lua nenhuma para quebrar a cara dessas peruas.

– Ah, minha nossa, Jéssica... – disse Linda, ainda rindo – você agora deu pra se fantasiar? Ah, como você desceu de nível...

Como se já não bastasse, o time de basquete ainda apareceu com mais um grupo de meninas estilo patricinhas de *Beverly Hills*. O circo estava armado.

Adivinha quem era a palhaça.

Eu cruzei os braços esperando todos rirem. Percebi pelos olhares baixos que as *otakus* estavam mesmo arrependidas de terem causado aquilo, mas eu não estava zangada com elas. Só com aqueles desocupados.

– Diz aí, Jessi – disse um deles lá atrás, acho que foi o Rick – por que a fantasia? Vai para algum baile?

– Disse bem, Rick – nossa, espero que tenha sido ele mesmo – eu estou usando uma fantasia. Embora outro tipo da fantasia, se é que você me entende. Mas sabe como são as fantasias, ou melhor, desejos das pessoas que a gente gosta, não é mesmo? Imagine que Zack disse que ia adorar me ver vestida de marinheira e vestidinho curtinho. Bom, ele adorou. Agora vou para o meu quarto, preparar a próxima fantasia dele. Com licença.

Achei que ia sair dali cercada por risadas, mas o silêncio imperou subitamente.

Ah, Zack, não é? É só usar o nome dele que todos silenciam, por um motivo ou outro. Ah. E eu acabei admitindo para quem quisesse ouvir que eu gostava dele. Ainda bem que a tecnologia não chegou ali na universidade e não há câmeras de segurança ainda.

Passei por eles andando como uma rainha e entrei no quarto, sozinha, fechando levemente a porta. Não ia dar a ninguém a satisfação de batê-la, dando a indicar que meu mico não fora proposital. As *otakus* tocaram seu costumeiro batuque na porta depois de alguns minutos, provavelmente esperaram que todos saíssem para poder soltar seus gritinhos costumeiros. Abri, claro.

– Uau, chefa! Que jogo de cintura!

– Bem, deixem pra lá...

– Ele não é seu primo, né?

– Quem não é meu primo?

Estela piscou pra Dine.

– Eu disse!

– Ahn... não, não é – confessei, percebendo de quem elas falavam – tem muito mais que isso, mas não sei se devo contar para vocês...

Os olhos delas brilharam. Dei um fora.

– Contaaa! – pediram as três, em uníssono.

Burra.

Burra, mil vezes burra! Você não pode envolver as meninas nisso, Jéssica! Elas podem correr perigo!

Droga, eu sei, cérebro! Saiu sem querer.

– Hum, olha só, depois eu conto pra vocês! É que por enquanto é segredo, sabe? Mas preciso reunir a maior quantidade possível de informações sobre o Zack. Vocês me ajudam?

– Claaaro! – responderam as três novamente. Parecia que eu era a chefe de um coral. Desculpe, regente.

– Então a primeira tarefa de vocês é descobrir mais informações com o Bobby a respeito das meninas transferidas.

– Ah, eu também queria mesmo saber a respeito delas! – incitou Estela.

– Bem, e aí, alguma outra novidade?

– Ahh, temos sim – lembrou Dine, animada – sabe o hospital? Então, reforçaram a segurança dele essa semana! E deve ter dado certo, porque ontem à noite alguém tentou entrar e não conseguiu. Mas parece que a pessoa em si já estava sangrando muito.

Senti meus ombros tensionarem por reflexo.

– Ah, é? E como ele era?

– Os seguranças tentaram segurá-lo, mas estava escuro e ele era muito forte. Não conseguiram ver. E aí saiu correndo na calada da noite. Mas se ele queria uma transfusão de sangue, sei lá, por que não pediu uma?

Porque a gente não tem o hábito de receber alimento pela veia, pensei.

– Então vamos, garotas! – incentivou Dine – O dever nos chama!

É engraçado como elas não retrucam nada do que peço. Realmente eu queria filhas assim.

Fui ao banheiro tomar um longo banho. Já tinha passeado no esgoto tempo suficiente para quase cheirar como um, obrigada. Ainda bem que Linda e suas amigas não chegaram muito perto, senão seria o fim.

Saí enrolada na toalha pronta para pegar a roupa em meu armário e... droga! Zack ainda estava ali dentro. Se bem que ele merecia ser torrado depois do que aprontou. Tive que por – ah, de novo não – a fantasia, quero dizer, cosplay, de marinheira.

Ah, desculpe, guerreira da lua.

Isso significa nem pensar em sair do quarto.

Bom, pelo menos sou eu que lavo minhas calcinhas e penduro na porta do banheiro. Nunca fiquei tão feliz de fazer algo que minha mãe simplesmente odeia.

Depois fiquei pensando. Zack estava muito pálido, tinha perdido muito sangue. Então aquele sangue no chão era realmente dele e provavelmente foi em busca desesperadamente de mais no hospital. Os outros vampiros se aproveitaram da situação e o perseguiram.

Isso também significa que sou melhor como detetive do que como caçadora.

Ele ia sair do armário extremamente fraco, então outra investida contra o hospital por mais sangue estava fora de cogitação. Se eu

fosse uma boa caçadora, abriria o armário agora, o torrava no calor do sol e acabava com seu sofrimento.

Pois é. Mas eu já disse que não sou uma boa caçadora, não foi? Pobre Conselho.

Apesar de meio assustada, ainda fui olhar pela janela do quarto. Lembrei que também não havia comido nada aquele dia. Já devia ser por volta de quê? Umas três horas?

Quando olhei pela vidraça, vi Bobby passar com seus amigos nerds embaixo carregando alguns camundongos. Tive uma súbita ideia.

– Ei, Bobby!

Ele olhou para cima e pela careta que fez, pude imaginar o que estava pensando. A ruiva guerreira da lua.

– Elas fizeram sua cabeça também, Jessi?

– Deixa isso pra lá. Ei, posso te fazer uma pergunta? Hum, eu quero fazer alguns experimentos... pode me arrumar, sei lá, sangue de rato? Assim, uma boa quantidade?

Ele fez uma careta e seus amigos nerds também olharam para cima.

– Acho que sim, mas... que experimento é esse?

– Hum, para biologia...

– Que projeto é? – perguntou um dos nerds.

– Hum, DNA!

– Mas onde você vai pesquisar? No quarto? Vai usar que microscópio? – perguntou outro deles.

– Ora... o meu!

– Você tem um microscópio? Qual a resolução dele? – perguntou outro ainda.

– Ah, quer saber? Chega de perguntas! Eu vou usar o sangue pra dar um susto na metida da Linda, é isso aí!

Eles sorriram felizes.

– Ah, por que não disse antes? A gente vai levar bastante pra você!

Nossa, a Linda pelo visto andou distribuindo muitos foras por aí.

No mínimo achavam que eu ia fazer uma macumba, provavelmente. Mas macumba não se faz com sangue de galinha?

Ah, sei lá.

Tentei dormir. Tentei é a palavra certa, porque logo tocou o telefone. Atendi correndo, com medo de acordar Zack, mas me senti uma idiota. Vampiros deviam ter um sono muito pesado. Afinal, qualquer susto durante o dia seria uma tentativa de suicídio. “Oh, meu Deus que barulho foi esse?” Puuufff.

– Jéssica? Meu Deus, onde esteve?

Ah, o diretor. Sim, com toda essa bagunça eu havia me esquecido dele.

– Olá, seu diretor!

– Mas... o que houve, afinal? Onde esteve?! Se seu pai souber disso, ele...

– Oh, pode ficar tranquilo, seu diretor!

Nossa, só agora percebi que não sabia o nome dele. Mas não ia ter a cara de pau de perguntar a essa altura dos acontecimentos.

Expliquei tinton por tinton que na verdade, Zack e eu não nos encontramos aquela noite – lembra, eu estava meditando na sala? – e que aquilo não era rastro de sangue, e sim de groselha, porque eu fui levar uma jarra para o quarto e como enchi muito, ela acabou derramando. Ai, eu vou ter que passar uma boa hora no confessionário. A desculpa mais esfarrapada que alguém podia arrumar, eu sei, mas não quando você é Jéssica, a filha de Papai, o Embaixador.

Sabe que está um pouco divertido voltar à adolescência? Quer dizer, sem mencionar “mentiras”, e sim, “pequenas desculpas”. Quando o tempo passa a consciência começa a pesar bastante.

Ele ouviu tudo atentamente, deu uma pigarreada como se ao menos estivesse tentando acreditar na história, despediu-se, mas não sem antes me pedir para avisar se Zack aparecesse. Desliguei.

Voltei para cama. Agora vai.

Não foi.

Dessa vez foi a porta. Bobby e seus amigos chegaram com um pote cheio de sangue de rato. Foram bem rápidos até.

Eca!

Agradei muito e disse que iam ter notícias do que eu ia fazer. Droga, agora eu tinha que aprontar uma realmente com a Linda para

que ninguém desconfiasse. Mas o sangue era útil, então sei lá, iria usar groselha nela mesmo.

AGORA eu durmo.

Acho que realmente dormi, embora não soubesse por quantas horas. Na verdade deviam ser por volta das dezoito quando acordei. Eu sei porque acordei com a cara linda de Zack em cima de mim.

– Oooi!

Com o susto empurrei-o longe. Fraco do jeito que estava nem conseguiu se equilibrar e caiu de volta no armário.

– Boa tática – respondeu ele ainda rindo – mas não é assim que vai me matar. Desmontar, talvez...

– D-desculpa... ah, peraí, desculpa por quê?

Levantei, exasperada. Ele sabia, pelo sorriso nos olhos dele, que eu não era capaz de matá-lo. E eu o salvei, não foi? O que acontece com caçadoras desempregadas do Conselho? O que vai acontecer com toda grana que gastei?

Já sei. Vou dizer que fui seduzida. Ele usou seus poderes de vampiro gato em cima de mim.

Usou, não foi? Agora eu mesma estava desconfiando...

Zack cambaleou e estendeu para mim um pano vermelho. Quase fiquei da cor dele. Do pano, quero dizer.

Era o short do meu *baby doll*. Cacete, como...?

– Ah, eu achei isso ali fora... esperava encontrar você vestida sem ele, que pena...

Virei de lado com os braços cruzados para ele não me fitar mudando de cor.

Se bem que vermelha já era uma característica minha toda vez que aquele vampiro miserável passava perto. Talvez eu nem tivesse outra cor para ele.

– Agora... – Zack continuou, rodando no dedo meu short – como sabia que eu acharia uma gracinha você vestida de marinheira? Roubou esse vestido de uma menina de cinco anos? Já devia estar curto nela...

– Morra, sua praga! É culpa sua eu estar vestindo isso – disse, entre os dentes – já que ficou dentro do meu armário junto com todas as minhas roupas! Foi a única coisa que me deram!

Ele riu alto, jogando meu short em cima da cama e sentou-se nela. Eu não queria que ele saísse da minha cama, mas enfim. Também não queria estar vestida de marinheira.

Hum, quero dizer, guerreira da lua.

Aliás, já estava aliviada por ele não ter nem mencionado o estranho e ridículo poder que eu recentemente tinha manifestado.

– Antes que me esqueça... – ele disse, como se outra vez estivesse lendo meus pensamentos – nunca vou te levar para ver um filme de terror. Você me mataria de vergonha.

Idiota, idiota. Imbecil.

Peguei o sangue, já que estava lá mesmo, e estendi para ele. Eu devia essa, acho.

Ele me fitou com curiosidade. Que olhos lindos, meu Deus. Aquela sobrancelha que agora arqueava um pouco mais, os lábios de contornos finos – minha nossa, ele não parecia ter uma temperatura tão fria assim... Estremeci quando ele tocou em minha mão para alcançar o pote, mas segurei firmemente. Tenho certeza que ele estava a um passo de me agradecer, até que bebeu um gole e cuspiu horrorizado.

– Sangue de rato?! Você me deu sangue de rato para beber?

Bom, fiquei meio sem graça, como uma *chef* de cozinha que tentou uma experiência meio louca com uma receita consagrada. Ele esfregou a boca com uma cara enojada.

– Qual o seu problema? Acha que sou o quê? Vegetariano?

– Rato é carne, retardado!

– Mesmo assim. E se você estivesse com fome e eu te desse carne de rato para comer?

– Melhor que carne humana! – retruquei indignada. Mal-agrado de uma figa.

– Canibais discordam. E você é louca! Eu podia ter pegado leptospirose ou coisa assim!

– Mas você já está morto, idiota!

– *Touchè!*

Sacudi a cabeça tentando por os pensamentos no lugar.

– Escute, Zack... você está muito fraco. O hospital foi interditado, o que significa que nem de longe você entra lá de novo. Esse sangue

ainda vai manter você de pé, certo? Aquele sangue na calçada, quando você me jogou por cima do muro – depois falamos nisso e na minha meia calça rasgada, obrigada – era seu, não era? Você se feriu, então aqueles vampiros te seguiram outra vez. Eles vão fazer de novo, eu sei! Por que não bebe essa droga logo? Sangue é sangue!

Zack sacudiu a cabeça, sério, mas mostrou um sorriso no canto dos lábios.

– Esse sangue não vai me dar a força vital que preciso para vencer, mas... sim, vai me manter de pé. Obrigado.

Ele virou de um só gole o sangue na boca, fazendo uma cara enjoada – mais ou menos como a minha – credo, aquela boca linda bebendo sangue de rato! Rato! – mas tomou tudo resignadamente. Como uma criança levada que tomou o remédio porque a mãe ameaçou bater com o chinelo.

Eu não tinha chinelo, mas minha mão ainda era pesada.

Apesar de não sair levantando pompons por aí.

Ele permaneceu com a cabeça abaixada e mordeu meu lábio inferior. Queria saber muito mais sobre ele. Queria saber tudo.

Não é o que você está pensando, quer dizer, preciso saber os pontos fracos dele para poder... poder o quê?

Ah, sim, sim, matá-lo.

Nem eu acredito mais nisso.

– Por que – arrisquei, antes de me arrepender – eles queriam te matar? Vampiros são uma classe tão desunida assim?

Ele permaneceu em silêncio, com um sorriso obscuro. Não podia sequer imaginar o que estava passando por aquela cabeça negra de olhos profundamente azuis, que pareciam ter mudado de cor depois de ter absorvido todo aquele sangue. Como o silêncio ainda se prolongava e a escuridão do quarto aumentava a cada instante, tentei recuar.

– Bem, se não quiser me contar, eu entendo... hum... não quero acabar como...

Engoli o que ia dizer.

Eu ia dizer exatamente: *“não quero acabar como aquelas meninas que dizem terem sido transferidas”*. No meu íntimo eu sabia.

Elas tinham sido mortas.

– Não quer acabar como o quê, Jéssica?

Aquela voz doce e profunda dizendo meu nome desta vez não me encheu de desejo. Encheu-me de pavor. Quando ele dizia meu apelido, embora eu me irritasse com essa intimidade toda, sabia que vinha uma brincadeira, um sarcasmo idiota. Desta vez...

– Eu não quero acabar como aquelas meninas que dizem terem sido transferidas. Pronto falei.

Falei demais para variar.

Esperava que a reação dele fosse como se eu tivesse dito algo absurdo, quase um pecado, um palavrão de conseqüências arrebatadoras – que? – ou estivesse sendo tão sarcástica a ponto de ofender. Que risse ou me xingasse. Mas não.

Incrível como a reação dele nunca era a que eu costumava esperar.

Zack levantou-se sério, fitou-me longamente com seus longos olhos azuis – já disse que os cílios dele conseguem ser mais compridos dos que os meus? – , aproximou-se com um sorriso – sem mostrar os dentes, como sempre – e acariciou minha face. Tenho certeza absoluta que devo ter corado até a alma, porque minhas mãos arderam intensamente, como se já nem houvesse espaço para manifestar calor no meu corpo. Chegando bem próximo de meus lábios ele sussurrou com um leve tom de ameaça na voz.

– Então não se aproxime mais de mim... Jéssica.

Quando saiu do quarto deixou para trás uma mulher ao mesmo tempo mortificada e atônita.

10

Rapto



Mas que raios aconteceu? Que tipo de fala foi aquela?

Será que o tinha ofendido com o sangue de rato?

Será que foi a suspeita que levantei a respeito dele ter matado aquelas meninas?

Taí uma coisa que eu tentei explicar pra mim mesma. Quer dizer, você não se ofenderia com ambas as coisas?

Tudo bem, não foi o melhor dos comentários, mas... era o Zack. Nada nunca o abalava, certo? Se imediatamente o tivesse acusado de ter atirado contra o Papa ou de ser par romântico do *Conde Drácula*, ele não teria simplesmente rido de mim e dito “cuidado, você pode ser a próxima” – em ambos os casos?

Mas algo na voz dele não havia soado irritada. Ele não queria mostrar que se sentiu ofendido, apenas mostrou... uma provocação.

Aquilo foi uma ameaça.

Ah, minha nossa, grande caçadora do Conselho. Perdi a única oportunidade que tinha de matá-lo sem sofrer um único arranhão e agora o vampiro sabia meus pontos fracos.

Que se resumiam a ele.

Caí em uma armadilha. O pior é que...

Bem, eu não queria *sair* dela. Zack era um cara gato, divertido, brincalhão e com muita experiência. Quer dizer, considere 800 anos.

Sei que gosto de caras mais velhos, mas isso é ridículo.

Okay, desconsidere o fato de ele estar morto. Desconsidere o fato de que vou envelhecer enquanto ele me assiste decair pouco a pouco até ficar uma velha caquética enquanto ele vai estar lá, aparentando seus 25, 30 anos.

Ele não deve ter desconsiderado esse fato. Deve ser por isso que me considera uma idiota completa. Ah, quero minha mãe.

Aliás, já devia estar na hora dela me ligar. Se não me ligar logo, eu vou precisar entrar em contato com o Conselho. Dizer que falhei e quero voltar pra casa, obrigada, beijos me liga.

Não fui atrás do Zack. Não que estivesse com medo ou coisa do gênero. Mas eu devia começar a tomar um pouco de cuidado. Quem me garante que todos os vampiros por aí não se revestissem desse jeito sedutor para enganar caçadoras incautas? Até aquele vampiro loiro que me atacou, lindo de morrer, tinha um sorriso malicioso.

Vasculhei minhas roupas, achei uma bonitinha qualquer que me servisse – afinal, de que valeria a pena caprichar na produção já que Zack me viu de *baby doll* e de guerreira da lua? Mesmo se me vestisse de Madonna ele nem se importaria – e achei um crucifixo lindo de prata, que minha mãe havia me dado há algum tempo atrás, enfiado no meio das minhas roupas. Fiquei muito feliz; realmente achara que tinha esquecido. Não por achar que me protegeria de alguma coisa – como um vampiro sedutor, por exemplo – mas com certeza me deixaria mais tranquila. Abri o fecho e o pus imediatamente no peito.

Também encontrei um vidrinho de água benta, pela metade. Esse devia ser do meu pai. Tinha um bilhete escrito rapidamente com letra de médico que parecia dizer: “use com cuidado”.

Papai, isso é água, não soda cáustica. Faz bem, sabe?

Como era pequeno, enfiei-o no bolso da calça – torcendo para não esquecer e por acaso sentar em cima dele – dei uma penteada no cabelo e saí. Eu sei, depois de todo aquele susto deveria ficar na cama, mas infelizmente tinha aula. E depois de uma série de sumiços, da suspeita de eu estar às voltas com Zack – que ninguém sabia onde ele estava ainda – e, claro, por causa da *minha* série de faltas, sendo que eu acabaria expulsa sem oportunidade para tentar uma nova caçada.

Agora mais do que nunca estava disposta a dar tudo para saber mais sobre Zack. E sim, eu tinha que entrar em contato com o Conselho. Mas não sem antes investigar mais a fundo. Ou elaborar uma senhora desculpa.

Após uma desgastante aula de biologia onde, é claro, meu vampiro favorito nem deu as caras, corri para o quarto das meninas. Sei que Bobby estava lá, apesar dos inúmeros protestos dos bedéis de que meninos não devem ficar no quarto das meninas, especialmente durante a noite, mas Bobby fazia de conta que era gay sempre que passavam por perto. E ele tinha um talento nato, tenho que admitir.

A mensagem das meninas durante a aula foi tão inesperada que fiquei enterrada até o sinal tocar.

“Jéssi, assim que puder, venha depressa! Bobby descobriu uma coisa interessante!”

Ah, ele é lobisomem além de vampiro? Hum, espere, eles ainda não sabem que Zack é um vampiro. O pior é que parece haver mais deles por aí. O bom é que são todos gatinhos – infelizmente as vampiras também, o que significa que Zack deve mesmo me considerar um lixo – então uma ‘sem-graçona’ como eu não teria chance com nenhum. Não que me anime a ideia de virar uma vampira, só sair à noite – nunca mais a chance de ir pro Rio de Janeiro pegar uma corzinha – beber só sangue e chocolate nunca mais, além de ter pessoas da mesma raça que eu me atacando. Sem contar a ideia de viver para sempre, que horror! Ver as pessoas que amo morrendo uma a uma.

O quê? Você acha que eu seria capaz de me tornar uma vampira por causa de um cara que é todo cheio de mistérios?

Talvez quando eu fosse adolescente. Papai fez muito bem em não me contar da... tradição da família antes. Porque afinal eu tinha outras responsabilidades agora.

Tinha que pensar no Pteróski.

Bati na porta esquecendo totalmente a senha musical que elas tinham inventado, então inventei uma música qualquer. Elas sabiam que era eu, de qualquer forma.

– Jéssi, entre! – disse Estela quando abriu a porta – Que bom que está aqui!

– Alguma novidade? – perguntei, tirando o casaco.

– Muitas – respondeu Bobby do computador, sem tirar os olhos da tela – Veja só isso!

Eu estendi meu rosto para as imagens do computador. Havia três reportagens, coladas uma na outra na tela. Não, não eram reportagens. Eram históricos.

– Você... você conseguiu os históricos das meninas desaparecidas? Como? Disseram que estavam desaparecidos, da mesma forma que elas!

Ele corou levemente.

– Hum, na verdade, desde que esteja no sistema, não é realmente necessário papel, você sabe?

– Meu Deus, você invadiu o sistema da universidade, seu hacker?

Ele corou tremendamente. Tipo como eu fico quando Zack me passa aquela cantada caprichada.

– Não é minha culpa! O *firewall* deles é que é muito ruim!

Claro. A culpa não é do assaltante. Eles que deviam por o cofre em um local inacessível à população. O pior é escutar casos de ladrões que tentaram roubar casas de pessoas, acabaram presos e ainda por cima processaram as vítimas por isso. Não, mais assustador que isso é saber que muitos ganharam.

– Tudo bem, Bobby, tudo bem. Mas enfim... o que você descobriu?

– As meninas tiveram os mesmos trajetos antes de desaparecerem.

– Como assim?

– Três semanas depois de conhecerem Zack, perseguiram-no amigavelmente – assim, não como as garotas de torcida, que só afastam as meninas dele – sumiram sem deixar um rastro sequer. Consegui o telefone de uma delas do histórico, e liguei. A mãe desligou na minha cara. Então pesquisei o nome dela, – da filha, não da mãe – Sarah Lewis, no computador e... olhe só!

– O que, o quê? – estreitei os olhos para a imagem que ele procurava me mostrar na tela LCD do laptop.

– Esse site é do cemitério de Rosenville. Este é o túmulo dela.

Olhei horrorizada a imagem de uma sepultura de mármore branco com flores ao redor.

– Uau – comentou Sofia com um tom meio mórbido – eles põe de tudo *online* esses dias.

Lancei-lhe um olhar de reprovação, mas ela deu de ombros ou fingiu que não ouviu.

– Mais uma. Essa é de Marian Red Stanley, que também estudou aqui.

A foto era de uma menina até um pouco parecida comigo, mas de cabelos curtos e sardenta. Mas era muito bonita mesmo. A legenda dessa mesma foto dizia: “Arquivo da polícia”.

– Ela...

– Sim, morreu. Mas a polícia achou que pode ter sido suicídio. Mas acho meio difícil considerando que...

– Considerando que...

– Nem uma gota de sangue. As três tinham a mesma marca. Quer dizer, dois furinhos no corpo, embora em locais diferentes. Mas não foram encontradas dentro da universidade, com exceção de Sabrina McGovey.

– Foi a terceira?

– Sim – ele estava muito sério, como um detetive mostrando as provas a seus assistentes e tentando conectar as pistas do crime – Sabrina foi encontrada no quarto, de camisola, jogada na cama e com a janela aberta – mesmo que seja terceiro andar, não se pode desconsiderar que alguém de poderes, sei lá, grandes na escalada pode ter subido e...

– Ah, foi por isso que o clube inteiro de alpinismo foi interrogado – deduziu Estela, pensativa.

Isso foi ridículo. Acharam que o culpado poderia ter sido um atleta apto em escalar paredes de tijolos? Não teria sido mais fácil supor que podia ter sido um vampiro que entrou ali se utilizando de seus poderes ocultos?

Certo, antigamente eu teria achado a *minha* ideia ridícula.

– Então ela foi morta na cama?

– Eles devem ter tido um trabalhão para ocultar o fato. Na verdade, parece que os pais de Sabrina moravam em outro país, então não deve ter sido difícil arrumar uma desculpa qualquer para

quando eles chegassem. Overdose, ou coisa assim. Era só alegar que a culpa fora da menina, não é? – deduziu Estela.

– Que coisa horrível! Mas qualquer um que tivesse vasculhado o quarto teria notado que a menina não usava drogas e ainda por cima... morta em cima da cama, simplesmente?

– Sem uma gota de sangue no corpo – completou Bobby, com uma expressão severa, fitando o computador. Rapidamente virou-se para mim.

– Jessi... o que tenho a dizer pode assustar um pouco.

Estremeci. Ainda pode haver coisas que me assustem um pouco?

– Vampiros existem, Jéssica.

Juro que tentei fazer uma expressão de espanto. Daquelas que eu fazia quando alguém virava para mim e dizia ter visto o homem do saco. Acho que ficou meio cômica. E ele ainda completou.

– E acho que Zack... é um deles.

Virei a cabeça pra trás numa gargalhada. Não pude resistir.

– Zack? Imagine! Ele só é um... idiota! Bonito, concordo, mas idiota!

– Um idiota que bateu num time de basquete inteiro? – retrucou, sentindo-se irritado por estarem duvidando de algo do qual ele parecia ter absoluta certeza.

– Só porque ele é mais forte do que você, não quer dizer que tem que ter inveja dele – replicou Sofia para Bobby.

– Verdade – disse Dine, por sua vez – Homens são todos iguais. Se o cara é bonito, é gay. Se é sensível, é gay. Se é romântico, é gay. Se bate num time inteiro de basquete com facilidade, é vampiro.

– Mas...

– Olha, Bobby – disse Estela, cortando a fala embasbacada de Bobby – a gente não pode acusar ninguém sem provas, certo? E Jessi gosta dele. Então vamos só ficar por perto para protegê-la.

– Obrigada – respondi, com uma voz meio esganiçada; era muita informação para um dia só – eu estou bem, sério. Estou na terceira semana desde que conheci Zack e nada aconteceu, não foi? Pode ter sido uma coincidência. E essas mortes que a polícia está ocultando fora da universidade? Essas meninas podem ter sido atacadas há mais tempo, e agora, sei lá, começou a ficar mais popular. Vai ver no

caso de Sabrina um desses assassinos possa ter conseguido se infiltrar. Deve ser só uma coincidência, certeza.

Nem eu mesma podia acreditar nisso. Zack. Só podia ter sido ele. E todas com um período muito parecido de mortes. O mesmo período que fez Zack mudar drasticamente comigo. Estava na hora de buscar uma ajuda mais profissional.

– Bom, e quanto à carta? – perguntei, doida para desviar o assunto – Lembram-se? Da ameaçadora carta com gosto de groselha?

Elas balançaram a cabeça, constrangidas.

– Essa tá difícil, chefe. Vasculhamos até históricos de meninas estranhas, roqueiras e emos, mas as fichas estão limpas. Precisamos de mais provas.

Suspirei. Mais um mistério sem solução, mas por enquanto esse estava sob controle.

Quer dizer, nunca tive medo de groselha.

Despedi-me, agradecendo e garantindo que estava tudo bem comigo, e que Zack jamais tentaria me machucar de forma alguma.

Ao menos eu esperava que não.

Quando cheguei ao meu quarto, um arrepio passou pela minha espinha – na verdade já estou me acostumando – quando vi outra faca enfiada em minha porta. Dessa vez era um punhal, bonito mesmo, desses de antiguidade até. Admirei o cabo e percebi que estava meio desgastada. Será que foi muito usado, sabe, passeando pelas portas de todo mundo? Só o que constatei depois fez meu coração dar outro pulo.

Acho que meu coração deve deixar um rastro de feijões caso se perca pelo caminho. Fiz carinho no peito dizendo ‘calma, calma, vai dar tudo certo’ pretendendo me acalmar e guiá-lo de volta.

O fato é que o líquido vermelho que estava na adaga já não era groselha.

Era sangue mesmo.

Eu não podia simplesmente arrancar a dita cuja da porta e sair com ela em punho até o quarto de Bobby e dizer: ‘olha, achei outra! Analisa o sangue pra mim, por favor?’ e ser pega pelo corredor parecendo uma psicopata. Muito menos ir até o quarto de Zack e

dizer: “oi, Zack, sei que você está numas de bancar o vampiro cheio de segredos, mas pode dar uma experimentada e ver de quem é esse sangue?”

Sei lá, vai que ele entrasse numa espécie de frenesi e pirasse. Não, não, chega de dor de cabeça.

Puxei a adaga da porta enrolando-a num lenço e passei um pano na porta. Afinal, o que pensariam as faxineiras da Universidade se vissem outra vez sangue na entrada do meu quarto? O mesmo que os nerds amigos de Bobby pensavam: que eu era uma macumbeira. Deus me livre, mas pelo menos eu era popular no meio deles por causa do sangue de rato.

Nota mental: lembrar de aprontar uma com a Linda.

Ah, sim, também tinha um bilhete. O mesmo recado, com letras diferentes. Apesar disso, a fonte diferente estava lá, com outra letra. Eu não estava enganada. A pessoa – ou pessoas – que estão aprontando uma comigo gostam muito de revistas estilo rock ou tatuagens. E como era o mesmo tipo de bilhete, simplesmente dobrei, entrei no quarto e coloquei na mala. Daria uma ótima recordação.

Quer dizer, se tudo desse certo, como eu matar o Zack, receber o dinheiro e coisa e tal. Será que mamãe também teve esse problema com vampiros charmosos?

Será que meus pais falharam alguma vez?

Tranquei a janela. Definitivamente não queria acabar como a Sabrina. Antes eu ficava realmente empolgada quando Zack vinha ao meu quarto, confesso, mas agora com essa suspeita, acho meio difícil de acreditar que ele não tivesse nada a ver com aquelas mortes. Tudo bem, talvez aqueles vampiros que o estavam perseguindo houvessem matado aquelas garotas. Ora, por que não? Já tinham quase me matado, não é? Eu teria sido a quarta. Em três semanas também. Mas se fosse assim, Zack simplesmente não teria dito isso quando o acusei, de que não fora ele?

Ou teria ficado ofendido?

Quer dizer, como assim, sua caçadora desconfiasse de que ele não era um cara decente?

Respirei fundo, tomei um chá que fiz, gelado mesmo, e deitei. Nada de *baby dolls*, de uniformes de marinheira – digo, guerreira da lua – ou de suspiros esperando pelo príncipe encantado. Era melhor que ele nem viesse.

Pelas duas horas da manhã senti um arrepio constante subir e descer pela espinha. Tenho certeza que estava sozinha no quarto. Ao menos, tranquei bem as janelas e porta antes de me deitar, tenho certeza de pelo menos isso. Abri os olhos devagar.

Eu estava certa e errada ao mesmo tempo.

Certa porque realmente não havia ninguém comigo. Errada porque, bem...

Eu não *estava* no meu quarto.

Suspirei, considerando que devia estar sonhando. Afinal, estava agora deitada em um quarto qualquer, quase sem móveis, com uma janela totalmente aberta e cortinas de seda vermelha voando, sendo que eu não *tenho* cortinas de seda vermelha no meu quarto. Levei delicadamente minha mão ao meu braço e dei-lhe um beliscão.

Constatee dolorosamente que não estava sonhando.

Sonambulismo? Pelo amor de Deus andei novamente pela Universidade de *baby doll* – ah, sim, eu estava de calcinha antes, só um tantinho pior – sem perceber? Bom, pelo menos era madrugada. Não devia ter uma viva alma – talvez vampiros? – zanzando pela Universidade àquela hora da noite. Bom, se alguém deu uma festinha no quarto iam apenas considerar que uma louca qualquer estava bêbada e saiu andando por aí.

Não que eu realmente fosse convidada para alguma festinha.

Sentei-me. Estava em uma cama, bem macia até, num cômodo praticamente vazio. Havia apenas uma mesa em um dos cantos do quarto com uma garrafa e um copo de cristal contendo o que supus ser vinho.

Ao menos rezei para ser vinho.

Imaginei que em breve Zack surgiria na porta usando apenas um roupão preto, segurando em uma mão um cálice e com uma expressão sedutora e enigmática dizendo: “Seja bem vinda ao meu humilde castelo”.

Dei uma ajeitada no cabelo – qual é, tenho um pouco de orgulho – e levantei. Uma porta abriu-se atrás de mim.

Não era Zack.

Era um cara lindo, de cabelos negros descendo até as orelhas, olhos amarelos e sedutores, camisa social semi-aberta – opa! – e uma calça de vinil preta.

Minha nossa!

Pois é, uma calça de vinil preta? Meu captor veste uma roupa parecendo um *go-go boy*? Por favor, diga uma frase do tipo: “meu mestre está aguardando” ou coisa do gênero.

– Jéssica...

Cacete!

– Quem é você? Como sabe meu nome? – tentei parecer rígida, mas minha voz saiu esganiçada. Vou te contar, esse negócio de caçadora tem emoções demais para se lidar.

– Não importa. Você vem comigo.

Certo, no passado se um cara bonitão desses aparecesse na minha frente e dissesse ‘você vem comigo’ eu teria pulado no colo dele e dito: ‘pra onde você quiser, querido!’ mas isso não estava certo. Quer dizer, eu estava comprometida com Zack.

Até onde uma mulher pode descer, macacos me mordam.

Macacos me mordam, mais uma expressão velha que eu tenho que tirar do meu dicionário.

– Mas por que eu?

– Isso não importa, já disse. Venha comigo e não toque em nada.

– E se eu não quiser?

Ele simplesmente abriu a boca e exibiu longos caninos pontudos que brilharam feito pérolas esculpidas na minha direção.

– Hum. Entendi.

Ele segurou em meu ombro e me conduziu para fora do quarto. Se era um dos vampiros que estavam atrás de Zack, não estava naquele dia que o atacaram. Eu estava tão gelada quanto ele, imaginando para onde estaria me levando. O vento frio da noite quando saímos ao jardim fez meus nervos encolherem meus ombros e não sabia nem exatamente porque tremia; se de medo, tensão ou frio.

Garanto que a primeira sensação era a mais provável.

– Como entrou em meu quarto? – arrisquei – A porta estava trancada, as janelas também. E você definitivamente *não* foi convidado.

Ele riu atrás de mim.

– Você realmente desconhece os poderes dos vampiros, não é? Zack não contou que podemos abrir fechaduras ou destrancar janelas? Que podemos observar uma vítima toda a noite sem ela perceber?

Senti uma sensação que me deixou envergonhada. No fundo eu até queria que Zack me observasse toda a noite. Gente, meus hormônios estão fora de controle. Acho que isso é mal de universidade.

Ele parecia inquieto, procurando algo nas árvores ou talvez por alguém. Por que eu, afinal? Quer dizer, será que uma caçadora do Conselho é tão fácil de reconhecer assim? Ou será que...

Será que estavam me usando para chantagearem Zack?

O que é absurdo, afinal ele mesmo disse para me afastar dele.

Engraçado.

Era o que eu esperava que ele dissesse no primeiro dia que anunciei ser sua caçadora.

Fiquei olhando para os lados, agoniada como ele. Alguma coisa tinha que acontecer ali, certo? Eu sou a mocinha da história.

Ou eu seria só o prólogo? Mais uma para assombrar o histórico de Zack, embora eu mesma ache que ele é o responsável por isso.

– Por que não me mata aqui mesmo? – disse com uma coragem louca – Por que não me matou antes, também?

Ele não disse nada por alguns segundos, mas soltou uma frase que me fez arrepender-me da pergunta.

– Ele sentiria o cheiro do seu sangue. Ele está sempre perto de você.

Certo, também fiquei um pouquinho feliz.

Quando saímos do jardim e enquanto contornávamos os corredores de um dos prédios das salas de aula, com ele apertando fortemente o meu braço, não pude deixar de pensar. Seria fácil escapar, não é? Bastava dar um dos meus famosos gritos e metade da universidade estaria de pé.

Ou surda.

Mas depois como explicar novamente todos os vidros quebrados? Não que eu tivesse dado qualquer explicação, mas dizer que fora um furacão outra vez estava fora de cogitação.

Achei que ele me conduziria para fora da universidade, de modo que seria fácil chamar a atenção do guarda ou porteiro na porta, mas não. Fez-me descer alguns lances de escada, conduzindo-me para o subsolo. Será que eles sentem cheiro do medo, que nem alguns animais? Quer dizer, eu devia estar liberando alguma espécie de hormônio, não?

Além dos habituais quando Zack está perto de mim, quero dizer.

– Para onde você está me levando, afinal?

Ele não respondeu e achei que ia morrer ali, no suspense. Aquilo me irritou. Estava cansada de tantos segredos, de tanta coisa sendo escondida de mim. Estava sendo ameaçada, perseguida, maltratada e que droga, por causa do quê? Vampiro algum tinha que se sentir ameaçado por mim, nunca eliminei nenhum!

Foi então que me lembrei de uma coisa muito importante.

Eu estava na TPM.

Força alguma na Terra pode superar o poder que eu costumo ter durante pelo menos cinco dias do meu mês.

Com uma irritação extrema, me desvencilhei dos braços dele com uma velocidade muito alta e minha mão fechada conheceu os lábios dele antes dos lábios dele conhecerem meu pescoço.

Ele caiu para trás desorientado, com o lábio sangrando no canto direito com uma expressão visivelmente consternada.

– Por que fez isso?!

– Você não vai me matar! Antes mesmo que você tente, Zack irá aparecer e me salvar!

Eu achei que ele ia rir e dizer com uma voz cavernosa: “Zack não irá salvar você! Ninguém poderá salvá-la das minhas garras!” então terminaria com uma risada bem sinistra e sexy. Mas não. Eu não acerto uma.

O que ele parecia era realmente confuso.

– Salvar você? Sou eu quem a está salvando dele!

Alguém pode parar o mundo mais uma vez, por favor? Eu quero descer.

– Do que diabos você está falando? São vocês quem estão atacando Zack!

– Zack é um vampiro poderoso demais! Temos que usar todas as táticas para vencê-lo! E você... Simplesmente estou poupando sua vida antes que ele a tire! Na verdade... eu pretendia ir mais além. É por isso que estou levando-a para o subsolo, para que ele não sinta o cheiro do seu... Bem, sangue.

– C-como assim? – recuei com um passo para trás.

Qualquer coisa eu grito, e danem-se os vidros da universidade. Se bem que eu poderia realmente abalar as estruturas e fazer o prédio inteiro cair em cima de nós dois. Bom, ele podia até sobreviver, sendo imortal, mas teria que dar muitas explicações na polícia.

– Você... podia ser uma grande aliada nossa... ou ao menos eu poderia dar-lhe poder suficiente para poder sair daqui sem que ele pudesse machucá-la. Você não quer acabar como aquelas meninas, quer?

– Foram vocês... não é?

Ele fitou-me com aqueles olhos sinistramente amarelos e brilhantes.

– Não, Jéssica... não fomos nós.

Ele aproximou-se. Cada célula do meu corpo gritava aterrorizada para sair correndo dali, mas minhas pernas não obedeciam. Na verdade eu sentia algo agradável emanando em mim. Uma força desconhecida, algo que...

Parecia um baile de formatura. Nesse momento o capitão do time, o mais lindo de todos, estava me convidando para dançar na frente de todas as esbeltas do baile, a menina mais sem graça, mas que naquele momento era a mais linda... Ele me abraçava e parecia murmurar algo em meu ouvido, chegando bem próximo do meu pescoço.

De repente, um estranho acidente acontecia e o mais belo conto de fadas virava um pesadelo angustiante. Sangue por toda a parte. Acordei.

O sangue não era meu, mas estava espalhado ao meu redor. O vampiro que me seduzira lutava frenético contra Zack, que estava ali, sugando o sangue dele segurando-o pelas costas. Acabara de receber uma estaca no coração, e tentava com suas últimas forças afastar o recém atacante.

Congelei. Zack parecia mais sinistro do que nunca. Quando afastou o homem, sorriu sem mostrar os dentes. Mas eu não precisava nem ver para saber que estavam ali.

O meu raptor caiu aos meus pés e instantaneamente virou cinzas. Já Zack permaneceu com os olhos fixos em mim.

Fale alguma coisa, eu disse pra mim mesma. Qualquer coisa; quebre a tensão do momento. Pergunte se ele viu o que passou na Sessão da Meia noite, sei lá.

– Então, ainda está com fome?

Isso não, sua idiota!

Zack riu. Não mostrou os dentes, mas riu.

– Não, minha querida. Não mais.

Não posso negar que isso foi um alívio. Mas parece que hoje era o meu dia de dizer besteiras.

– Então... por que o vampiro que você acabou de matar – pelo visto todo mundo sabe fazer isso melhor do que eu – disse que pretendia salvar-me de você?

Ele já não riu mais. Depois de revestir uma expressão subitamente séria, levantou uma das sobancelhas e deu um meio-sorriso.

– Não acredite nos vampiros, Jéssica... eles são muito mentirosos.

O sorriso enigmático dele foi tudo o que vi, antes de tudo escurecer quase imediatamente.

Ataque



Quando levantei, o sol estava alto. Olhei ao meu redor. Tudo aquilo fora um sonho? Eu estava novamente em meu quarto, coberta até o pescoço pelo meu lençol, com meu cabelo bagunçado no meio do travesseiro.

Mas algo estava errado.

Normalmente meu travesseiro fica no chão, meu lençol só acho traços dele longe da minha cama e tem vezes que nem estou com a roupa do corpo. Certo, isso só aconteceu uma vez, mas me deixou um pouco grilada. Quer dizer, não é sempre que você acha sua camisola pendurada no lustre do seu quarto.

Isso significa que dormi por um curto período de tempo. Não deu tempo de fazer minha bagunça noturna costumeira. Sem contar que ainda havia traços de sangue na minha camisola. É. Realmente aconteceu.

Zack esteve lá, salvou-me daquele vampiro – acho – bebeu o sangue dele, matou-o e me deixou no quarto. Mas isso significa que ele tem outros poderes que eu mesma não posso entender. Quer dizer, ele me fez desmaiar naquele momento sem sequer tocar em mim.

Uau, ele me carregou no colo!

Para com isso, Jéssica. Não esqueça o que aquele vampiro falou.

Mas também não consigo esquecer o que Zack falou.

Que vampiros eram muito mentirosos. Será que ele se referia ao vampiro que atacou ou...

Ou se referia a ele mesmo?

Bom, como eu mesma havia dito antes, era hora de arrumar ajuda profissional.

Os alunos não eram autorizados a sair da universidade, mas isso não é nada para...

Jéssica, a caçadora de vampiros.

Eu sei, você achou que eu diria “Jéssica a filha de papai, o Embaixador”.

Na verdade eu tenho meu próprio título. Sem contar que já estou ficando meio cansada de ser chamada de excêntrica.

Abri minha mala, arranquei dali um pacote de biscoitos – já devia ter passado da hora do café na universidade, embora considerando que a maioria dos alunos nem tome café, já que acordam na hora do almoço; pus uma roupa mais confortável e saí. Apesar de sentir-me meio zozza, percebi que algo ali estava errado.

Pelo visto todas as mulheres da universidade resolveram entrar na onda dos *cosplays* e vestirem-se de marinheiras. Não, não vou corrigir e dizer “guerreira da lua”, porque estavam de marinheiras mesmo, algumas até de capitãs, eu diria. Outras de algo que eu até diria que veio do mar, mas estavam muito pouco vestidas para ter certeza.

Nunca pensei que um dia poderia lançar moda. Bem, admito que Zack tenha uma grande parcela de culpa.

Tudo bem, 100%. Mas eu dei a ideia.

Amanhã vou dizer que ele gosta de *Star Wars*.

Linda estava elegante em sua mini-roupa de marinheira, embora eu não ache que marinheira alguma no mundo ia se atrever a usar aqueles trajes. O quepe era uma graça, admito. O mais assustador, na verdade, era ver que alguns homens também usavam roupas de marinheiro.

Sem comentários.

Bom, só um: eles estavam muito gatinhos, mas com certeza não jogavam no mesmo time que eu. Quer dizer, não era a mim que eles queriam seduzir e sim, ao Zack.

Não tive dificuldade em passar pelo porteiro; acho que ele já tem minha ficha arquivada em algum lugar naquele posto da entrada. Ou então não quer arrumar encrenca com a excêntrica.

Ou os dois.

De qualquer forma ele acenou para mim e sorriu com dentes amarelos, tentando parecer mais amigável. Na verdade, acho que sou a única que troca mais de duas palavras com ele todos os dias. Você sabe, para dizer: ‘deixa eu passar, sou excêntrica’ ou então ‘eu vou avisar Papai, o Embaixador’.

– Bom dia, senhorita Jéssica! Vai à igreja outra vez?

Uau. Não é à toa que ele é porteiro. Quer dizer, se quer saber alguma fofoca na vizinhança, pergunte ao seu. Pra mim, os jornalistas, antes de passarem na televisão as notícias, ligam para o seu prédio para confirmar as notícias com seus respectivos porteiros.

– Vou sim, Johnny. Quer que eu reze por você ou alguma coisa assim?

– Hã, bom, seria muito bom. Minha filhinha tem um probleminha mental e eu estou rezando bastante para a cura dela e...

– Ah, claro, Johnny – respondi com um sorriso para confortá-lo – não sei no que eu poderia ajudar, mas enfim...

Ele pareceu animado, dando um sorriso de ponta a ponta.

– Obrigado, senhorita Jéssica. E diga ao padre Marconi que a homilia dele de terça-feira foi deveras cativante.

Segurei o queixo para não cair. Além de ele ter ido à missa em um dia de trabalho ainda usou palavras difíceis? Ao menos para mim.

– Hum, certo, direi sim. Mais alguma coisa?

– Não... a não ser que a senhorita tome cuidado com o bonitão do Zack.

Bonitão?

– A senhorita sabe, houve casos estranhos aqui e não gostaríamos que isso se repetisse...

Ele disse bonitão, não foi?

– Os poucos traços que restaram daquelas meninas, bem... foi uma coisa muito triste.

– Pode deixar, Johnny, eu vou tomar conta do bonitão... ah, hum, de mim.

Ele sorriu e abriu o portão.

Algo me diz que em breve vou precisar muito da ajuda de Johnny, o Porteiro.

Você sabe, para alguma informação que ajude na captura de Zack, o bonitão, digo, vampiro.

A igreja estava bem clara, bem iluminada ainda pelo sol da manhã. Faltavam muitas horas para o pôr do sol, então não era necessário nenhum tipo de precaução, quer dizer, minha meia-calça era nova, mas não corria o risco de ser rasgada por alguma queda por cima de algum muro.

Não havia ninguém, ainda faltavam muitas horas para a próxima missa, tirando algumas pessoas ajoelhadas aqui e ali, aproveitando o frescor do tempo. Reconheci o padre das missas, então andei calculando os passos até ele pensando no que eualaria para poder explicar a situação. Quer dizer, eu não poderia chegar e dizer: ‘bom dia, sou Jéssica, filha do embaixador’. Não acho que isso o deixaria surpreso nem nada. Ao que ele poderia retrucar: ‘bom dia, sou Marconi, servo do Deus do Universo’.

Eu poderia quebrar a cara bonito.

– Ahn... com licença?

Ele virou-se lentamente com um sorriso, ainda com o fósforo fumegando, por estar acendendo as velas sobre o altar.

– Pois não? Em que posso ajudá-la?

– Hum... eu... estou precisando de um conselho.

Minha intenção na verdade era dizer “perdão, padre, acho que enlouqueci. Pode me ajudar?” Mas estou salvando a frase para o meu terapeuta. Quer dizer, tirando a parte do ‘padre’ e substituindo pelo sei-lá-qual-vai-ser-o-nome do meu terapeuta.

– Você parece bem preocupada. Bem, venha comigo.

Ele me conduziu por uma porta que ficava por trás do altar e percorri um corredor pequeno e estreito, até uma sala simples, com uma mesa no centro e duas cadeiras de madeira. Ele sentou-se em uma delas e fez um gesto para que eu me assentasse na outra. A verdade mesmo era que parecia que eu ia me confessar. Eu bem que queria mesmo.

– Então, qual o dilema, filha?

Minha garganta estava coçando. Eu precisava me abrir com alguém. Alguém que pelo menos eu pudesse falar sem arriscar a vida,

quer dizer, Zack disse que os vampiros não entravam na igreja, certo? Então o padre estava a salvo.

– Padre, meu nome é Jéssica e... o senhor acredita em vampiros?

Ah, claro, eu não poderia ter pensado em uma maneira mais sutil. Quer dizer, você convida sua amiga para um chá e diz: “quer duas colheres de açúcar? E a propósito, você acredita em vampiros?”

Quando uma das sobrancelhas dele ergueu-se com uma expressão de curiosidade, arrependi-me na mesma hora de ter feito a pergunta. Quer dizer, no mínimo ele ia me dizer que minha obsessão por *Crepúsculo* chegou a níveis extremos e eu ia precisar de exorcismo ou algo do gênero. Ou me proibir de ir à missa. Pelo menos a dele. Ou me passar uma penitência onde eu precisaria ser assistida por um terapeuta 24 horas do meu dia.

Na verdade, eu já estava planejando essa penitência pra mim.

Ao ver minha expressão de angústia, sua expressão relaxou. Ele recostou no banco, retirou os óculos que lhe caíam gentilmente na face e falou com voz serena.

– Claro que não...

Pus as mãos no rosto me sentindo uma idiota até que ele continuou.

– ...eles são muito mentirosos.

O chão fugiu dos meus pés.

– O...o que você, digo, o senhor disse?

– Ora, isso mesmo. Você não deve acreditar neles. Mentem que só vendo.

– M-mas e lobisomens? E mulas-sem-cabeça?

– Você quer saber de todo o folclore?

– Hum, não... é que...

Suspirei antes de falar tudo tão rápido que mal dava para entender. Conteí toda a história. Do conselho, do Zack, das *otakus* – claro que não mencionei minha fuga de calcinha pela universidade, não que isso fosse pecado, porque não fiz de propósito, mas era altamente constrangedor – das meninas desaparecidas – na verdade mortas – e do quanto me sentia perdida. Ele me olhava com atenção, como se estivesse tentando absorver cada palavra do que eu dizia ou simplesmente pensando: ‘eu só estava brincando...’

Aliás, tive medo que ele só estivesse brincando quando me contou aquilo. Tarde demais para recuar agora.

A expressão do padre Marconi estava novamente confusa, mas por outro motivo agora.

– Então o Conselho escolheu *você* para lutar contra Zack? O que deu neles? Você não tem a mínima...

Ele não completou. Então eu nunca soube se ele queria dizer “mínima chance” ou “mínima sanidade”. Bem, que importa? Acho que não tenho nenhum dos dois.

– O senhor conhece o Conselho? Sabe do que estou falando?

– Ah, estou sempre online! Sei de muitas coisas no site do Vaticano, por exemplo.

Primeiro minha mãe mandando mensagens, agora o padre por dentro de sites. Acho que quem está ficando velha sou eu.

Eu sei o que você pensou, mas Zack está ganhando disparado na contagem.

– Então... pode me ajudar de alguma forma? Sabe de alguma coisa que eu não sei?

– Não tem como eu saber isso – riu-se ele – mas então.... o que você sabe? Quantos vampiros você já matou? Para terem a confiança de a mandarem atrás de Zack... provavelmente milhares. Bem, não que eu simpatize com esse tipo de coisa, mas esses vampiros realmente estão me dando muita dor de cabeça...

– Bem, na verdade nenhum, sabe, sou nova no ramo... – respondi rapidamente.

Ele observou-me com olhos arregalados.

– Como assim? Nenhum? Tem certeza disso?

– Olha, se não matei nenhum esbarrando nele sem querer e empurrando-o na linha do trem ou coisa assim, tenho certeza.

– É, com certeza você não matou nenhum. Senão saberia que empurrá-los na linha do trem não faria diferença alguma.

Dei um suspiro cansado.

– Bem – ele acrescentou, quando viu minha expressão frustrada – você disse ter um poder, não é?

– Hum, é sim, eu tenho um poder devastador... nos ouvidos das pessoas. Eu grito horrores. Assim, quebro vidros e faço sangrar.

Digo, faço sangrar os tímpanos, não os vidros.

– Eu entendi, Jéssica – ele riu – mas esse é um poder bem incomum. Mas é só o início. Você deve vir de alguma linhagem de caçadores, não é? As gerações deles tem a característica de misturar poderes.

– Descobri recentemente – falei, mais desgostosa do que pretendia. Mas não podia negar que estava um pouco zangada. Afinal, meus pais estavam a muitos quilômetros de distância e estava apaixonada por um cara que estava se comportando de uma maneira que eu nunca esperava ver.

Certo, admito que não é muito diferente da minha vida atual, com a exceção de que agora tenho a obrigação de matar o cara em questão.

Das outras vezes eu só *queria* matá-los.

E ainda não ia ganhar nada com isso.

– Bom, minha filha... acho que não posso fazer muita coisa... só dar conselhos como... largue tudo e saia daqui o mais rápido possível ou coisa do gênero.

– Padre, você sabe muito mais sobre ele do que eu, certo? Por que está tão preocupado? O que aconteceu afinal, por que ninguém me diz coisa alguma?

– Jéssica, eu não sei muito sobre ele, a não ser das meninas que foram mortas na universidade...

Engoli em seco.

– Como assim, o senhor também sabe?

– A cidade inteira sabe...estava em tudo que é site, também... só que ninguém sabe que foi o Zack. Não há provas contundentes a respeito e...

– Mas o senhor sabe? – perguntei, angustiada.

– Bem, eu conheci as três. Vinham aqui na missa sempre, confessavam com frequência... também sei o quanto eram apaixonadas por Zack. Ele estava sempre presente nas conversas. Quando a primeira morreu, fiquei abalado, mas não desconfiei que pudesse ter sido ele. Mas a mesma coisa aconteceu com a segunda, e então com a terceira.

– Todas apaixonadas? Todas vinham à missa e todas mortas?

– Sinceramente, acho que não conheci nenhuma menina que não fosse apaixonada por ele. Quer dizer, ele é bonitão, não? Todas as vezes que eu ia à universidade conversar com ele era sempre um bando de meninas seguindo a gente e...

– Oi, pausa, pausa! O senhor ia à universidade conversar com ele?

– Por incrível que pareça... ele gosta de confessar e também de bater papo. A gente sempre tinha muito assunto. Bem, não digo que ele pecasse muito, mas é de muitas coisas do passado e tal.

Arregalei os olhos. Essa é nova.

– Confessar? Espera... ele contava das mortes?

– Bem, ele não falava isso em confissão, então posso contar. Só das últimas. Então o convenci de que isso podia mudar. Sugeri que assaltasse o banco de sangue.

– Padre!!

– Oras, era isso ou ele poderia tirar o sangue de alguém e matar! Era o máximo que eu pude fazer.

– Mas... não entendo... não há vampiros que sugam sangue de animais?

– Bem... esse não *pode* ser o caso de Zack.

– E o senhor pode me explicar por quê?

A cada fala do padre M. eu estava mais e mais angustiada. Afinal, ninguém poderia saber mais do Zack do que... o confessor dele. Pena que ele não me diria nada sobre o que Zack andou confessando.

Ele deu um suspiro triste.

– Você foi seguida quando saiu da igreja no último domingo?

– O senhor falou com algum porteiro?

– Oh, não, não – ele riu – quando termina a missa, Zack costuma acenar para mim do lado de fora. Nunca mais falou comigo desde que a primeira menina morreu. Só que quando você saiu, ele a ficou acompanhando com os olhos. Subitamente ficou mais pálido do que o normal e achei que ele ia atacá-la. Mas estranhamente, parecia preocupado. Correu em disparada antes que eu pudesse encontrá-lo do lado de fora e pará-lo. Depois disso, não soube mais o que aconteceu.

– Mas quando o senhor refere-se a ser seguida... está se referindo a ele?

– Talvez. Jéssica – o padre endireitou-se na cadeira; parecia um pouco incomodado com o que estava revelando – Zack é um homem poderoso demais. Ele tem mais de 800 anos como vampiro e a quantidade de sangue humano que já absorveu o tornou quase invencível. Contudo, ele cansou. Mas na lei dos vampiros, sendo ele um dos mais antigos e dos mais poderosos, é quase um crime. Na verdade, é. Se ele não beber sangue humano começará a ficar mais fraco com o passar do tempo, já que é vital para seus poderes. Os vampiros não aceitam essa decisão. Estão reunindo-se em bandos para eliminá-lo.

– Então essas meninas foram atacadas pelas presenças, certo? Não foi Zack!

– Se por ‘presença’ você se refere aos vampiros que o estão atacando... não, minha filha. Zack realmente as matou. É o que eu acho.

– Mas... por que acha isso?

– Porque ele parou de falar comigo desde a primeira morte. Nunca mais se confessou. Talvez resolveu não parar de matar para que não fosse mais surpreendido pelos vampiros.

– Mas – eu insistia; não podia acreditar que o que Zack me falara até agora fosse uma grande mentira – e o banco de sangue? Ele não estava satisfeito com o sangue de lá?

– Aparentemente não – ele suspirou – ou então não resistiu a matar novamente.

Eu balancei a cabeça, indignada. Certo, tudo bem, eu já esperava ter que matar um vampiro sedento por sangue, blah-blah-blah. Mas Zack parecia ser tão diferente...

Certo, o tal *Edward* do *Crepúsculo* também.

Levantei-me e agradei, dizendo que era melhor voltar antes que dessem por minha falta. Já tinha recolhido informações demais para aquele dia. Ia para meu quarto, tomar um café e ler um romance da Meg Cabot. Pelo menos os homens dela eram mais que perfeitos!

Cheguei à universidade, passei pelo porteiro Johnny que não só devia saber que fui à igreja, mas como também qual meu time de basquete favorito – que aliás devo dizer que nenhum – e fui direto ao

meu quarto. Soltei um palavrão quando vi uma nova adaga fincada na minha porta.

Sério, estava ficando muito cansativo. Do que estaria empapada agora? Chá mate?

Certo, era sangue outra vez. Mas na boa, para mim aquilo era de rato. Estavam acabando com a população de ratos no esgoto, vamos falar sério.

Bem, então estava enganada. Eles não deviam ser roqueiros ou coisa assim. Deviam trabalhar na fiscalização sanitária.

Incrível como uma pessoa muda tanto assim, não é? Há três semanas isso teria me feito chorar sem parar. Agora me irrita.

Se bem que quando eu tiver minha terapia, eu vou desabar de chorar nas primeiras sessões. Primeiro estou só absorvendo.

Mas uma coisa eu percebi. Quem quer que tenha feito isso, perdeu o medo. Quer dizer, era de tarde! Simplesmente andou pela universidade com uma adaga em punho – e ninguém viu, oi? – para depois sair tranquilamente e nem Johnny saber disso?

Bom, uma coisa era certa. Vampiro não era. Afinal teria torrado antes mesmo de passar pelo portão. Sou melhor como detetive do que caçadora, torno a dizer.

Já li *Size 12 is not fat* umas duas vezes inclusive, e já sabia quem era o assassino na metade do livro.

O dia passou lento feito continente andando. Fui à biblioteca duas vezes procurando recolher mais informações sobre como matar vampiros – a quem estou querendo enganar? – e devo ter esbarrado em algumas pessoas pelo caminho. Se as derrubei ou não nem me importa. Na verdade, eu queria muito encontrar Zack. Estava angustiada, irritada, cheia de dúvidas, como se aquele suspense fosse me deixar com uma gastrite daquelas. Desculpa, úlcera, com gastrite eu já estava.

Vampiros são muito mentirosos... aquilo não saía da minha cabeça. Se eu o indagasse ele também poderia mentir, não é? Quer dizer, a dúvida não ia sumir, certo?

Não, eu tenho certeza que saberia, olhando nos olhos dele, se seria verdade ou não. Eu sei, tenho capacidade para isso.

Aham, bem, tirando o fato de meus pais terem me enganado todo o tempo, certo, dissimulado, sobre serem caçadores de vampiros, coisa e tal. Afinal, a gente sempre confia nos pais. Sobre isso o Ministério da Saúde nunca advertiu que poderia ser prejudicial à sua saúde. Porque confiar nos meus é prejudicial à minha.

A tarde começou a chegar ao fim e um arrepio gelado subiu pela minha espinha. Algo na minha mente começou a gritar, dizendo que era perigoso ficar ali, zanzando pela universidade. Comecei a tremer inexplicavelmente. Alguma coisa estava para acontecer, eu sabia. Só tinha uma coisa sensata a se fazer.

Ir para o meu quarto ligar para mamãe.

Ah, qual é? Ela é caçadora de vampiros, pode ter alguma dica, oras!

Não esperei para falar com Zack. Era melhor ligar para meus pais e informar a besteira que o Conselho havia feito. Ou então descobrir que o vampiro que eu devia caçar – qual o nome dele, ah, Eric – devia estar por aí, quietinho em algum quarto de fraternidade ou coisa assim.

O telefone nem tocou muito. Papai detesta o barulho.

– Alô!

– Ah – só que não era ele – Oi, mamãe!

– Ahh, minha filha! Eu estava aqui falando para o seu pai que já deve estar na hora de você voltar. Seu escritório ligou duas vezes já.

– Ah, legal, estou demitida. Bom, eu me viro.

– Mas e aí? Já deu cabo dele?

Tive que me segurar para não rir. Quer dizer, você já ouviu sua mãe dizer isso pra você?

– Não, mamãe... está complicado. Eu não sei mesmo como matá-lo. Ele é forte demais!

– Imagina, querida! Você leu o manual?

– Na verdade, só dei uma folheadinha. Mas ele é esperto e... ah, mãe, o nome do vampiro não é Eric, não. O Conselho se enganou, viu?

Não imagina com que gosto eu disse isso. Mas minha mãe pareceu estar... sei lá, um pouco chocada. Não a culpo. Afinal ela tinha muita confiança no seu emprego.

– Do que você está falando, minha filha? Qual é o nome dele, então?

– Zack.

Minha mãe não disse nada. Mas posso jurar que a ouvi prender a respiração.

– Mãe?

Ela deu um grande suspiro.

– Você deve estar enganada, minha filha. Ele deve ter um nome duplo, sei lá. Algo como Eric Zack.

– Mãe, fala sério. Você já ouviu um nome desses?

– Eu... espera, fala com seu pai.

Dois minutos de espera. Com certeza minha mãe pôs a mão no bocal do telefone porque eu não ouvia absolutamente nada. Daí uma voz masculina invadiu a linha.

– Alô, minha filha? Sua mãe está um pouco assustada, mas acho que ela entendeu errado. Você disse que o nome dele não é Eric. Mas é Mark, então, não é? Ou Shark.

– Ai, papai. Já ouviu alguém com nome de tubarão? Não, o nome dele é Zack mesmo. Zack RedPath. Bonitão, cabelos negros, olhos azuis. E pálido, claro.

Novo silêncio. Só que agora foi pior. Quer dizer, veio acompanhada de uma tosse do meu pai. Ai, é grave.

De repente ele tossiu mais uma. E mais uma.

Apocalipse!

Eu realmente fiquei com vontade de fugir para as montanhas.

Minha mãe pegou o telefone.

– Minha filha, escute. Arrume suas coisas. Jogue na mala de qualquer jeito, mas você tem que sair daí!

– Mas mãe – tentei acalmá-la, embora os dois já estivessem me deixando com o coração na mão. É, o mesmo coração que volta e meia eu tinha que guiar de volta para o peito – Zack não é mau, não. Ele é divertido, até! Mas não ultimamente, quero dizer.

Ouvi um barulho do lado de fora. Parecia alguém batendo de leve.

– Espere, mamãe. Vou atender à porta.

– Não! – a voz dela era firme no telefone – Tranque a porta!

– Mamãe, é sério, você não tem que se preocupar...

A porta fez barulho outra vez. Desta vez parecia que alguém estava raspando a porta. Ou enfiando uma nova adaga decorativa nela.

– Jéssica – ela respirou fundo, tentando manter a voz calma, mas dava pra perceber o quanto parecia trêmula – você sabe por que o Conselho foi criado?

– Mamãe, olha, acho que esse não é um bom momento...

Ouvi as batidas na porta um pouco mais firmes. E uma respiração um pouco pesada, como se alguém estivesse debruçado sobre ela.

– Zack! – ela gritou, aflita – O Conselho foi criado para defender as pessoas de Zack. Há muitos anos eles vêm tentando matá-lo, sem sucesso. Então houve subdivisões, e foi decidido que outros vampiros deviam ser exterminados até poderem chegar até ele! Jéssica, Zack matou todos os caça-vampiros que foram enviados! Você tem que sair daí!

– O quê?

Agora eu estava apavorada. Podia sentir a presença dele atrás da porta.

Era *ele*. Não tinha a menor dúvida.

– Quem... quem é? – gritei, tentando intimidar, mas estava tremendo demais para parecer firme. Minha voz desceu e subiu dois tons. Isso porque eu sabia quem era.

Não houve resposta por alguns minutos. Até que ouvi uma frase sendo dita bem suavemente.

– Estou com sede...

Era Zack realmente. Mas minha alma congelou dentro do corpo, tanto que não consegui mais me mexer.

– Filha, quem é na porta?

Não consegui responder minha mãe. Joguei-me sobre a porta, passei outra volta na chave e me afastei. Sei que vampiros tinham o dom de abrir fechaduras, ao menos foi o que o vampiro anterior e o próprio Zack haviam me dito, então aproveitei e coloquei também uma cadeira contra a porta.

– Jessi! – dava para ouvir a voz dela do outro lado da linha tão alto que nem precisava por o fone no ouvido.

Mamãe também tinha o dom do grito de estourar os tímpanos, pelo visto. Se bem que acho que meu pai já tinha mencionado isso, mas nunca prestei atenção.

– Mãe, te ligo depois!

– Filha, se esconda! Não abra a porta para ninguém e amanhã de manhã pegue suas coisas e saia! Vamos enviar ajuda o mais rápido possível!

E desligou.

Amanhã de manhã é tempo demais.

Senti um vento gelado no meu pescoço e virei. A janela estava aberta e dava para ver o céu escuro, com nuvens espalhadas e algumas estrelas pontilhadas. A presença na porta sumiu. Zack havia desaparecido tão rápido quanto surgira.

Corri para alcançar a janela, mas acabei tropeçando no pé da cama. Rolei pelo tapete, mas consegui levantar rapidamente, xingando e reclamando para quem quisesse ouvir. O vento estava mais gelado do que realmente parecia. Não conseguia respirar, a adrenalina subia e descia pela minha corrente sanguínea como se fosse uma correnteza onde se pratica *rafting*.

Firmei minhas duas mãos na janela para fechá-la, mas parecia travada. Minhas pernas estavam bambas, meus olhos marejavam. Eu sentia minha vida escorrer pela minha pele em forma de gotas frias. Essas janelas pareciam ser daquelas malditas que precisam de jeitinho para fechar. daquelas que quando você está com pressa porque vai cair um furacão lá fora, não fecha de jeito nenhum e você não tem paciência para pensar no jeitinho.

Fiz um último esforço e consegui bater a janela. Afastei-me dela arfando e suando frio. As cortinas pararam de balançar.

Eu estava segura.

Um silêncio mortal tomava conta do quarto.

Certo, deixe-me escolher outra palavra, mortal é péssima.

Um silêncio *confortável* tomava conta do quarto.

Suspirei fundo e tentei me recompor. Foi quando percebi que a presença de Zack estava de volta. Mais perto.

O banheiro! A janela do banheiro! Bom, não estava fechada, mas ser humano algum poderia passar por aquela abertura. A não ser que

não fosse um humano. Poderia ser um...

Morcego?

Corri com o que ainda me restava de forças para poder fechá-la o mais rápido possível, e assim que entrei no banheiro, claro, bati minha canela no vaso, escorreguei na água do último banho, mas alcancei a janela rapidamente e a bati com força demais. Ela trincou, mas não partiu.

Respirei profundamente. Tem alguma abertura naquele quarto que eu não tinha fechado ainda? Ele não poderia passar pelo ralo do banheiro, podia?

Voltei ao quarto e todos os meus nervos gritaram em alarme. A presença não estava só forte.

Estava dentro.

– Lenta demais...

– C-como você...

– A janela do banheiro ainda estava aberta e com a ajuda de meus poderes, bem... super velocidade não é exatamente um problema.

– F-fique longe, senão eu grito!

Taí uma ameaça plausível.

Zack aproximou-se lentamente. Os olhos dele estavam vermelhos, e dessa vez – finalmente, embora eu quisesse ver antes, mas definitivamente não agora – vi os caninos pontudos sobressaírem e mostrarem um sorriso muito diferente do que eu imaginava.

Sexy, mas diferente.

– Zack... eu... eu pensei que você...

Ele segurou meus pulsos firmemente. Pude sentir suas mãos um pouco geladas e quando ele me puxou mais para perto, o corpo dele me envolvendo com firmeza. Tudo bem que antes eu teria ficado completamente derretida e estaria talvez até propondo casamento.

Mas eu definitivamente queria *viver* para isso acontecer.

Tentei me desvencilhar das suas mãos e empurrá-lo, mas pareciam feitas de ferro. Chutei-o, mas ele se desviou rindo e empurrou-me sobre a cama, caindo por cima de mim, mas delicadamente. Antes mesmo que eu conseguisse fôlego para gritar, ele aproximou-se ainda mais e arrepiei-me com a sua respiração sobre minha pele.

Então senti seus dentes cravarem-se no meu pescoço.

Revelação



Não posso descrever ao certo a sensação que senti, mas acho que os vampiros devem ter algum tipo de calmante ou coisa parecida nos dentes. Senti-me completamente relaxada enquanto ele sugava meu sangue e me apertava com força. Era como se na verdade estivesse totalmente segura, enlevada em puro êxtase, mesmo que minha vida estivesse esvaindo-se diante dos meus olhos. Não queria que acabasse aquele momento. Não sentia dor, nem incômodo, nada. Quero dizer, nada ruim.

De todos na universidade, Zack tinha escolhido a mim. A mim para morrer, certo, mas aquela sensação parecia um presente. Sentia-me parte dele e ele de mim. Não éramos vítima e predador. Éramos dois cúmplices, quase... amantes.

A fraqueza começou a tomar conta de mim. Não sei quanto tempo passamos ali, mas poderia ter durado horas se eu pudesse escolher. Sabia que estava morrendo, mas não me importava. Estava nos braços de Zack.

Tudo bem, eu sei que deveria estar enfiando uma estaca no coração dele, mas a culpa é do Conselho. Afinal, eu não deveria lutar contra Zack, mas contra o... qual o nome dele? Ah, Eric. Então me rendi, pronto.

Ninguém poderia me atirar pedra alguma. Talvez o Conselho tome mais cuidado da próxima. Mas ai deles se mandarem uma caçadora mais bonita e forçarem o pobre Zack a morder ela também.

Eu ia puxar o pé de qualquer dos membros à noite.

De repente a sensação acabou, mas eu estava fraca demais para abrir os olhos. Senti o peso de Zack permanecer sobre mim, mas afastando-se lentamente de meu pescoço e aproximando-se de meu

ouvido. Mal podia ouvir e não tinha mais a certeza de estar sonhando ou não.

– Jessi... eu não vou matar você...

Depois disso, não me lembro de mais nada.

Quando despertei já era de manhã. Estava sozinha na cama, coberta novamente pelo lençol até a cabeça e – olha só – sem sapatos. Havia uma parte funda ao meu lado no colchão, como se alguém houvesse permanecido ali por um bom tempo. Nossa, é sério?

Passei os dedos pelo meu pescoço e senti os dois furos fundos característicos na pele. Ah, não foi um sonho. Que bom, digo, que lástima.

Perdi minha primeira batalha contra Zack. Pelo menos lutei ferrenhamente.

Bem, pelo menos os primeiros três minutos.

Estava extremamente fraca. Mal pude levantar da cama, mas consegui alcançar o celular e mandar uma mensagem para as *otakus*, dizendo que estava doente – e de uma doença muito contagiosa, porque não queria que me vissem com aquelas marcas fundas no pescoço; sabe lá Deus quanto corretivo e base eu ia precisar para disfarçar aquilo – e que gostaria que me trouxessem algum fortificante ou – argh – suco de beterraba ou qualquer coisa para fortalecer o sangue.

Uma transfusão seria ótima, mas como explicar minha súbita falta de sangue? Quer dizer, desculpa, cortei o dedo na janela do banheiro – está até trincada, pode olhar – e sangrei muito até perceber que podia ser sério e tal, mas o filme que eu estava assistindo na Sessão da meia noite era muito bom.

Meu estoque de desculpas esfarrapadas estava acabando. Quer dizer, pelo menos as que não pareciam tão esfarrapadas.

Não conseguia mesmo me levantar. Então tentei dormir mais um pouco, mas alguém bateu na porta minutos depois. Meu coração deu um pulo na garganta para me avisar. Ele é tão simpático. Assim, estou me referindo ao meu coração. Está aprendendo a ser independente, que gracinha. Só espero que um dia ele não resolva

sair pela garganta de uma vez. Eu não sou independente dele, pelo que eu saiba.

– Jessi?

Era Sofia. E pelas vozes através da porta eu podia saber que Dine e Estela estavam com ela. *Otakus* andam sempre em bandos, isso eu já aprendi.

Levantei-me com dificuldade, pronta para atender a porta, quando me lembrei de que ainda não havia coberto as marcas do pescoço. Gritei um ‘já vai’ apressado, abri a porta do armário e enrolei o melhor que pude um cachecol todo preto que achei no fundo da mala. Cambaleei duas vezes antes de conseguir abrir a porta.

Quando abri, Dine, Estela, Sofia e Bobby estavam encarando-me com expectativa.

– O que foi?

– Você não estava doente? – disse Estela.

– Ahn... sim, estou.

Bobby deu um grito tão fino que me fez cambaleiar de novo.

– Meniiiiina, que luuuxo seu cachecolzinho *dark*! Mostra o resto das suas coleções, querida, deixa as peruas entrarem!

Eu abri a porta, eles entraram e fechei novamente. A voz de Bobby e sua expressão mudaram do nada.

– Muito bem, que palhaçada é essa?

Ah, sim, homens não são permitidos no quartos das meninas. Pelo menos não homens que não se finjam de gays.

– Ora, estou doente, vocês sabem. Perdi muito... eerr... tempo lá fora no vento e fiquei gripada.

Mas o olhar delas não era preocupado. Era inquisitivo.

– Gripada, hein? – começou Dine – Mas você não está fungando.

– Hum, sim, mas pode ser a gripe suína, olha só. Fiquei sabendo que pelos sintomas nem sempre a pessoa fica fungando, e só com muita febre e dor de garganta...

Estela bateu a mão na minha testa.

– Mas você não está quente.

Eu deitei na cama, tentando me desvencilhar das mãos delas e de suas perguntas.

– Estou sim, é que a temperatura do meu corpo é fria por natureza, sabe. Olha, meninas, tive uma noite difícil e preciso descansar...

Sofia sentou-se na cama e estendeu para mim um copo de suco de beterraba – argh – que estivera segurando.

– Aqui, Jessi – eu peguei e comecei a beber com uma careta – mas você não precisa se preocupar em contar coisas para gente. Afinal, eu queria saber com todos os detalhes o que você sentiu quando o sexy do Zack mordeu seu pescoço.

Como não podia deixar de ser, engasguei com o suco.

No fundo fiquei até feliz por ter uma desculpa para tirar aquele copo da minha boca.

– Como vocês... como vocês descobriram?

Bobby deu um grito animado.

– Ahá! Eu disse! Estão me devendo 20 pratas, meninas!

– O quê? – perguntei, surpresa.

– Era só um teste, Jessi – explicou Dine, rindo.

Caí que nem um patinho.

– Mas... bem, então como vocês desconfiaram... e como podem acreditar em um absurdo desses? Vampiros por aí mordendo pescoços?

– Ler muito mangá do *Vampire Knight* ajudou um pouco – adiantou-se Estela – mas nós desconfiamos por causa da mensagem que Zack enviou para o celular do Bobby.

O copo ainda permanecia estático sobre minha barriga. Estava surpresa demais para conseguir engolir.

Na verdade, aquilo era ruim demais para querer engolir.

O suco, digo.

– Q-quê?

– A mensagem dizia – disse Bobby, com uma sobrancelha levantada – “Por favor, quando for de manhã, levem um suco de beterraba para Jessi. Ela vai acordar muito fraca”. Então, simples como números binários, liguei os fatos e avisei as meninas.

Aquilo era tudo muito louco para mim.

Quer dizer, simples como números binários?

– Jessi, você não precisa esconder nada da gente ou se preocupar – explicou Estela acariciando o meu braço – pode confiar na gente para o que der e vier.

Senti-me tocada, sério. Quer dizer, eu aqui preocupada em ocultar fatos delas. Mas realmente não queria arriscar as suas vidas.

Isso até Dine chegar por trás e arrancar o cachecol do meu pescoço.

– Ahá! – gritou ela, vitoriosa, quando todos puderam observar as marcas fundas no meu pescoço com clareza.

Ai, que ódio.

– Aah, que sexy!! – exclamou Estela, toda animada.

– Uau, isso que são marcas – comentou Dine, ocultando um sorrisinho – foi-se a época de roxinhos no pescoço.

Cobri novamente as marcas com meu lençol arrancando reclamações com um muxoxo.

– Ah, mostra, Jessi! São tão legais!

Bobby tentou arrancar o lençol enquanto eu lutava para mantê-lo no meu pescoço.

– Ah, sua egoísta! Eu não vi direito, mostra aí!

Mas qual o problema deles?

Ah, sim. Antes de serem *otakus* eram adolescentes cheios de hormônios pinicando a pele.

– Parem com isso! – tentei me levantar e caí sentada na cama – Eu sofri um ataque e vocês ficam aí achando o máximo? Isso mostra que vocês não sabem quase nada sobre Zack. Só agora descobriram que ele era um vampiro!

– Ah, Jessi, falando nisso – acrescentou Bobby – eu também dei uma olhadinha no seu histórico, já que estava perto do dele...

Ooops.

– Filha do embaixador, Jessi? – arrebatou Sofia – O que mais? Quantos anos você realmente tem? Afinal, suas faltas nas matérias têm sido elevadas para alguém que devia estar se preocupando com o futuro...

– Sem contar – acrescentou Estela – que desde que Zack e você ficaram juntos, coisas estranhas têm acontecido pela universidade...

– E também não mencionamos o fato estranho de você ter andado de calcinha por aí... tentou fugir às pressas, não foi? – meteu-se Dine.

Bobby levantou uma das sobrancelhas. Dessa ele não sabia.

– Que coisa feia, meninas – defendi-me, parecendo ofendida – ficarem bisbilhotando o meu histórico. Deviam ter vergonha.

Falando sério, como era fácil as pessoas terem acesso a ele. Quer dizer, Zack, as *otakus*... será que Linda também tem acesso?

Bom, isso se ela também souber onde fica o *power* do computador, como eu já disse antes. Ou ter a habilidade do Zack de escalar as paredes e virar morcego. Se ela virasse um animal eu saberia bem o que seria, te digo.

– Na verdade, Jessi – explicou Sofia, tranquilamente – a gente estava vasculhando nossos históricos para ver as besteiras que o diretor anota sobre a gente. Já que você é nossa amiga, resolvemos vasculhar o seu também.

Ahh, tudo em nome da amizade. Que meiguice.

– Desembucha agora – pediu Bobby, com braços cruzados – a gente quer saber tudinho.

Bom, o que mais eu podia fazer? Se não contasse, eles ficariam vasculhando minha vida inteira em busca de mais informações e acabariam em apuros. Sem contar que, de todos os que estavam na universidade, seriam os únicos que acreditariam em mim. Ou que realmente gostariam de acreditar.

Então contei tudo, desde o momento em que descobri que meus pais eram caçadores de vampiros até o momento em que havia sido mordida por Zack. Claro que detalhes picantes da minha vida eu mantive em segredo. Quer dizer, não éramos íntimos a esse ponto.

Elas estavam com os olhos brilhando enquanto eu contava e Bobby volta e meia exclamava algum palavrão, entusiasmado. Quando terminei todo o relato, elas bateram palmas.

– Uau, melhor que os episódios de *Buffy*! Ou *Diários do Vampiro*!

– Aí eu discordo... – retruquei, quase sem pensar.

– Nossa, será que ele morde o meu também? – disse Dine, animada.

– Não, não, primeiro o meu! – retrucou Sofia.

– Parem com isso, vocês duas! – cortei a animação com uma ponta de ciúme. Afinal a vítima dele era eu – O próprio Zack disse que não consegue evitar matar... mas... não entendo. Por que ele não me matou? Não foi assim que a tal Sabrina...

Então recebi uma mensagem no celular. Uma das minhas sobrancelhas arqueou sem eu perceber.

“Jessi, você está bem? Acho que eu exagerei um pouco. Fique boa logo, meu amor.”

Ele estava acordado? Ou a mensagem demorou pra chegar, o que é muito mais provável. Ou então ele digitou a mensagem de dentro do armário de alguém.

– Está aí a resposta, Jessi – respondeu Sofia com um sorriso.

– Que resposta? – perguntei, atordoada.

– O Zack te ama! – explicou Estela, fazendo um coraçãozinho com as mãos.

– Vocês estão piradas.

– Acho que não – comentou Bobby, meio sério – quer dizer, eu teria te matado.

– Bobby!! – gritaram as três enquanto eu abria a boca como um peixinho dourado.

– Ora, meninas, verdade – explicou ele, meio sem graça – é da natureza dos vampiros, matar. É como um instinto, eu pesquisei muito sobre isso. Ainda mais se ele, o vampiro, for um cara mais antigo. E, assim, 800 anos deve ser coisa pra caramba. Já devia ser um esforço muito forte alimentar-se só com sangue de hospital. Ouvei dizer que a adrenalina da pessoa correndo pelo sangue assim como o medo e outros tipos de sensações aumentam o poder que eles absorvem.

– Tá bem por dentro, hein, Bobby – comentou Estela, com um sorrisinho – pegou meus mangás do *Hellsing* emprestado?

Ele estalou os lábios, mas não respondeu. Devia mesmo ser verdade.

O fato de ele ter roubado os mangás, quero dizer. E talvez também o fato das sensações no sangue.

– Bom, de qualquer forma – falei cortando a empolgação – o que devemos fazer? Sem contar que vocês também estão correndo perigo. Mas... realmente acreditaram em tudo o que falei? Quer dizer, e se eu dissesse também que era rainha da bateria?

– Você é? – perguntou Estela toda animada.

– Não, mas...

– Ah, chefe – explicou Bobby rindo – a sua história é mais fácil de engolir do que aquela baboseira do seu histórico.

– Sei... até minha idade?

– Tranquilo.

De repente, meu telefone tocou. Meu coração devia estar dormindo agora, porque ele nem se abalou. Ou já está anestesiado.

– Alô? Ah, oi mãe.

Sério, parece manhã de aniversário. Da vida dos outros, claro. O povo do escritório jamais passaria lá em casa para me dar os parabéns.

– Não, não, está tudo bem, verdade – expliquei, tentando tranquilizá-la – Não foi nada. Bem, eu ainda não vou embora. Tenho uma missão para cumprir.

Arrastar Zack para o altar.

Brincadeirinha. Mesmo porque se eu realmente o arrastasse para o altar ele já era.

Zack, não o altar. Bem, talvez o altar também, vai que Zack explode.

Minha mãe desligou, mas não sem antes prometer uma série de coisas e ajuda o mais rápido possível. Tomara que ela mande *brownies*.

– Meninas, voltem ao quarto de vocês – pedi, tentando bancar a adulta – Peçam ao diretor para me mandar todo tipo de fortificante possível e fiquem longe de Zack, está bem? Ao menos por enquanto. Sem contar que acho que vocês têm uma tarefa a cumprir, certo?

– Temos? – perguntou Estela a Sofia.

– Bem, se vocês saírem e olharem para a porta vão se lembrar. Aposto que deve ter uma nova lá fora.

– Ah, sim, adagas. Letras esquisitas. Bobby está quase desvendando o mistério – lembrou-se Sofia rapidamente.

– Não é bem isso – explicou o rapaz, um tanto sem graça – é que na verdade eu achei um link dentro dos computadores da universidade que dá para acessar os históricos de todo mundo. Com isso fica fácil reunir toda a galera em comus diferentes.

– Comus? – perguntei, me sentindo uma idiota.

– Comunidades. Ah, tem umas coisas no histórico da Linda com o que você pode chantageá-la para o resto da vida...

– Isso se não for motivo de orgulho para ela – cortou Dine, incisiva.

– Ah, gente, sério, eu não ligo mais para a Linda ou o namorado dela. Assim, eu realmente não tenho aquela idade que figura no meu histórico. Sou bem crescidinha.

– Mas e o sangue de rato? – estranhou Bobby.

– Eu já disse, eu dei para Zack beber.

– Sim, mas os rapazes mal podem esperar para ver o que você vai aprontar com a Linda.

– Ahn... seus amigos... bem, diga a eles que fiz uma macumba para o cabelo dela cair, sei lá... daqui a uns cinco anos.

– Acho que eles iam preferir que você quebrasse o nariz dela, mas tudo bem. Vamos, meninas, vamos deixar a Jessi descansar.

– Obrigada, Bobby. Bem, eu vou ficar por aqui. Se virem Zack por aí, bem... só o evitem, certo? Bom dia pra vocês.

– Bom dia, chefe! – responderam as três ao mesmo tempo.

– Bom dia, chefe – disse Bobby, logo depois. Vê-se bem que não é sempre que ele gosta de se misturar com as três.

Assim que bateram a porta, fechei os olhos e devo ter dormido por pouco tempo. Porque o sol nem estava alto lá fora e a droga do telefone tocou de novo.

Sabe, se Alexander Graham Bell estivesse vivo ainda, eu teria umas coisinhas nada agradáveis para dizer a ele com relação à sua invençãozinha para adolescentes.

– Que é? – respondi, mal-humorada.

– Hum, desculpe, senhorita Jéssica, por ter perturbado – o diretor soou sem graça ao telefone – mas algumas meninas vieram

falar comigo dizendo que está se sentindo mal e é minha obrigação, como diretor, certificar-me de que...

– Tá, tá, tá – interrompi antes que ele começasse um discurso sobre normas da escola ou coisa parecida – eu estou bem, diretor, sério. Na verdade, preciso de um fortificante, sopa de beterraba – é menos pior – ou algumas cápsulas de vitamina C.

– Bem, mas talvez não seja melhor ligar para o seu pai, afinal uma infecção intestinal pode ser grave se...

Infecção intestinal? Foi essa a desculpa que as meninas usaram? Quer dizer, tudo bem que explicaria minha total fraqueza e debilidade na cama, mas em breve isso ia parar no meu histórico – sei que não é normal, mas o diretor realmente faz do histórico dos alunos uma espécie de diário – e sabe Deus quantas pessoas iriam acabar descobrindo que andei matando aula por causa de piriri.

‘Piriri’ ainda se usa, certo? Digo, como palavra.

– Seu diretor, sério, eu estou bem – nossa, às vezes dá uma raiva ser filha de faz-de-conta de um embaixador – só quero descansar e não ser incomodada, está bem?

– Bem, está certo – tenho certeza que ele não quis parecer, mas sua voz soou meio aliviada no telefone; afinal não ia querer iniciar uma guerra ou coisa assim – mas qualquer coisa me informe, está bem? Vou providenciar alguns atestados ou um médico que a examine.

– Não, nada de médico – protestei firmemente. Afinal, como ia explicar as duas marcas fundas no pescoço? Grampeei-me sem querer? – eu estou ótima e não quero mais ser incomodada. Certo?

– Hum, certo, certo. Desculpe incomodá-la, senhorita Jéssica, os seus fortificantes estão a caminho.

Pobre diretor. Eu sei que deve ter uma profissão bem difícil, ainda mais com pessoas que atraem encrenca como pára-raios atraem relâmpagos, mas o que posso fazer?

Agradei amavelmente – ou o melhor que pude fazer, já que estava fraca, debilitada, e sendo mais visitada do que blog de artista. Vinte minutos passaram e quando eu finalmente estava para fechar os olhos, alguém bateu na porta. Cobri-me com o cachecol e peguei a vassoura pronta para dar com ela na cabeça do primeiro que

aparecesse, quando percebi que era uma senhora – provavelmente a servente – com uma bandeja de fortificantes.

– Senhorita Jéssica?!

– Hum, me desculpe... – respondi meio sem graça – eu ia só matar uma barata que...

– Bem, eu posso matar a tal barata para você, senhorita, mas não deve sair da cama! Está fraca, não é?

– Pode deixar, já matei. Ah, obrigada.

Peguei os fortificantes, suco de laranja e sei lá quantas frutas estavam naquela bandeja.

De qualquer forma, deram muito certo. Perto do final da tarde estava nova em folha. Era como se eu tivesse feito uma loucura e doasse mais sangue do que eu precisava, mas em breve estava restabelecida. Mandeí uma mensagem para as meninas pedindo que não se preocupassem, mas eu só precisava de um tempo sozinha para por as ideias no lugar.

Agora... que ideias seriam essas? Eu não fazia nenhuma do que estava acontecendo.

Fui ao jardim. Ele estava meio deserto, com exceção de alguns bedéis que rodeavam a universidade para não permitir que algum engraçadinho matasse aula. Claro que não estava inclusa nessa faixa de engraçadinhos, provavelmente devem ter sido avisados de que eu devia estar fraca ou então que não arrumassem divergências com Jéssica, a filha do embaixador.

Ou o médico da universidade avisou que poderia ser perigoso contrariar a excêntrica.

O ar estava agradável, a temperatura fresca e era possível ouvir alguns grilos espalhados aqui e ali em meio à grama. O tipo de prelúdio que antecede um romance. Como a mocinha que, recém-mordida pelo vampiro, amor de sua vida, o espera vir agora, carregá-la nos braços e dizer que será dele por toda eternidade.

Então ela acorda para a realidade, descobre que na verdade ele tem um harém de mulheres lindíssimas, chega todo dia em casa bêbado de sangue e ela tem que passar a eternidade toda lavando suas cuecas. E pense bem. Quem no mundo gostaria de ter um eterno ex?

Acho que estou me sentindo um tanto amarga.

Bem, a verdade é que eu gostaria que nada disso tivesse acontecido. Estou sim, apaixonada por Zack. Fato.

Sim, eu resolvi assumir. Mas não preciso anotar em um caderninho. Nem cantar “*I won’t say i’m in love*” da *Megara* do desenho do *Hércules*.

E o Conselho também não precisa saber, claro. Nem os credores das roupas que já andei gastando por conta.

Nem o próprio, visto que sou para ele o que qualquer mulher foi por cerca de 800 anos. Alimento.

Aqui estava eu, provavelmente desempregada, afundada de dívidas até o pescoço – rá rá rá, estou ficando mais engraçada a cada dia que passa: pescoço – , apaixonada por um cara que eu deveria matar – o qual preferia tê-lo trocado de lugar com qualquer um dos meus ex-namorados – passando um sufoco com outros vampiros que deviam estar perseguindo ele e não a mim, e sofrendo ameaças de morte de algum colecionador de adagas e fiscal sanitário de ratos e outras pragas.

Uau. Minha vida daria um filme. Daqueles que devia passar na Sessão da Meia Noite.

Mas se realmente desse um filme, eu teria sanado todas as minhas dívidas, então deixaria de ser drama. Mas para o meu papel eu não ia querer ninguém menos que a *Angelina Jolie*.

Agora chega. Vamos a uma análise de fatos. Então Zack poderia ter matado aquelas meninas. Segundo o padre, isso já tinha acabado. Então o que o levou a matar? E se ele realmente voltou a matar, então por que as presenças continuavam a persegui-lo? Não era isso que eles queriam? Que ele parasse com a ‘frescura’ de não matar mais?

E por que... ele não me matou, mas bebeu meu sangue?

Sério, nunca fui muito boa nesse negócio de charadas.

O céu já estava escuro e as primeiras estrelas despontavam, quebrando a monotonia daquela negritude do crepúsculo. Era lindo. A brisa estava mais fria e os bedéis já se recolhiam, com a certeza de que nenhum aluno se atreveria a faltar às aulas, agora que já estavam em sala e que definitivamente eu não estaria em uma delas.

Surpreendi-me por perceber que a presença dele me assustara antes mesmo de notá-la.

– Está uma noite linda, não é? Do tipo daquelas que o vampiro sedutor se declara para a mocinha dizendo que ela vai pertencer a ele para sempre.

– ...e então ela vai lavar as cuecas dele por toda a eternidade – ecoei, quase sem pensar direito.

– Com isso você não precisa se preocupar – respondeu Zack, com um sorriso – não gosto de ninguém mexendo em minhas peças íntimas.

Sentei em um banco e puxei meu casaco até a altura de minha cabeça.

Vontade de matar crescendo outra vez.

– Zack, você não tem nada melhor para fazer?

Ele pendeu aquela cabeça linda para o lado.

– Você não tem perguntas?

– Se já sabe as perguntas que pretendo fazer – cortei, sarcástica – porque não desembucha?

– Desembu... ah, sim, você quer dizer falar de uma vez? Bem... eu posso não saber responder na ordem em que elas vêm.

Ele aproximou-se e sentou-se ao meu lado no banco olhando para o vazio.

– Você... não pode ler pensamentos mesmo, não é? – perguntei, corando um pouco.

– Não. Não precisa se envergonhar. Eu não vou conseguir ler seus pensamentos pervertidos em relação a mim, embora possa perceber suas intenções. Safadinha...

– Ah, cale a boca. Vai passear com seus amigos morcegos e me deixe em paz.

– É isso mesmo que você quer?

Eu suspirei. Não era isso que eu queria. No fundo desejava que ele se declarasse e dissesse que eu seria dele por toda a eternidade. Mesmo.

Ele deu aquele sorriso sem mostrar os dentes. Daquela que usava para me seduzir, mesmo eu não tendo certeza se fazia isso de propósito.

– Eu falei com o padre Marconi.

Ele não pareceu se abalar. Só deu um novo sorriso triste e permaneceu calado.

– Ele me disse que foi um dos responsáveis pelo seu desejo de não matar mais.

– É verdade...

– Bem... e você voltou a matar?

Ele não respondeu.

Você quer a verdade? Você não aguentaria a verdade! – meu cérebro gritava outra vez. Acredito que ele estava certo. Não é sempre, claro. Eu reprovei na prova da sexta série por acreditar que ele já tinha decorado toda a tabela periódica.

– Eu... precisei – foi tudo o que Zack disse.

Permanecemos os dois naquele silêncio sepulcral.

Certo, deixe-me escolher outra palavra, não sei por que essas vêm à minha mente.

Um silêncio profundo.

– Por que não me matou?

Eu não queria perguntar isso, mas estava coçando na minha garganta. Tinha medo de que ele virasse pra mim e dissesse: “sabe que não é uma má ideia?”

– Porque... eu não pude.

– Mas... – incrível como minha boca mexia sem eu dar ordem para ela e a voz seguia no mesmo ritmo – pretendia?

Ele apenas sorriu. Comecei a ficar mais angustiada.

– Acho que não está sendo bem sincero comigo. Afinal, vampiros são muito mentirosos, certo? Por que não abre o jogo? Costuma matar apenas as pessoas que não gosta?

Opa, calma, tigresa!

Ele não pareceu aborrecido, mas apenas triste.

– Eu mato... eu matei... para proteger, Jéssica...

Engoli em seco.

– O que pode ser pior que morrer, Zack?

– Tornar-se... igual a mim.

Minha cabeça dava voltas.

– Do que está falando?

– As presenças que me perseguem não permitem que eu deixe de matar. Há muitos que desejam meu lugar de vampiro mais antigo, Jessi. Sou bem popular, apesar de não ser astro de rock ou ator de filmes de ação.

Poderia ser se quisesse, pensei. Mas se bem que ia ser complicado fazer filmagens só à noite.

– Você... você matou aquelas meninas?

Ele suspirou. Eu definitivamente não precisava da resposta, mas ouvi assim mesmo.

– Sim.

Minha respiração parou, tenho certeza. Só percebi isso quando ele tocou levemente no meu braço e levantei-me por instinto.

– Jessi...

– Você mentiu. Disse pra mim que nunca mais havia matado e ocultou o fato de ter matado as três meninas!

– Jessi, eu nunca menti para você...

– Mentiu!

– Não menti, Jessi.

– Mentiu!

– Jessi, não pretendo ficar aqui a noite toda. Mesmo porque, se o sol nascer, eu já era.

Parei de retrucar. Parecia uma namorada melosa zangada. Mas não podia acreditar em uma só palavra. Ele tentou me abraçar e eu o empurrei.

– Jessi, escute. Eu nunca menti para você. Desde o primeiro momento em que me acusou de ser um vampiro, eu nunca neguei, neguei?

Bem, certo, mas também parecia estar tirando sarro da minha cara naquela época.

– Eu nunca disse *não* ter matado aquelas meninas. O que eu disse foi que já havia deixado de matar há um ano.

– Elas morreram...

– ...há um ano atrás – ele completou, balançando a cabeça – eu precisei fazer isso.

– Precisou? PRECISOU? – eu estava possessa, sentindo-me magoada por ter sido enrolada – você perguntou a elas se queriam

morrer? Perguntou se elas poderiam ter uma escolha?

– As presenças sabiam que elas estavam atrás de mim, mesmo que volta e meia eu as evitasse. Iriam torná-las vampiras para poderem se vingar. Da mesma forma como tentaram fazer com você. Eu não podia permitir isso, Jéssica – ele estava mais sério, pude perceber por não usar mais do meu apelido – eu não poderia permitir que sofressem pela eternidade, vendo os que amavam morrerem um a um. Mas não estavam dispostas a desistir de mim.

– Mas elas não tiveram escolha, não é? E se a decisão delas fosse tornarem-se vampiras para poder passar a eternidade ao seu lado?

– Não era o que eu queria também – ele foi firme – eu não tinha intenção nenhuma de passar a eternidade cuidando delas. Tentei de tudo para afastá-las. Fui rude, violento e até ameaçado pelo diretor de aproximar-me de qualquer pessoa que fosse. Mas nada adiantava. Não podia revelar quem eu era. Só ia tornar tudo pior.

– Mas... não me matou – senti meus olhos encherem-se de lágrimas – Nem sequer me evitou, não foi?

– Jessi... você sabia quem eu era desde o primeiro momento. Você... – ele deu uma pausa, como se estivesse tomando coragem para o que ia falar – era uma luz pra mim nas trevas desse lugar. Eu não queria que ficasse perto de mim, mas era muito pior imaginar você se afastar. Mas as presenças não a deixavam. Minha esperança era de que o Conselho percebesse que mandaram você atrás do vampiro errado e que a mandassem de volta, mas você não os avisou. Esperava que manifestasse algum poder útil que os impedisse – sem ofensa – e que os mantivesse longe. Eu me sentia perdido... não queria... não quero que eles a tornem vampira e você tenha que passar a eternidade sofrendo ao meu lado, mas eu não pude...

Uma pausa. Uma sinistra pausa, mas eu já podia imaginar o que era.

– Você pretendia me matar, não é?

Ele abaixou a cabeça e não olhou em meus olhos.

– Sim.

Não sei quanto tempo levei correndo do jardim. Ele não gritou por mim, eu sei. Já tinha errado o caminho para o quarto, passado

pelos menos três vezes pelos corredores errados, mas só queria sair dali. Atropelei dois bedéis, três torcedoras e um pugilista, mas pouco me importava. Embora, graças a Deus, nenhum diretor.

Queria sair dali. Sair da vista dele, de toda aquela raiva que me consumia por inteiro. Zack pretendia me matar.

Matar! Quer dizer, eu sei que eu pretendia fazer o mesmo em relação a ele, então quem sou eu para julgar, certo? Mas realmente pensei que tínhamos uma ligação forte, você sabe, caçadora e vítima, coisa e tal. Mas não esperava que eu fosse a vítima. E ele quase conseguiu me matar mesmo!

Só não teve... a mesma coragem, a que eu não tive. De ir até o fim. Isso poderia significar alguma coisa? Queria gritar, mas não consegui.

Não ia ter dinheiro para pagar os estragos.

Finalmente havia encontrado meu caminho para o quarto. A adaga estava na porta para variar, mas não me dei ao trabalho de removê-la.

Desaparecimento



Eu estava magoada, verdade, mas uma ponta de mim sentia-se como uma adolescente. Muito embora Zack houvesse confessado querer me matar, não o fez e até me revelou seus planos malignos. Tudo bem, tirou um certo sarro do meu novo poder – quem não o faria? – mas admitiu tudo. Admitiu ter matado as meninas e ter planejado me matar. Quer dizer, isso não seria suficiente para você?

Mais ainda, olhe só aquelas mulheres que aparecem na *Oprah*. Sempre aquelas perguntas: “você perdoaria uma traição de seu namorado?” A maior parte diria ‘nunca’ mas pode ter a certeza que seria diferente se acontecesse com elas. Fico me perguntando se aconteceria o mesmo com as estatísticas se a pergunta fosse: “Então, você perdoaria seu namorado se ele tentasse te matar?”.

Mandei uma mensagem para as meninas pelo celular dizendo que Zack havia confessado ter tentando me matar. Tenho certeza que não demoraria nem cinco minutos para conseguirem uma desculpa esfarrapada para sair da sala, algo como ‘vou retocar minhas orelhinhas’ ou coisa do gênero e aparecerem lá com uma cara de desesperadamente preocupadas como só elas – ou a maioria dos *otakus* – conseguiam fazer.

Recebi outra mensagem de volta, mas não era delas.

“Jessi, eu sei que estive errado. Por favor, me perdoe. Prometo não te morder mais. A não ser que queira, claro.”

Piadista. Se bem que eu não poderia esconder nem uma pontinha de que eu ia querer mesmo. Não respondi, então depois de alguns minutos ele me enviou outra.

“Jessi, pare com isso. Eu sei que você me ama. Eu vou aí ao seu quarto resolver as coisas e prometo não morder, sério. Desde ontem não tenho mais sede. Seu sangue deve ter muitas calorias, hein?”

Ah, agora você despertou em mim o desejo por sangue, seu grandessíssimo filho de uma...

Alguém bateu na porta. Antes mesmo que eu pensasse que podia ser Zack, as meninas deram sua costumeira batida musical.

– Jessi, abre rápido – pediu Estela.

Obedeci e abri a porta com cautela. Já nem me incomodei em enrolar o cachecol no pescoço.

– Vocês receberam minha mensagem?

– Ah, não, a gente costuma mesmo cabular aula no meio da semana para invadir o quarto dos outros, chefa – disse Dine, com sarcasmo.

– Jessi – murmurou Estela, um pouco assustada – você percebeu... a adaga?

Dei de ombros.

– Ah, sim, já estou acostumada. Acho que se deixar ela aí de uma vez eles param de ficar enfiando esse troço na minha porta.

– Mas, Jessi – explicou Estela, um pouco ansiosa – a mensagem é diferente...

Eu arqueei uma de minhas sobrancelhas. Escancarei a porta para poder ver melhor a adaga e percebi que dessa vez não só não tinha sangue como ainda havia uma mensagem diferente das outras. Uma mensagem que indicava que a coleção de adagas ia parar por ali.

“Você FOI avisada!”

Parece que alguém esgotou o estoque de faquinhas.

– O que acha que isso quer dizer, Jessi? – perguntou Sofia, aflita.

– Que vão parar de me encher, acho. Nem sei por que estavam me ameaçando.

– Chegamos a achar que podia ser o fã-clube do Zack ou que a Linda estivesse a par de tudo, como o cabeça da operação. Então

constatamos duas coisas. Uma é que as adagas não sumiram do museu da cidade ou foram roubadas do departamento histórico, com exceção da faca de cozinha – essa foi roubada mesmo. Foram compradas de lojas de bruxaria. O fã-clubê do Zack não costuma por os pés nesses lugares, só em lojinhas estilo *Marie Claire* e lojas de departamento. Segundo, Linda não poderia ser o cabeça da operação porque ela não tem cabeça.

– Concordo plenamente.

– Bem, então nós temos que esperar algum novo movimento delas, certo?

– Sim, suponho...

Fiquei imaginando o próximo passo. Talvez fossem me mandar cabeças de ratos por correio ou coisa parecida. Espero que tenham imaginação. Vão ter que penar muito para me assustar, quer dizer, meu coração já parecia um *Silvester Stallone* da vida. Não digo *Chuck Norris* porque meu coração não chegou a tanto. Ainda.

Recebi uma nova mensagem de Zack.

“Jessi, estou preocupado. Estou indo aí para o seu quarto agora. Você chamou as meninas, não chamou? Então não tem com que se preocupar. Beijos!”

Vampiros não têm problemas de se adaptar com nenhuma tecnologia, não? Até *emoticons* Zack usa nas mensagens dele.

Sofia leu a mensagem e ficou nervosa.

– E agora, Jessi?

– Bem, vamos esperar. Vocês não têm o que temer.

Expliquei a elas toda a história, inclusive a revelação de Zack sobre as meninas assassinadas. E que ele planejou me matar, mas não teve coragem.

– Acha que ele vai ter agora? – perguntou Estela, inquisitiva – Por isso ele está vindo pra cá?

Isso eu realmente não soube responder. E se fosse verdade?

– Jessi – a entonação de Sofia parecia firme – você gosta dele, não gosta?

Eu acenei que sim com a cabeça, fracamente. Não adianta negar. Estava estampado na minha cara como cabelo de emo.

Cabelo de emo! O que essas meninas estavam fazendo com meu vocabulário?

– Então, Jessi, não precisa temer. O que tem que ser será.

– Frase de anime?

Elas acenaram que sim e eu suspirei. É, eu também usava essa frase às vezes.

Como não tínhamos nada para fazer, uma delas puxou um *Uno* (jogo de cartas) da bolsa e começamos a jogar. Mas não conseguia me concentrar. Zack podia aparecer a qualquer momento, e se resolvesse matar minhas amigas *otakus* também?

Isso não podia acontecer. Mas eu me sentia grata por estarem ali comigo. Sofia com seu jeito de detetive, Dine com seu sarcasmo e Estela, bem... com sua animação. Bobby não estava porque sempre foi uma característica dele chegar atrasado. Bem, se não fosse assim, não seria o Bobby.

Então comecei a perceber que não era só Bobby que estava atrasado. Zack também. Já faziam cerca de quinze minutos que ele havia dito que ia ao meu quarto. Será que pretendia algum suspense?

Depois de trinta minutos resolvi mandar uma mensagem ao celular, bem simples, perguntando se ele vinha ou não, mas não houve resposta. Então tentei ligar e o celular dele estava desligado.

Comecei a ficar um pouco angustiada.

– Ora, Jessi, vai ver ele mudou de ideia. Você sabe como são os homens. Prometem ligar e nada. Pode fazer plantão ao lado do telefone.

– Sim, mas... ele não perturbaria tanto para nada e... não estou sentindo mais a presença dele – constatei subitamente.

Elas ficaram alarmadas.

– Como assim, Jessi? Você não sente a presença dele perto daqui ou... não sente mais?

– Não sinto mais – respondi, aflita, levantando-me da cama cheia de cartas ainda no meu colo. Se você joga *Uno*, sabe que eu estou perdendo – estava sentindo fraca por um minuto, mas agora... puff!

– Jessi, acha que aconteceu alguma coisa? O que vamos fazer?

– Eu não sei...

Realmente não sabia. Não estava mesmo sentindo a presença dele. Será que os vampiros o pegaram? Será que ele... não. Desde que me mordera, não sentia apenas a presença de Zack, também podia sentir algumas das sensações dele. Fazia pouco tempo considerando, assim, desde ontem. Mas foi por isso que não percebi a presença dele no jardim. Quer dizer, eu estava passando naquele momento a mesma sensação que ele, então confundi nossos sentidos. Aflição, dúvida. Agora... não sentia absolutamente nada. Se ele houvesse sofrido um ataque, antes disso então ele não deveria sentir raiva ou mesmo medo?

Bem, não que eu ache que Zack sinta medo por coisa alguma. Eu costumo sentir por nós dois.

E se tiver sido pego de surpresa?

– Chefa? – disse Sofia, quando percebeu que eu estava argumentando com a parede – o que vamos fazer?

– Vamos procurá-lo – eu disse, com firmeza.

Vamos procurá-lo? VAMOS PROCURÁ-LO? Qual o meu problema, hein? Levar um monte de adolescentes – Bobby finalmente chegara, ainda bem – à procura de um vampiro desaparecido que eu supostamente devia matar?

Eu devia aproveitar a oportunidade e escapar, eu sei. Mas olha só como eu ia ser considerada uma heroína se informasse ao Conselho o paradeiro de Zack? Quer dizer, assim que explicasse a situação – culpa fora deles – o motivo pelo qual eu não encontrara Eric. Bom para o Eric, não é?

Eu até ganharia uma medalha ou coisa assim, tenho certeza.

Eu devia me acostumar com a ideia, na verdade. Zack e eu jamais daríamos certo. Eu continuaria a envelhecer e ele, sempre lindo. Não ia querer parecer uma velha gagá com um garotinho novinho que as pessoas iam considerar que se interessava apenas pelo meu dinheiro – que obviamente não seria verdade, já que eu não teria nenhum. E virar vampira? Nem consigo imaginar isso. Beber sangue, esgueirar-me pela noite, não entrar mais em igreja... parece glamoroso nos livros, mas não é assim na vida real, sabe? Só mostram a parte bonitinha. E ele... bem, com certeza não gostava de sua profissão

vampiro. Quer dizer, chegou a matar as meninas que as presenças pretendiam tornar como eles. Devia realmente estar cansado de viver. Bem, de permanecer vivo, acho. Mas não estava disposto a entregar os pontos tão facilmente.

Devia ter uma reputação vampiresca a manter, sei lá.

Resolvemos ir até o prédio onde ele morava. Depois ao quarto. Não havia traços de nada, nem dele ou de outras presenças. Ou sequer sinais de luta. Estávamos na estaca zero.

– Jessi, ele deu a entender que tinha inimigos? – perguntou Bobby querendo ajudar.

– Não, acho que não, Bobby – respondeu Dine em meu lugar – as presenças estavam atrás dele e de Jessi porque queriam parceiros para o tênis.

Bobby chutou uma pedrinha, aborrecido. O pior é que realmente qualquer ideia do paradeiro de Zack poderia ser de alguma ajuda. Aquilo não foi obra de presenças, senão eu as teria sentido. Aquilo foi obra de alguém que estaria atrás de Zack por algum motivo.

Mas e se ele tivesse decidido deixar a universidade para não me expor ao perigo? Bem, então qual seria o porquê das mensagens no celular?

– Jessi, precisamos ir. Se o diretor pegar a gente zanzando por aqui à noite podemos ficar bem encrencados. Se Zack realmente sumiu, podemos ser responsabilizados e nos tornarmos suspeitos. Não podemos saber o que aconteceu, quer dizer, até que surja alguma pista, Jessi. Vamos para cama. Quando alguém tiver alguma ideia, mande mensagem, certo?

Eu não queria ir; estava angustiada. Mordi meu lábio inferior e acenei que sim com a cabeça. Elas me abraçaram e se despediram.

– Vai ficar aí, Jessi?

– Hã, sim, vou dar uma última olhada...

– Está bem – gritou Estela despedindo-se – não deixe os percevejos morderem. Nem vampiros.

– Rá, rá. Vocês são umas gracinhas. Boa noite.

Eu fiquei olhando enquanto elas se afastavam. A minha cabeça latejava.

Eu não devia estar ali ainda, e se as presenças voltassem? Não havia Zack para me proteger. Mas de alguma forma eu sabia que ele estava bem. Só não sabia onde.

Resolvi repassar meus passos até o jardim, onde eu havia me encontrado com ele. Fui ao banco, sentei-me e tentei organizar a mente. Quer dizer, ele parecia bem calmo naquela hora para alguém que estivesse esperando um ataque, o que significa que veio de uma fonte inesperada. Algum detalhe ainda estava me escapando. Eu havia anotado todos os pormenores daquela aventura até agora?

Deixe-me ver. Fui humilhada por Rick e Linda, faltei muita aula, fui perseguida da igreja até a universidade, fui mordida por Zack, tive uma coleção de adagas fincadas na minha porta...

Hum, adagas. Quem estaria fazendo isso? As meninas disseram que podiam ter sido compradas de lojas de bruxaria.

Adaga. Sangue. Provavelmente de rato. Rato igual esgoto.

Seria minha irmã gêmea que decidiu dominar o mundo de uma vez? Quer dizer, já haviam passado duas semanas.

Houve um estalo na minha mente. No dia em que andei de calcinha pela universidade – embora fosse um fato que eu estivesse me esforçando ao máximo para esquecer – encontrei algo interessante quando fugia pelo esgoto – outra coisa que eu também faria questão de esquecer. Era uma mensagem. Uma mensagem escrita em uma parede com sangue. Algo sobre chegar a hora de dominar o mundo, ou coisa do gênero. Teria tirado uma foto com meu celular, mas nem calças eu tinha.

Falava alguma coisa sobre “a próxima lua cheia”.

Virei a cabeça para cima e observei o céu. Nunca tinha visto uma lua tão cheia antes. Te juro, preferia nem ver. Mas de qualquer forma, era a única pista que eu ainda tinha, não é? Não sei o que tudo isso poderia ter a ver com Zack, mas não custava nada tentar.

Certo, custava. Descer ao esgoto, andar ali e correr o risco de encontrar a seita da minha irmã. Mas veja o lado bom.

Eu estaria vestida!

Corri para o bueiro onde eu havia entrado da última vez. Respirei fundo. Péssimas lembranças, sem dúvida.

O ar estava cada vez mais gelado. Agora deviam passar das onze horas da noite. O que raios eu estava fazendo? Arriscando meu pescoço por causa de um vampiro que o Conselho queria matar de qualquer jeito?

Arriscando meu pescoço por causa de um vampiro – rá, rá. Acho que vou largar meu emprego de caçadora e ser comediante. Tudo bem que eu morreria de fome em qualquer uma das profissões. Mas olha, como comediante já consegui fazer o quê? Três piadas? E como caçadora? Apaixonei-me pelo vampiro que tento matar, é isso aí.

Sei que estou enrolando, mas definitivamente entrar ali outra vez não era um piquenique no parque. Ah, que seja.

A tampa não saiu com tanta facilidade quanto da última vez, mas antes eu estava ansiosa para me esconder, agora estava pagando qualquer coisa para não entrar. Mas lá fui eu.

Enquanto percorria aqueles corredores estreitos e mal-cheirosos senti-me um pouco culpada não avisando as *otakus*, mas não queria arriscar a vida delas por algo que eu só tinha um leve palpite. Aliás, não queria arriscar a vida delas por coisa alguma. De qualquer forma eu estava com meu celular, certo? Era só mandar uma mensagenzinha caso eu me metesse em alguma encrenca, o que era bastante provável considerando minha sorte.

Ninguém sabia onde eu estava naquele momento e senti um frio correr pela espinha. Nem Zack, nem as *otakus*, nem o diretor, nem meus pais, ninguém. Se eu sumisse, será que dariam o caso como outra menina desaparecida? De verdade, acho que não faria tanta falta assim. Não sou tão pessimista, mas acho que foram poucas as pessoas que notaram que eu estava realmente viva. Sendo que uma deles era considerada fisicamente morta.

Mas eu ia sentir muita saudade do Pterówski. Será que minha mãe daria o draculinho para alguém?

Pus a mão no meu bolso. A água benta ainda estava lá e a cruz ainda no pescoço, se bem que não me sentia segura. O que quer que estivesse naquela interminável coleção de corredores não devia ser vampiro. Alguma força das trevas, talvez, mas não vampiros. Eu sentiria a presença deles, sabe lá Deus como.

As palavras do padre voltaram a ecoar em minha mente. Meus poderes começaram a se manifestar. E poderia ser uma junção de poderes de minha geração. Mas precisava ser tão inútil assim? Quer dizer, eu poderia manifestar superforça, supervelocidade, ou até visão de raio-x, mas grito?

Parecia que eu era até um daquelas criaturas esquisitas do filme do *Harry Potter*, Mandrágora.

Andei por alguns minutos ainda, sentindo todos os nervos da minha pele em puro estado de alerta. Eu realmente não devia estar ali. Algo me dizia que era maior do que eu imaginava. A fraca luz vinda das lâmpadas fosforescentes no teto dava a tudo um aspecto muito sombrio.

De repente, eu estava frente àquela parede manchada de sangue que vi da primeira vez, quando estava circulando – argh – de calcinha pela universidade. Era o que eu imaginava. Irmãs que pretendiam o controle do mundo, lua cheia e essas baboseiras. Adorável. Mas o sangue devia ser o mesmodaquele que volta e meia aparecia na minha porta com uma daquelas maravilhosas faquinhas decorativas.

Sabe que já estava começando a gostar delas? Das adagas, quero dizer. Bem, tirando o fato de serem de bruxarias, coisa e tal. Mamãe provavelmente ia querer queimá-las se eu chegasse com elas em casa, mas antes poderia vender no eBay por um bom dinheiro e pagar parte das dívidas das roupas que adquiri por conta.

Subitamente senti uma presença fraca, mas não tive dúvidas.

Zack! Ele não parecia estar emitindo sensação alguma. Provavelmente devia estar sedado ou desacordado. Olhei em volta. Não havia nada, a não ser uma sombra aproximando-se pela parede vagarosamente. Parecia estar segurando alguma espécie de lamparina.

Olhei em volta. Não havia onde me esconder, a não ser contornar o muro e esgueirar-me por trás de algum corredor. Cara, eu estava com problemas. Se essas *psicas* (psicóticas) me encontrassem dariam cabo de mim fácil fácil, mesmo tendo perdido sua enorme coleção de adagas. Quem sabe não teriam também uma coleção de lanças?

Não acho também que me deixariam entrar para o grupo, você sabe, chamar-me para tomar um chá enquanto se acomodavam ao meu redor para discutir os rumos da irmandade. Afinal, as ameaças não eram algo como “vou te pegar lá fora” ou “espera a hora do recreio que você vai ver” ou coisa assim. Tenho certeza que alguns e-mails que elas frequentemente mandavam tinham coisas relacionadas com tripas e cérebros para fora, mas não prestei muita atenção.

Prendi a respiração e tentei correr sem fazer barulho. Não podia exatamente determinar onde estava Zack, mas talvez ser capturada não fosse a melhor solução. De alguma forma elas não iam me querer por perto. Mas por que eu? E por que Zack? Quer dizer, o que ele tem a ver com irmãs controladoras do mundo ou coisa assim?

Bem, talvez ele faça muito mais coisas na noite do que eu supunha, você sabe. Talvez tivesse algum nome fantasia estilo Shirley ou Valéria e se vestisse com roupas inadequadas para um vampiro de 800 anos. Na verdade inadequadas para os homens que conheço, no geral.

Fiquei atrás de um muro de pedras, mas não conseguia ver a figurava que passava ou até me certificar se ela já tinha ido embora, então permaneci encostada ali esperando alguma chance ou calculando o tempo que ela levaria para passar.

Novamente olhei para os lados. Não havia nada, e não tinha coragem de voltar pra o caminho pelo qual tinha passado de qualquer forma. Então passei a seguir por um novo corredor. Agachei para passar por um buraco e senti a água passando pelos meus pés e manchando minhas botinhas de couro *Mary Jane*. Ah, o Conselho ia pagar caro por isso, não tenha dúvidas. Isso se eu conseguir explicar o que estava fazendo dentro de um esgoto, perto da meia noite, procurando por coisas que não tinham a ver com minha missão. Bem, tinham. Eu queria salvar Zack. Mas para eles eu diria que queria matar o vampiro com minhas próprias mãos, certo?

Cheguei num beco sem saída. Ah, ótimo. Agora eu teria que voltar e procurar um caminho novo. Irmãs cretinas. Será que elas não poderiam facilitar a vida das outras irmãs e colocar plaquinhas pelo caminho para facilitar as reuniões ou coisa assim?

Resolvi parar de bancar a heroína e tentei digitar uma mensagem no meu celular para indicar as meninas onde eu estava. Agachei-me perto de uma passagem estreita e comecei a digitar, embora só agora percebesse que tremia muito. Notei porque, várias vezes, eu tinha que apagar letras que meus dedos digitavam a mais. Quando finalmente estava pronta para enviar (na verdade, perto disso, eu já tinha digitado ‘zack está no bu...’) senti um pancada forte por trás que me fez esquecer tudo o que estava acontecendo. Na verdade, não pude pensar nisso porque a escuridão se fez completamente.

Sacrifício



Tenho certeza que devo ter apagado por muitas horas porque, quando acordei, virei para o lado, pedi para minha mãe esperar mais um pouquinho porque o mundo não ia acabar agora e senti que minha cabeça doía como se eu estivesse tendo a maior ressaca da minha vida.

Então constatei três coisas.

Eu não estava deitada em minha cama, mas em uma espécie de jaula.

Minha mãe não estava e o mundo podia acabar mesmo, ou ser controlado, sei lá.

Eu não tinha bebido, porque pelo menos eu ia acordar me sentindo um pouco feliz.

Estava mesmo em uma espécie de jaula dourada, pendendo acima, por volta de um metro do chão. Estava novinha ainda, provavelmente deviam estar guardando para alguma oportunidade para usar, ou antes, só servia de peça para decoração. Ou seja, sem chance de ter alguma parte enferrujada para arrebentar.

Sentei na jaula pau da vida. Minha cabeça latejava e estava com uma raiva profunda. Preferia que eles tivessem simplesmente dito: “poderia acompanhar-nos, por favor?” ou lessem meus direitos ou coisa assim, ao invés de tentar partir meu crânio em dois. Certo, eu devia ter me importado com as ameaças, mas a culpa fora deles por não terem me assustado devidamente. Afinal, a primeira vez que me ameaçaram foi com uma faca de cozinha cheia de groselha, aí não consegui mais levá-los a sério. Afinal, a primeira impressão é a que fica, certo?

Olhei em volta. Estava em alguma espécie de salão subterrâneo bem extenso e largo, uma gigantesca galeria de esgoto – será que o diretor sabe disso? – cheio de figuras negras espalhadas ao redor, andando lentamente, cerca de trinta, mais ou menos – pelas curvas dava para perceber que eram todas mulheres. Havia tochas aqui e ali, em pontos estratégicos nas paredes e o local parecia bem limpo, até. A iluminação era fraca e muito sinistra; alguns caldeirões fervilhando em esquinas nas paredes acrescentavam um toque místico e a meu ver, meio exagerado. Algumas armas – incluindo outras adagas (uau, elas devem ter feito a loja de bruxaria da cidade enriquecer rapidinho – ou eram donas da loja, o que também era bem provável) estavam dando um toque mais adorável ainda na decoração. Uns tapetes bem enfeitados coroavam tudo, junto com uma espécie de altar e uma figura de uma estátua demoníaca – senti um arrepio correr pela espinha – sobre ela no fim da parede mais larga. Havia também uma claraboia imensa em cima, que imagino que devia ficar logo abaixo de onde construíram a fonte da universidade e que explicava, com um bom motivo, estar interditada e sem água. Um tapete vermelho ligava-se da entrada do salão até esse altar, junto com uma série de tigelas espalhadas por ele cheios até a boca de líquido com cor de sangue.

Pobres ratos.

Mas minha atenção não se voltava para essas coisas, que até eram bem interessantes, mas sim para uma figura desacordada que estava em cima do altar, presa por correntes.

Zack.

Sem camisa.

Opa, tenho que dar o braço a torcer. Um ponto a favor das irmãs controladoras do mundo. Quer dizer, elas fizeram algo que eu tinha o sonho de fazer há séculos, tirar a camisa do Zack.

Será que em meio aos poderes que um dia eu vou ter, vou adquirir a capacidade de controlar meus hormônios?

Cutuquei uma figura vestida de preto à minha frente através da jaula. Ela não me deu atenção. Nem quando disse ‘psiu, ei’. Então tirei uma das minhas botinhas *Mary Jane* e cutuquei-a firme com o

salto. Ela deu um pulo para trás gritando um silencioso ‘ai’ e voltou-se para mim, furiosa.

– Fique quieta. Não ouviu nossas ameaças, então fará parte do ritual.

– Ahn, eram ameaças? – me fiz de desentendida – Eu achava que vocês só estavam brincando. Ah, então tudo não passa de um mal-entendido. Então olhe só, por que vocês não soltam o Zack e a mim e eu procuro ouvir as ameaças de vocês dessa vez? Achei as adagas de vocês o máximo, para falar a verdade. E sério, todo esse lance de bruxaria, ameaça, capturar homens lindos coisa e tal sempre chamaram minha atenção. Se não quiserem me libertar, posso fazer parte da irmandade. Olha só, sei como conseguir um desconto bárbaro nessas lojas de...

– Silêncio, infiel! – ela bradou, irritada.

Essa é boa. Infiel? Infiel a quem? Ela realmente acha que me ofendeu ou coisa assim? Porque eu posso ensinar a ela uns dois palavrões que iam fazer qualquer dos seus inimigos sentir-se o cocô do cavalo do bandido.

Percebi que nada do que eu falasse faria alguma diferença a elas. Bem, eu já esperava. Afinal, porque eu pensaria que haveria um diálogo aberto, onde eu exporia meu ponto de vista e elas aceitariam e diriam que eu estava com a razão, soltassem o Zack, se convertessem e passariam a estudar direitinho e gastar dinheiro com roupas, em vez de adagas para rituais e coisa assim?

Já que é pra sonhar, então eu também queria um pônei.

Ah, sim, eu tenho. O Pterowski.

Bem, então uma viagem para Paris.

Sonho que eu realizaria se elas não houvessem se metido em meu caminho e eu poderia enfim matar Zack.

Não fale nada.

Calma, Jéssica, eu dizia para mim mesma. Afinal, com a mensagem no celular as *otakus* logo...

Então me lembrei. Não cheguei a mandar a mensagem, só digitá-la, antes de receber o mundo sobre minha cabeça e apagar. A mim, não a mensagem.

Vasculhei os bolsos. As tais controladoras não tinham retirado todas as minhas coisas, mas apenas meu celular. Claro, a única coisa útil no momento.

Zack ainda estava desacordado. Algumas figuras de negro começaram a formar uma fila perto dele. E entre elas algumas portavam adagas. Senti uma ponta de pavor.

– Ei! – chamei a figura na minha frente novamente.

Ela me ignorou para variar.

– Escuta, querida, eu posso tirar minha bota de novo e cutucar você outra vez com meu salto.

– Ai, minha nossa, o que você quer?

Vê se bem que a puseram no cargo de guarda por não ter uma formação como a das outras; séria e secreta.

– O que vocês estão planejando fazer com Zack? Ou comigo?

– Cale a boca e preste atenção na cerimônia. Aí você pode entender.

Ela virou para frente novamente e percebi que não ia ter muita escolha mesmo. Fiquei atenta feito escoteira, entretanto, com a esperança de surgir alguma coisa que pudesse me ajudar a sair dali.

– Irmãs – gritou uma empolgada que tinha a roupa maior e o capuz mais comprido do que as outras – finalmente nosso dia chegou. Dia em que libertaremos nosso deus Shangri-la para sua conquista – e nossa – do mundo todo.

Cara, falemos sério. Quantas coisas mais eu teria que passar? Agora só falta esse tal de Shangri-la ser na verdade um ET que quer expulsar os humanos do planeta e daí seríamos obrigados a viver em algum planeta povoado por macacos. Quanta mistura eu já tive que passar em tão pouco tempo da minha vida?

Outra coisa. Shangri-la é nome de um país imaginário, não é?

Não, sério, se eu pudesse revelar tudo o que estava passando para o mundo, seria a maior sensação no *Acredite se quiser*.

Ou quem sabe escrever um livro. Iria chamá-lo de “Diário de Uma Caçadora Novata”. Ou então “Conselhos Para Quem Quer Subir Na Profissão Caça-Vampiros.” O item número 1 da lista seria: “Aconteça o que acontecer, não se apaixone pelo vampiro que tem que matar. Pode ser muito prejudicial para sua saúde, principalmente quando

ele resolver que seu pescoço é o próximo da lista. Sem contar, é claro, que ele pode ser o escolhido para sacrifício de alguma seita por aí.”

Ou melhor ainda: “ Como enlouquecer seu terapeuta junto com você.”

– Não entendo... – comentei para a guarda da minha... jaula – por que Zack? Não podia, sei lá, ser algum do time de basquete, o Rick, por exemplo?

– Rick é um idiota – tive que concordar, acenando a cabeça. Ela continuou – Tinha que ser o homem mais belo. Nosso deus precisa de um corpo para encarnar.

Bom, uma coisa eu tinha que admitir. Bobas elas não eram. Afinal, se o deus delas tinha que encarnar em algum corpo por aí, porque não no corpo do mais gato, não é? Vou te contar, Zack também se mete em cada uma...

– Mas a alma de Zack está lá ainda, quer dizer... o futuro corpo do deus de vocês já está ocupado.

– Não ao final da cerimônia – ela respondeu secamente.

Senti todos os pelos da minha pele eriçarem-se. Aquelas loucas realmente pretendiam matar Zack. Fazer o *meu* trabalho. Por que ressuscitar esse deus esquisito, afinal? Por acaso ele ia ajudá-las a tirar uma nota melhor nas provas finais da universidade?

Fiquei olhando ao redor, esperando que alguma coisa acontecesse. Uma das sentinelas ao meu redor possuía um molho de chaves que pendia levemente para fora do bolso. Agora, se eu pudesse chamar a atenção dela...

A cerimônia continuava.

– Com o sacrifício deste reles humano – o que? Reles? Não acham que é muita areia para o caminhãozinho de vocês? – nosso deus tomará forma e assumirá seu corpo, governando o mundo ao nosso lado. Agora unamos nossas forças, irmãs. Vamos nos concentrar.

Isso, vão se concentrar, irmãs, pensei. Especialmente a sentinela das chaves.

Elas abaixaram as cabeças. Mas a mulher das chaves ainda estava muito distante. Suspirei. Não tinha como alcançá-la, mesmo que eu lhe jogasse minha bota com a ponta virada para a nuca dela. Quando novamente percorri os olhos ao meu redor, notei uma sombra

pulando em um canto, antes do salão, em uma esquina da galeria, tentando desesperadamente chamar minha atenção. Era um cara baixo, moreno e de cabelo preto cortado curto.

– Bobby? – sussurrei, incrédula. Como ele me localizou?

Em uma das mãos, que ele apontou com a outra, estava meu celular. Ah, o bebezinho da mamãe! Ai, que alívio! Já estava pensando no que poderia fazer para bloquear meu chip.

Ele fez um gesto para eu fazer silêncio, pondo o indicador nos lábios. Eu acenei que sim e ele veio aproximando-se lentamente, entrando no salão, grudado à parede. As mulheres permaneciam com as cabeças baixas e olhos fechados, murmurando palavras incompreensíveis, talvez xingando a mãe de alguém ou entrando em estado *alfa*.

Eu apontei para ele a sentinela mais afastada e fiz um gesto que significava ‘chave’ e ele arregalou os olhos. Certo, eu também teria ficado assustada se tivesse que me esgueirar até uma pessoa que estivesse a quase dez metros de distância em silêncio. Ele agachou-se e foi andando vagarosamente, passo por passo. Em minha mente eu rezava para que as palavras de concentração delas não acabassem logo e que Zack despertasse de uma vez.

Havia sangue escorrendo pela testa dele. Com certeza o pegaram desprevenido também, quando ele procurava alcançar meu quarto.

Bobby tremeu nas bases quando a mulher que estava com as chaves deu uma agachada para coçar a perna. Ah, querida, se o tecido é elanca, coça mesmo. Eu o vi ficando cada vez mais pálido até que a mulher voltou à posição normal.

Ele a alcançou. Esticou o braço lentamente, torcendo para que as pessoas à sua volta não trapaceassem nas fórmulas e abrissem os olhos. Eu mal respirava na jaula. Quando conseguiu tocar em uma chave, fechou a mão sobre o molho para não fazer barulho. Puxou com delicadeza e começou a afastar-se devagar, apertando as chaves para não fazerem nenhum tipo de som e entregá-lo. Demorou alguns minutos ainda até que me alcançasse.

As veias na minha cabeça latejavam. Meu coração parecia que estava dançando ao ritmo do samba. Nada em meu organismo com certeza iria funcionar por muito tempo, eu obviamente acordaria

com uma prisão de ventre de matar. Ao menos espero que tenha a chance do ‘acordaria’. E vamos também cortar a parte do ‘matar’.

– Jessi – ele sussurrou – qual dessas é a chave?

– Como vou saber? – murmurei de volta, esticando um olho para minha sentinela, que também parecia concentrada. Ou dormindo – Vamos testar uma por uma.

– Mas não temos tempo pra isso – disse ele agoniado, olhando em volta, tentando desvendar quanto tempo ainda para elas perceberem nossa movimentação.

A tarefa começou. Testar uma por uma das chaves, encaixando o melhor que podia e torcendo-as para ver se encaixava no trinco. Estávamos tão nervosos que tenho certeza que devemos ter passado a mesma chave várias vezes.

– Jessi, não é possível – ele sussurrou – nenhuma delas encaixa. Tem certeza que uma dessas chaves abre a jaula?

– Não, não abrem – soou uma voz atrás de nós – elas só abrem as chaves do cadeado do sacrifício. A jaula abre por um mecanismo na entrada do saguão.

Ele ergueu os olhos trêmulos, assim como eu. Metade das mulheres estava com os rostos voltados para nós. A outra metade estava fazendo a parte delas, que era a tal concentração.

Trapaceiras.

Não foi tão ruim. Sério, afinal agora eu tinha companhia na jaula. Pena que Bobby só ficava murmurando, mal-humorado. Tentei conversar para aliviar a tensão.

– Mas e aí, Bobby? Como vocês descobriram que eu estava aqui?

– Foi pura sorte, eu acho – disse ele, olhando em volta procurando alguma coisa – eu estava sentando na frente do computador vasculhando históricos quando notei que alguns deles eram marcados com sinais vermelhos, canetinha, sei lá. Meu computador tem um monitor de resolução alta, você sabe.

– Claro.

– Então – ele continuou, empolgadíssimo com a própria história – Aí reuni todos os que tinham esse tipo de marca e notei que essas mesmas pessoas seguiam um mesmo padrão de comportamento:

dormir nas aulas; o que também poderia significar que são alunos comuns ou que andam por aí à noite a esmo ou dando festinhas – ele fez um sinal com o nariz – ou participando de seitas por aí. Também tem o hábito de andar de preto, pôr *piercings* no nariz e dizer dialetos incompreensíveis se algo não é do agrado delas. As meninas tinham comentado, acredito, mas elas não sabiam que essas pessoas também tinham o hábito de pularem de um bueiro aberto do nada matando de susto professores e alunos por aí. E algumas revistas que foram confiscadas nas aulas eram de rock ou de bruxaria. A letra que você tinha mostrado estava lá!

– Então você ligou para as meninas e vocês tentaram me procurar.

– Sim, mas você não estava no quarto, então achamos que tinha voltado ao jardim. Estela lembrou que você andou de calcinha recentemente por aí, e que escapou através da rede de esgotos. Arriscamos o palpite que você podia ter cruzado com elas antes e que teriam ficado zangadas.

– Estela deve ter espalhado isso para o mundo inteiro já – murmurei, mal-humorada – mas enfim, encontraram meu celular...

– Sim, estava escrito “zack está no bu...”. Sofia pensou que você queria dizer ‘budismo’ mas era impossível, porque ele costuma se confessar com um padre, certo? Aí eu pensei que fosse buraco, mas no ‘buraco’ era muito relativo...

Estou bem arrumada com esses ajudantes, vou te contar. Isso é que dá ficar vendo desenho animado o dia todo. Imaginação demais.

– Mas enfim supomos que você estava aqui mesmo, já que seu celular não sai pra passear.

– Uau, que perspicácia – disse, com um tom de sarcasmo – mas onde elas estão?

– Bem, acho que bolando algum plano. A gente se separou. Sofia e Estela devem estar na entrada do saguão. Dine, não faço ideia. Mas nenhuma foi capturada. Ainda.

Olhei para Zack. Ele estava começando a se mexer, lentamente. Provavelmente sentindo o peso do mundo sobre sua cabeça, da mesma forma que eu sentira. Abriu os olhos lentamente e virou a cabeça admirando a vista ao redor. Com certeza, estava achando bem

estranho todas aquelas mulheres ao seu redor considerando a surpresa da sua expressão. Contudo, deu um sorriso aliviado quando me avistou na jaula.

– Ah, Jessi! Obrigado por me convidar para fazer parte da sua festinha. Estou me sentindo o centro das atenções!

– Zack, isso é sério! Essas loucas querem usar seu corpo como sacrifício para fazer o deus delas voltar à vida! – gritei da jaula, angustiada.

– Bem, devemos admitir que elas escolheram bem.

Ele estava deitado, com as mãos acorrentadas na altura do abdômen e correntes nos pés. Se tinha superforça, porque simplesmente não as arrancava e saía dali tranquilamente? Algo horrível estava para acontecer, eu sentia.

A mulher mais empolgada e mais sinistra estendeu as mãos na direção dele.

– Irmãs! É chegada a hora do sacrifício! Vamos invocar o deus Shangri-la – Zack fez uma careta quando ouviu o nome do deus – e matar o belo ser para que ele possa ocupar seu corpo.

Eu não pude mais me segurar.

– Pode parar aí mesmo! Zack é meu! Sou eu que quero matá-lo!

– É verdade! – defendeu ele, sentando no altar – Jéssica tem prioridade! Ela chegou primeiro!

– Silêncio! – gritou a mulher, furiosa.

Puxa, algumas pessoas não sabem mesmo brincar.

– Mortais – ela continuou e Zack ergueu uma sobrancelha – curvem-se diante do nosso deus!

Quando ela ergueu alto a adaga pronta para desferir no peito de Zack, Estela atravessou o saguão gritando. Obviamente ela tinha um plano, ainda bem.

Foi quando ela parou no meio do lugar, com todas as figuras de preto rodeando-a e murmurou.

– Droga, não deu certo...

– O que raios você queria fazer, sua doidinha? – gritei, por dentro da jaula.

– Ah, oi, chefa! – ela estendeu a mão, animada – Queria assustá-las, mas não funcionou como eu planejava. Na verdade eu ia entrar

gritando ‘terremootooooo’ mas acabei esquecendo.

Bati na testa. Ah, eu estava mesmo bem arrumada com aqueles assistentes de doido. Mais uma para fazer companhia.

Assim que foi arrastada para a jaula, Bobby murmurou ‘bem vinda’ ao que Estela respondeu ‘obrigada’ e ficou por isso mesmo. Se a gente sobreviver eu mato esses dois.

Minhas últimas esperanças agora eram Sofia e Dine.

As últimas esperanças de Zack também.

Foi quando notei que Sofia estava agachada perto de uma sentinela, pronta para desferir um golpe certo com um... extintor de incêndio. Ah, que anime ela estava tentando imitar agora? Primeiro porque ela não teria força para isso, segundo porque ia causar um barulho ensurdecedor.

Olhei para Bobby, angustiada. Ele deu de ombros; o que poderia fazer?

Voltei meu olhar para o altar. A mulher novamente erguia o punhal para desferir o golpe certo no coração de Zack. Ele parecia estar sedado. Por que simplesmente não levantava daquela mesa e saía? Por que raios permitia que tudo isso acontecesse?

Minhas mãos agarravam a grade com tensão. Eu suava, mordida meus lábios e rezava. A *otaku* aproximava-se mais, mas eu sabia que não ia conseguir e por mais que tentasse, não conseguia chamar a atenção dela sem que isso despertasse a curiosidade das minhas captoras.

As grades estavam ficando molhadas com tanto que eu suava sobre elas. Pareciam derreter em minha mão. Na verdade... parecia que era isso mesmo o que estavam fazendo.

Bobby arregalou os olhos quando olhou para mim. Então eu não estava enganada. As grades pareciam estar diminuindo conforme eu passava as mãos por elas. Que tipo de poder era esse? Eu podia... derreter metal?

Comecei a acariciá-las e notar que estavam se desfazendo em minhas mãos. Infelizmente não sabia se seria rápida o suficiente para poder abrir a jaula antes que Sofia aprontasse das suas ou a mulher empolgada acertasse Zack no peito.

Subitamente ele move-se e ergue as mãos acorrentadas para o alto.

– Espere! – gritou Zack para a mulher como se estivesse adivinhando meus pensamentos.

Ela estranhou e parou por um instante.

– O que foi?

– Eu não tenho direito a um último pedido?

Elas entreolharam-se.

Enquanto isso eu rompia a última barra. Bobby fez a jaula girar empurrando o chão com os pés, para que elas não me vissem tentando escapar pela lateral. Desci e agachei-me para junto da parede. Todos os olhares estavam voltados para Zack fazendo gracinhas no altar. Tem as suas vantagens apaixonar-se por um vampiro metido a besta.

– Deixa eu ver... – ele continuou, alheio ao que estava acontecendo – meu último pedido é... quero comer morango.

– O... o quê? – estranhou a empolgada, que parecia ser a líder deles.

– Eu quero morango.

– Não temos morango.

– Goiaba?

– Não há comida aqui em baixo. E depois, você não tem direito a um último pedido, visto que governará o mundo todo e tudo estará embaixo de seus pés.

– Ah, não... vai dar muito trabalho. Olha só... vamos fazer assim. Tragam-me os morangos e não se fala mais nisso.

Enquanto ele bancava o engraçadinho, desci da jaula e corri para uma pilastra mais perto, tentando acenar para Sofia largar o extintor. Então comecei a fazer pequenos gestos, tentando explicar que eu queria que ela encontrasse uma manivela ou coisa parecida e puxasse, já que a sentinela havia explicado que um mecanismo para a abertura da jaula ficava na entrada do saguão. Só que ela entendeu tudo errado.

A minha adorável amiga puxou o pino do extintor e descarregou a fumaça.

Força maligna



Agora eu te pergunto. Que mente sã acharia que ligar a porcaria de um bujão que solta fumaça serviria para alguma coisa? Pois é. O problema é que não estou exatamente rodeada por mentes sãs.

As mulheres de preto do saguão alarmaram-se, o que foi o estopim para a empolgada do altar enfiar a adaga no coração de Zack.

Gritei. Não pude evitar. Aquele grito estridente de mandrágora. Parte do saguão desabou e as mulheres puseram as mãos nos ouvidos. O sangue escorria do peito de Zack e ele pareceu desfalecer sobre o altar. Então senti mãos ao meu redor.

Fui pega novamente. Bobby e Estela haviam escapado pelo buraco entre as grades e pareciam estar tentando se esquivar das dominadoras, mas eu não via nada mais. Tudo bem que a fumaça do extintor atrapalhou um pouco, mas meus olhos estavam marejados. Zack estava banhado em sangue. Eu não cheguei a tempo.

As mulheres em volta do altar bradavam em alta voz clamando pelo deus idiota delas. Eu me sentia impotente... impotente e furiosa. O ódio me consumia. Minhas mãos ardiam, minha temperatura aumentou. Percebi que as mulheres ao meu redor me soltaram, se isso fosse manifestação de algum poder, ou por simples pena, eu não sei.

De repente, Zack sentou-se arrebatando as correntes e as mulheres gritaram com uma euforia maior ainda, mas animadas. O seu ritual parecia ter dado certo. Meu coração, como já era de se esperar, deu um pulo até minha garganta, talvez para por a cara para fora e ver com os próprios olhos o que estava acontecendo.

Ele começou a falar em uma língua estranha. Sua fisionomia era séria, seus olhos fundos.

Não era mais Zack. Era o tal deus com nome de país imaginário. Shangri-la.

Abaixei a cabeça, inconformada. Zack eu não teria coragem de matar, confesso. Aquele deus de nome esquisito era bem provável, mas... eu sentiria falta dele. De Zack, digo. De nenhum modo eu ia querer olhar para aquele cara que agora ia ser seguido por milhares de malucas vestidas de preto. Bom, acho que são milhares, né? Quero dizer, olha para aquele cara!

Certo, antes ele era seguido de qualquer forma, mas não por mulheres que matariam por ele.

Tudo bem, deixe-me reformular outra vez. Agora ele estava sendo seguido por malucas vestidas de preto que achavam que ele era um deus.

Quer saber? Desisto.

Parece que não mudou muita coisa mesmo.

Mas se o Conselho achava que Zack era perigoso antes, não faziam ideia do que estavam prestes a enfrentar.

Elas começaram a dançar em círculos e até esqueceram-se das *otakus*, Bobby e de mim. Não que agora realmente importasse.

– Jessi! Vamos sair daqui! – exclamou Sofia, puxando meu braço.

– Não vou sem o Zack – eu disse quase automaticamente.

– Jessi, ele não é mais o Zack – disse Bobby calmamente – e não sabemos mais do que é capaz.

– Chefa, isso é perigoso – pediu Estela, com olhos arregalados – vamos embora, talvez possamos pesquisar na internet um jeito dele voltar ao normal.

Eu ri por dois motivos: eu esperava que ela dissesse ‘vamos procurar em algum livro antigo’ e não na internet, e sobre o fato dele ‘voltar ao normal’. Vampiro já é coisa normal? É o que dá ficar na moda.

Elas me puxaram pelo braço e não ofereci resistência. Cada célula do meu corpo gritava angustiada, mas era como se eu não pudesse mais movimentar-me de livre e espontânea vontade.

Shangri-la ria.

Lancei meus olhos para o altar na esperança de ver Zack, ao menos o corpo dele, pela última vez e notei uma coisa.

Eu ainda sentia a *presença* de Zack.

Subitamente ele virou os olhos para mim e mesmo de longe eu consegui ver uma piscadinha. Então ele sorriu.

A ficha caiu. Bom, já não era sem tempo.

Ah, como sou idiota. Zack nunca poderia ter morrido. Por isso ele não oferecera resistência, por isso ele não quebrou as correntes e levantou-se dali correndo.

Ele estava se *divertindo*!

Aquelas mulheres não sabiam que ele era um vampiro. A adaga não era feita de madeira afinal de contas. Aquilo fora um simples show e eu caí me sentindo tão idiota como elas, se soubessem que tudo aquilo fosse uma simples encenação.

Fiquei com vontade de matá-lo de verdade.

– Chefa, vamos! – insistiu Estela.

– Estela, Zack não está morto! Digo, sim, mas ele já estava antes! As malucas não o mataram!

Bobby arqueou uma sobrancelha. Subitamente seu rosto revestiu-se da mesma expressão que provavelmente fiz quando tive minha revelação.

– Filho da mãe... – murmurou ele, também com a mesma raiva que eu estava sentindo agora.

– Bom, então – estranhou Sofia, ligeiramente preocupada – como vamos tirá-lo de lá?

– Sinceramente não é com ele que estou preocupado... – disse Bobby, percebendo a animação das mulheres – porque ele é bem vindo aqui. Nós, não. Temos que sair daqui antes que notem nossa presença.

– Mas e Dine?

– Ela não está aqui – comentou Estela – então está em melhor situação que nós. Vamos dar o fora!

Acenei que sim com a cabeça e tentei fazer um sinal para Zack mostrando que íamos tentar fugir. Ele lançou um olhar baixo e movimentou levemente a cabeça com um sinal positivo. Começamos a nos mover vagarosamente enquanto ele mantinha as moças

entretidas com sua fala estranha e sem noção e elas tentando provavelmente decifrar suas palavras acompanhando cada gesto seu como se fossem um bando de *fangirls* alucinadas.

Ah, sim, as meninas me explicaram. *Fangirl* quer dizer mulher extremamente louca por um cara popular, podendo ser de banda, ator ou – imagine só – personagem de desenho animado ou vídeo game. São histéricas, frenéticas, compram tudo que leva o nome dele e planejam todo tipo de loucura caso ponham as mãos no objeto – cara – em questão. Isso inclui pôr orelhinhas na cabeça dele também.

Já deu para perceber que são malucas com registro em cartório.

A fuga estava quase concretizada, mas um arrepio frio subiu pela minha espinha. Não era uma presença. Era algo ruim, de qualquer forma. Antes de sair sendo puxada pelo saguão, dei mais uma olhada para o altar. A sensação vinha de algum lugar que eu não poderia identificar exatamente onde.

Estela, Sofia e Bobby olharam para mim com olhares de súplica. Estávamos já na saída, por que motivo eu estava parada feito um pássaro na porta da gaiola aberta? Nem eu sabia, essa é a verdade. Mas me sentia paralisada por uma força que estava se formando. Intensa e estranhamente furiosa.

– Jessi, qual o problema?

Eu queria explicar, mas preferi olhar em volta. Minha respiração estava sufocada.

Uma fumaça vermelha levantava das tigelas de sangue de rato espalhadas pelo altar e pelo tapete. Ela se misturava e aumentava proporcionalmente conforme ia se enchendo, como se tivesse vida própria.

– Se o extintor não tinha passado da validade, essa fumaça aí significa problemas – respondi, apontando para a massa densa.

– Meu Deus... o que pode ser isso? – murmurou Bobby, estupefato.

Duas mulheres de preto perceberam e deram gritos sufocados. Todo o saguão ficou em estado de alerta.

Uma ventania sinistra, quente e violenta começou a rodar em volta do lugar. Olhei para Zack, mas ele tinha a mesma expressão que

eu; também não sabia o que estava acontecendo. Um cheiro forte de esgoto estava impregnando o ar, dando tonturas. Enxofre.

Isso é que dá brincar com coisa oculta, te digo. Essas brincadeiras de lápis, copo ou tabua oui sei-lá-o-que, que parecem inocentes a princípio.

Alguma coisa, provavelmente o tal deus Shangri-la, que na verdade devia ser um demônio, havia sido invocado para entrar no corpo de um morto que, supostamente, devia estar completamente morto, quer dizer, sem uma alma que o estivesse ocupando. Naturalmente Zack já estava morto e sua alma já tinha montado acampamento no corpo fazia tempo.

A fumaça começou a expandir e tomar forma. Ah, isso não ia prestar. Eu sei que se aquela coisa ali conseguisse completar a forma, não ia restar um só de pé, ou seja, ele ia ter muito corpo o qual ocupar. As mulheres gritavam. Zack aproveitou o momento e correu para perto de mim. Bobby incentivou.

– Vamos aproveitar que estão distraídas e cair fora! Seja lá o que for que está se formando aí é maior do que a gente pode dar conta.

– Não – discordou Zack, parecendo aflito – essa força vai sugar tudo o que estiver ao redor dela assim que adquirir um pouco mais de intensidade. É capaz dos alunos da universidade inteira perderem as almas para dentro dela!

– Mas... o que podemos fazer? – perguntou Sofia, angustiada.

Olhei para o chão, por onde se formava a fumaça. Ela vinha do sangue.

– Derrubem as tigelas! – gritei para as mulheres que me olhavam atônitas, mas elas não esboçaram nenhum tipo de reação.

Qual o problema delas? Quer dizer, além do fato de serem *psicas*? Achavam que ia ser tudo bonitinho, vamos matar em nome do nosso deus, sujar nossas mãos de sangue inocente, e depois tudo vai ser um mar de rosas e alcançaremos a paz mundial? Não é hora de começar a pensar sobre os próprios atos?

Zack sorriu.

– Ótima ideia, Jessi! – ele virou-se para as mulheres que ainda tremiam – Derrubem as tigelas, vamos! É uma ordem!

Elas obedeceram, como se estivessem sendo impulsionadas por uma força desconhecida. Claro, para elas Zack ainda era um deus. Para as outras alunas da universidade inteira também, mas de um modo diferente, obviamente.

Começamos todos a chutar as tigelas de sangue pelo lugar e, embora o chão ficasse nojento e grudento e alguns de nós até escorregassem nele, era melhor não pensar nisso. Sei que não dormiria por várias noites, e minha roupa inteira – incluindo minhas botinhas de *Mary Jane* – iam passar do meu corpo direto para o lixo.

Contanto que o Conselho pagasse meus prejuízos.

A fumaça pareceu fraquejar e todos começaram a rir de alívio, algumas mulheres pararam de chorar. Ah, enfiar adaga na porta dos outros é tranquilo, não é? Agora lutar contra forças ocultas malignas incomoda, não é?

Só que o alívio não durou muito tempo. Afinal o sangue ainda estava ali, só que espalhado pelo chão, e não mais nas tigelas. A fumaça que parecia ter diminuído de intensidade voltou a crescer. Duas mulheres que estavam próximas a ela, começaram a dar convulsões e caíram, mortas.

Que vontade de ligar para casa e dizer: “muito obrigada, mamãe.”

Todas começaram a gritar, só eu não podia fazer isso, embora cada músculo do meu corpo implorasse. Afinal a estrutura inteira do saguão poderia cair sobre nós e sinceramente não sei o que seria pior.

Zack segurou minha mão. Sei que aquele não era um bom momento, mas eu queria muito que ele me beijasse. Estava atordoada e morrendo de medo. A fumaça já estava quase envolvendo a todos e muitas das mulheres começaram a tentar uma fuga desesperada para a saída.

Eu não podia deixar aquele local daquele jeito porque sabia que assim que aquela fumaça maligna tomasse forma de uma vez e se rompesse saindo pelo esgoto, mataria a todos na universidade, como fez com as duas no chão. Abaixei a cabeça e rezei. Ah, se eu soubesse alguma oração de exorcismo!

Sofia de repente começou a dar convulsões. Bobby e Estela deram um grito de agonia e Zack pareceu desnorreado. Meus olhos

encheram-se de lágrimas.

– Ah, a Sofia você não vai levar! – gritei, cheia de coragem.

Instintivamente levei minha mão ao bolso e arranquei dali o frasco de água benta que meu pai tinha mandado, junto com seu aviso de ‘use com cuidado’. Abri o vidro tremendo e joguei a água sobre Sofia. A fumaça que a envolvia fraquejou e se afastou dela, como se repelida. Puxei-a e gritei seu nome. Bem, gritei é modo de falar. Falei com um tom mais alto.

– Sofia! Você está bem?

Ela suspirou, como se um peso enorme houvesse saído de dentro do seu peito.

– C-chefa...

Eu a abracei, aliviada. A fumaça ficou ao nosso redor, parecendo observar. Já não havia mais ninguém no salão a não sermos nós. As loucas de cartório já haviam sumido sem deixar rastros.

O ser começou a fechar um círculo ao nosso redor. Zack ainda permanecia ao nosso lado, mesmo sabendo que aquele demônio não poderia fazer-lhe mal algum. Como eu poderia matar um homem desses?

Quer dizer, você já o viu sem camisa?

Pode não ser sacrifício para nenhum Shangri-la, mas tem tudo para ser um deus grego.

Eu não tinha mais a água benta e o ser parecia querer se certificar disso. Bobby e Estela me abraçaram.

Então a Cavalaria chegou.

Luiz do Sol

Não sei se posso chamar bem de ‘cavalaria’ uma *otaku* maluca portando uma gigantesca mangueira de incêndio invadindo o saguão com uma pose de *Silvester Stallone* e uma bandana amarrada na cabeça.

Mas era a única opção que eu tinha no momento e não era hora de fazer exigências.

Dine havia entrado correndo, gritando frenética e rindo loucamente enquanto abria a mangueira e dizia:

– Tome isso, seu *heartless*^[2] dos infernos!!

Não sei como a água intensa da mangueira podia ajudar, mas ela parecia resolver a situação muito bem. A fumaça afastou-se e parecia fraquejar e perder intensidade. Isso porque a força da água que saía dela estava limpando todo o chão do sangue de rato, espalhando-o e dissolvendo-o em meio àquela tranquilizante enchente súbita. Contudo, Dine não suportou a força da mangueira e Zack teve que acudi-la, utilizando-se de sua superforça para poder mantê-la no chão. Se bem que foi engraçado ver uma *otaku* doidinha voando e gritando ‘weee...’

– Dine, por que demorou tanto? – gritou Estela para a amiga, que parecia feliz da vida empunhando a mangueira ao lado de Zack.

– Desculpa! É que quando vocês foram capturados, pensei em alguma coisa para poder distrair as mulheres de preto. Aí me perdi pelo caminho, saindo no vestiário masculino.

Até Zack teve que disfarçar uma risada. Bem, ela não tem do que reclamar, afinal estava vestida, certo?

– Então aproveitando que tinha uns caras lá, eu perguntei se alguém tinha uma mangueira para me emprestar. Eu não entendi porque ficaram me olhando com cara de idiotas.

Zack e Bobby viraram o rosto para o lado para rir. Eu segurei firme.

– Então – ela continuou, ignorando-os – aponte para a mangueira de incêndio e eles fizeram uma cara de ‘aah, é disso que você está falando?’ e desenrolaram-na para mim. Agora estou aqui!

– Muito bom trabalho, Dine! – disse eu, animada e aliviada.

O saguão agora estava limpo. Estávamos todos com águas até os tornozelos, mas nem sinal de sangue ou de algum local que um dia pareceu um ritual de sacrifício. Derrubei as poucas coisas que ainda insistiam em ficar de pé, para que ninguém depois entrasse ali procurando por algum motivo para toda aquela bagunça. Digamos que a universidade inteira deu descarga ao mesmo tempo e entulho é o que não falta em bueiro.

Corri até as duas meninas que estavam mortas no chão. Mais duas para o histórico da universidade.

Eu sei, estou sendo meio insensível, mas puxa, elas tentaram matar meu...

Vampiro, oras. E a sangue frio!

Matar um vampiro a sangue frio – mais uma, rá rá rá.

Minha profissão de caça-vampiros era exatamente isso. Uma comédia.

Zack ajoelhou-se perto delas a fim de sentir o pulso.

– E então? – perguntou Bobby, aproximando-se receoso.

– Elas estão mortas também? – disse Estela, e eu não tive certeza se ela referia-se às meninas mortas desaparecidas ou ao próprio Zack.

– Estão sem sentidos, provavelmente em coma – então virou-se para mim – Jessi, isso vai ser difícil de ocultar. Todos vão saber que algo aconteceu aqui embaixo e que nós estivemos envolvidos no caso. Ainda mais depois que você cantou ópera dentro do meu prédio.

Tentei ignorar a gracinha que ele tentou encaixar na frase e balancei a cabeça. Envolvi as *otakus*, Bobby e nem sabia como contatar o Conselho o mais rápido possível.

– Precisamos tirar essas meninas daqui e levá-las ao hospital.

As dominadoras, ouvindo cessar o tumulto, começaram a regressar ao saguão, temerosas. Não tivemos mais medo, já que ainda consideravam que Zack era o tal deus que elas queriam invocar. Ou seja, conseguiram o que queriam – ao menos pensavam que sim – e agora não sabiam exatamente o que fazer. Ele levantou-se, cruzou os braços e disse com uma voz cavernosa que tanto as meninas como Bobby tiveram dificuldade em segurar a risada. Mas eu estava apavorada. Mesmo agora que tudo acabou ainda podia sujar para o nosso lado.

Sujar, desculpe o trocadilho. Desconsiderando o fato de estarmos em um esgoto, coisa e tal, mesmo porque esse devia ser um dos esgotos mais limpos do mundo agora. Rato então era coisa do passado.

– Coisa feia, meninas – ele começou – Ficam brincando com coisa que não devem. Ter a capacidade de invocar forças ocultas não dá a vocês habilidade para controlá-las. Agora eis o resultado – e apontou para as duas garotas no chão.

Elas entreolharam-se e baixaram os capuzes. Pude enfim notar que não eram tão sinistras, tirando a enorme quantidade de *piercings* que essas meninas conseguem enfiar na pele. Algumas com lápis de olho demais e exagero na base. Mas eram isso, apenas meninas sem noção. Em vez de serem como minhas amiguinhas *otakus* que gostam de anime, RPG, videogame e outras coisas, podemos dizer, mais saudáveis – embora não muito úteis – escolheram mal o hobby.

Uma delas, que acho que considerarei a mais empolgada anteriormente, adiantou-se, envergonhada.

– Mestre, temos passagens subterrâneas aqui e podemos levá-las para um hospital sem que notem a nossa presença. Não vão estranhar muito se dissermos que estávamos mexendo com coisa errada visto nosso aspecto. Com certeza só iriam comunicar o padre e chamar as mães delas. Prometemos não fazer mais isso, mas...

– Mas...?

Ela abaixou a cabeça, mordendo o lábio inferior.

– Não queremos acabar com nossas reuniões. Quer dizer, é divertido ficar dançando aqui em noite de lua cheia, beber cidra, jogar cartas e falar mal dos garotos sem que as meninas de torcida fiquem implicando com nossa aparência e nós termos que dar uma surra nelas.

Bem, eu não tinha nada contra. Quer dizer, elas darem surras em meninas de torcida.

Certo, desculpe. Eu só estava meio zangada ainda.

Zack olhou para mim. Eu dei de ombros. O que tem de mal um bando de adolescentes se reunirem para dançar, beber e falar mal dos outros? A única diferença que realmente vejo é que estão no subterrâneo em vez da superfície. Uma hora elas crescem. Ou vão buscar um lugar ao sol como pessoas normais.

Afinal, não são vampiras nem nada.

– Bem, está certo – concordou ele – mas nada mais de ficar invocando deuses por aí ou falar em línguas estranhas. Nada de brincadeira com ocultismo. Muito menos matar pessoas inocentes ou enjaular outras. Vão para a missa, lá já tem padre caso aconteça algum problema.

Elas sorriram, mas não consigo parar de pensar o quão sinistras aquelas meninas ainda eram. Quer dizer, só estavam obedecendo a Zack porque achavam que o deus invocado estava encarnado nele. E há poucos minutos atrás tentaram matá-lo com uma adaga. Zack, não o deus.

Senti um frio correr pela espinha. E se Zack não estivesse ali? E se elas tivessem optado por Rick ou algum dos rapazes do time de basquete?

Ia ser um deus idiota no corpo de um cara idiota! O que seria do mundo?

Saímos do saguão meio ensopados, enojados, mas rindo. Zack aproximou-se de mim e apertou minha mão mais uma vez. Olhei aquele azul profundo que emanava de seus olhos.

Vai te catar, Conselho. Esse aqui não posso matar, mesmo.

É além das minhas forças.

Achamos um bueiro perto dali e seguimos em frente. Estava mais claro e me senti bem aliviada. Toda aquela noite de terror havia chegado ao seu final e me descobri ainda mais apaixonada por Zack.

Devo admitir que vê-lo sem camisa ajudou muito. Quer dizer, como não? São 800 anos de músculos – é claro, sem desfazer, parado no tempo. Talvez ele já fosse assim antes de morrer ou nascer como vampiro. Qual era o problema das mulheres daquela época que não se atiravam aos pés dele e lutavam por um pouco de sua atenção?

Tudo bem, elas deviam fazer isso. Afinal, para que ligar para os costumes da sua época quando tem um pedaço de mau caminho daqueles na sua frente?

Pedaço de mau caminho – riscando do meu dicionário velho e embolorado.

Mas será que ele também sentia o mesmo por mim? A única vez em que disse que eu era bonita acabou dizendo que conheceu homens mais bonitos do que eu. E depois, convenhamos. Ele preferiu passar 800 anos de sua vida, sozinho. Com certeza deve ter tido várias mulheres. Com certeza era mais inteligente do que qualquer caça-vampiro novata. Talvez, para ele, eu fosse só uma distração afinal; devia estar bastante entediado na universidade, como disse no dia em que me conheceu: “Bom, até que você é uma gracinha. Pelo menos eu vou poder me distrair um pouco até ter que partir novamente”.

Gracinha? Bom, ele não me via como uma mulher, acho. Quando se escondeu no meu armário nem tinha ligado para meu *baby doll*.

E... quanto ao ‘partir novamente’? Para onde iria? Estava sempre fugindo. Seja do Conselho, seja dos vampiros. Ele nunca tinha um descanso? Bem, não era um morto, digamos, tradicional. Então o descanso eterno não era algo que ele podia esperar.

Olhando seu passo descontraído, percebi que nada no mundo parecia atingi-lo. Realmente, como mostrou muitas vezes, não queria continuar vampiro, mas tão pouco parecia disposto se entregar, para qualquer um que fosse.

Nem mesmo para mim.

Continuamos a seguir todos para o bueiro mais próximo – de preferência bem longe do vestiário masculino, mesmo que parecesse inútil.

Quer dizer, se todos os caminhos levam para Roma, todos os bueiros levam ao vestiário masculino.

Bobby candidatou-se para por a cabeça para fora do buraco e verificar se havia qualquer resquício de vida do lado de fora. Ou mesmo homens nus.

Na segunda tentativa, acertamos.

Subimos devagar, mas aliviados. Respirei, animada, o ar que vinha do lado de fora, puro e sem enxofre. Foi uma madrugada agitada e muito fedida, vou te contar.

Sáimos no jardim, o mesmo local pelo qual passamos. Tudo parecia como havíamos deixado, nem sinal de que metade da galeria do esgoto foi abaixo – certo, exagero, apenas uma parte dela – com meus berros e que uma manifestação maligna de um demônio com nome de país encantado esteve passeando logo abaixo.

Zack aproximou-se de mim sorrindo e apertou minha mão novamente, mas de modo discreto. Seus olhos de azul profundo pareciam dizer: “está tudo bem agora.” Mas meus olhos voltados pra ele com certeza diziam: “na sua casa ou na minha?”

Estava uma brisa fresca, trazendo tranquilidade aos nossos membros enrijecidos. Até certo ponto.

Zack apertou minha mão e parou. Ao voltar meu rosto para ele, percebi que estava pálido, ainda mais do que o usual. De repente minha expressão tornou-se lívida como a dele.

Estava claro. Muito claro, até.

No sentido literal: era manhã.

Não havia tempo para voltar ao esgoto, ou chegar até um abrigo totalmente cercado. Zack estava em apuros!

A mão dele soltou-se da minha. Antes mesmo que eu pudesse gritar o nome dele ou pensar em empurrá-lo para algum lugar, ele desapareceu da minha frente quase ao mesmo tempo em que o primeiro raio solar nos atingiu.

Assim... simplesmente esvaneceu. Como se nunca estivesse estado ali. Ainda quase podia sentir os dedos dele apertando minha mão,

instantes antes.

– Zack...?

Quando cambaleei para trás, Bobby me segurou. Parecia confuso.

– Jessi? Onde está Zack?

As meninas pareceram aflitas ao ver minha expressão de horror.

– Chefa?

Eu ergui-me e minha voz saiu quase num fio.

– O... sol...

Não percebi que estava rompendo em soluços até falar de novo. Parecia mentira. Todo aquele sofrimento que tínhamos passado a madrugada inteira não se comparava ao que estava acontecendo comigo agora. Não era possível saber que estava amanhecendo enquanto estávamos no bueiro e se tivéssemos apenas a curiosidade de olhar no relógio minutos antes de sair...!

– Z-Zack... ele desapareceu no primeiro raio solar...

Explodi em prantos. As meninas me abraçaram em conjunto. Bobby ficou desnortado. Queria poder dizer alguma coisa, mas dava para ver que não estava acostumado em consolar mulheres chorando. Procurou nos bolsos algum lenço ou coisa parecida, mas só puxava dali cartas de um jogo chamado *Yugi-OH*, acho eu.

Eu estava realmente deprimida.

Quer dizer, sei de todo esse lance de matar o vampiro, pagar minhas contas e tal. Mas puxa, eu realmente tinha começado a gostar dele! Será que minha mãe já tinha passado por isso? Quer dizer, apaixonar-se pelo vampiro que tinha que matar e vê-lo desaparecendo bem diante dos seus olhos? Tudo bem que eram todos lindos. E provavelmente o seu primeiro vampiro devia ser o máximo. Mas será que alguém tinha chegado ao ponto de apaixonar-se por ele como eu?

Certo, a *Buffy*. Mas olha só, ela tinha muitos pontos a seu favor. Ela era linda, podia ter qualquer um que quisesse, vampiro ou não; tinha poderes cósmicos fenomenais e não um que a matasse de vergonha e o vampiro correspondia ao amor dela. Sem contar que ela tinha muita experiência e a melhor coisa que fiz por um vampiro foi deixá-lo beber meu sangue. Zack parecia só brincar comigo.

Bem, talvez eu não devesse ficar tão deprimida, afinal deu tudo certo no final, pagaria minhas enormes dívidas e teria outros vampiros lindos e maravilhosos para matar surpreendendo-os para fora de um bueiro.

Mas eu preferia nunca ter me tornado uma caça-vampiros, de verdade. Preferia ser eternamente a secretária de contador invisível – eu, não o contador – ganhando um salariozinho módico no fim do mês.

Certo, não. No fundo eu estava até um pouco feliz de ser despedida. Não oficialmente ainda, mas com certeza.

Afinal eu tinha lepra. Ou antraz.

As meninas me conduziram até o quarto, mas não ouvia nada do que me diziam. Não queria pensar em nada, embora a cena dele desaparecendo não saísse da frente dos meus olhos. Ficava repetindo-se como aquelas malditas cenas de filme de terror, mesmo o mais idiota de todos, mas que o faz ter pesadelos à noite. Você sabe, a cena do chuveiro da mulher tomando banho e a faquinha aparecendo através da cortina com aquela musiquinha irritante, a guria do poço saindo de dentro da TV, essas cenas.

Entrei, fui direto ao banheiro e entrei no chuveiro. Antes passei meus olhos pela janela. O vidro ainda estava trincado, daquela vez que eu estava morrendo de medo de Zack. Incrível a velocidade que um vampiro tem, quando ele realmente quer alguma coisa. E naquela hora – senti um calafrio gostoso por dentro – ele queria meu sangue. *Meu sangue.*

Queria realmente ser insensível, sabe, feito o *Blade*. Aquele momento estava sendo de amargar.

Afinal, o que não mata, engorda.

Digo, o que não mata nos deixa mais fortes, não é?

Tomei o banho, tirei todo aquele fedor nojento do corpo e tentei fazer com que as lembranças também escorressem pelo ralo. Que hilário, estavam voltando ao mesmo lugar onde tudo começou. O esgoto.

Dormi a manhã e a tarde toda. À noite, as meninas bateram na porta, mas não abri. Mal tinha forças para abrir os olhos. Estavam inchados de tanto chorar.

Droga, Zack! Se ao menos você tivesse sido um chato insuportável, um riquinho metido ou um jogador de basquete com namorada convencida e líder de torcida eu teria te matado com prazer.

Digo, considerando que era um vampiro, certo? Não fique aí achando que eu mataria qualquer um que não me agradasse.

Não fui à aula naquele dia. Na verdade, não levantei da cama. Não queria saber o que estava acontecendo no mundo lá fora.

Que saudade do meu uísque. Licor. Vinho. Até uma cachacinha caía bem agora. Não sou daquelas que enche a cara quando está triste, mas também não era daquelas que se enfurnavam na cama quando o vampiro que tinha que matar estava irremediavelmente... assim, morto. Nem quando namorado me largava eu ficava deprimido desse jeito.

No fundo porque eu já esperava. E eles nunca estiveram mortos. Às vezes eu só queria que sim.

No dia seguinte ainda permaneci deitada na cama. Levantei-me quando o sol estava já alto. Olhei meu celular – que ainda estava meio fedido, devia dar uma limpada nele, mas quem liga?

Liga. Ai, trocadilho de amargar.

Esperei encontrar uma mensagem de Zack, admito. Qualquer coisa estilo: “Jessi, como passou a noite? Estive aí, mas você estava dormindo! Beijos, me liga!” Ou melhor ainda: “peguei você! Era tudo brincadeira!”

Mas ele não mandou. Não ligou, nada.

Ergui-me de má-vontade, troquei de roupa, não sei se escovei o cabelo e fui caminhando a passos forçados para o refeitório. Meus ouvidos estavam tampados. As pessoas falavam comigo pelo caminho e tudo o que eu ouvia era ‘zum-zum-zum’. As *otakus* vieram ao meu encontro assim que me viram, mas, mesmo não tendo intenção, não dei atenção alguma a elas. Mas não se importaram, caminharam ao meu lado em silêncio e me olhavam com preocupação estampada nos olhos.

Eu estava muito agradecida de ter amigas assim. Mesmo que me forçassem a assistir desenhos animados – desculpe, anime – ou me fizessem passar vergonha usando roupas malucas de *cosplay*.

Ninguém mais sabia o que havia acontecido duas noites atrás. Apenas elas.

E provavelmente Johnny, o Porteiro.

Entrei no refeitório e me senti imediatamente enjoada de olhar toda aquela comida no balcão e as pessoas nas mesas. O cheiro me deu ânsia. Fiz que ia embora, mas Estela segurou em meu braço.

– Jessi, você vai ter que comer. Está muito fraca, já faz mais de um dia. Não mente pra gente, eu sei que você não come desde ontem.

Eu dei um estalo com a língua. Ela estava certa; não era hora de bancar a infantil, certo?

Forcei um sorriso. O tempo cura tudo. Daqui a pouco o tal Eric aparece por aí para eu matar também. E eu já ia estar insensível, então com certeza não ia cometer a besteira de me apaixonar. Sem contar que eu provavelmente ia receber uma fortuna do Conselho por matar – mesmo sem querer – o vampiro que há 800 anos eles vêm tentando eliminar.

E ia poder jogar na cara dos meus pais isso pelo resto da vida. Posso não ter sido a menina nota 10 nos boletins, mas na minha primeira caçada fiz o que o Conselho nunca pôde fazer. Ia pedir com certeza uma medalha. Uma casa na praia. E uma adega, ah, uma adega com certeza está na lista.

Depois que peguei meu prato, as *otakus* enfiaram tudo dentro dele. Eu pegava meia colher de arroz, elas botavam duas; eu pegava meio pedaço de carne, elas enfiavam outro; eu pulei a salada e Sofia veio carregando uma alface na mão e tacou-a no meu prato. O que seria de mim sem elas?

Bem, provavelmente mais magra.

Puxa, será que não posso aproveitar o momento de fossa para perder alguns quilinhos? Pelo menos eu ia tirar uma coisa boa daquilo tudo, não?

Sentei-me na mesa, mal-humorada, e Bobby veio correndo e sentou-se conosco. Ia sentir falta daqueles doidinhos. Dine começou a contar sobre um livro que ela leu, acho que se chamava “Belas Maldições” para tentar convencer Estela de que o apocalipse pode não ser tão ruim assim. Bobby meteu-se dizendo que fim do mundo

era entrar para a liga de basquete. Já Sofia reclamou que era o fim não ter *catchup* naquela porcaria de refeitório.

Eles escolheram aquele ‘tema’ para me zoar ou estavam apenas tentando me incluir na conversa? Porque realmente para mim eu sentia que o mundo acabou.

Linda veio aproximando-se de mim, rebolando tanto que te juro – se ela fosse uma peça de *Lego* já teria desmontado.

– Oi, Jessi – disse ela, com nariz empinado – está na fossa?

Na fossa eu estive dois dias atrás.

Puxa, nem minhas piadinhas estavam me fazendo rir.

– Literalmente falando – disse Estela, roubando minha piada ou usando de telepatia.

As outras *otakus* não riram, mas deram sorrisinhos.

Linda não entendeu, mas não se deixou abalar.

– Que foi, lindinha? Zack te largou? Não fique assim.

Arqueei uma sobrancelha.

– Do que está falando? – minha voz saiu mais esganiçada do que eu queria. Afinal, não tinha falado nada por quase dois dias.

– Bem, uma amiga da melhor amiga da minha prima que tem aula na sala do professor Jonas, que é superamigo do diretor, disse que Zack estava desaparecido. Como o histórico dele diz que ele não fica em nenhum lugar por mais de um ano, o diretor supôs que mudou-se sem deixar rastro.

Ah, sim. Coisa prática. Se o aluno some foi porque ele se mudou porque quis. Afinal, já deve ter sido difícil abafar o caso das meninas desaparecidas. Provavelmente deviam estar nesse momento procurando o corpo do Zack a torto e a direito por toda a universidade. Daqui a pouco iam chegar ao esgoto e imaginar que ele podia estar embaixo dos escombros e dar o caso por encerrado.

Eu terminei de comer enquanto ela falava e as meninas suspiravam. Bobby parecia estar bem entediado, enfiando uma batata pela boca e tentando engoli-la como se fosse o processo mais difícil do mundo.

Para mim, ouvir a Linda tagarelando é o processo mais difícil do mundo. Ainda bem que, desde adolescente, eu adquiri aquela capacidade fantástica de desligar os ouvidos e não ouvir mais nada

além de blah-blah-blah, capacidade fácil de ser adquirida principalmente nessa época, fase quando seus pais estão dizendo coisas importantes, mas por se considerar superior você simplesmente desliga sua capacidade auditiva e se estrepa, tendo que depois ouvir a famosa frase: “eu te avisei”.

Mas nesse caso, não tem problema. Nada do que Linda diz seria usado contra ela no tribunal.

Porque seria totalmente irrelevante em um tribunal.

Levantei-me, sentindo-me aliviada por ter cumprido minha obrigação e comido. Como se Linda fosse simplesmente um *couvert* artístico muito desafinado entoando uma nota só, ignorei-a totalmente e passei por ela desviando-me, embora aquele enorme quadril que ela tinha ocupasse quase metade do espaço que eu tinha para passar.

As meninas e Bobby me seguiram, temendo que eu fosse fazer alguma bobagem e resolveram que iam me acompanhar até o quarto. Bobby ia me dizer alguma coisa, mas religuei minha capacidade auditiva cedo demais, a ponto de ouvir Linda dizer uma frase que facilmente teria poupado os dentes dela.

– Que pena que ele sumiu tão cedo. Minha esperança e a das meninas era que ele fizesse você desaparecer do mesmo modo que aquelas três.

Palavras demais numa frase.

Zack. Cedo. Desaparecer. Meninas que ele fez desaparecer.

Um calor envolveu meu corpo e teria saído em forma de vapor se eu não o houvesse descarregado quase imediatamente.

Descarregado em forma de um punho fechado que veio não sei de onde – só sei que era meu – indo direto contra o nariz da líder de torcida Linda.

Ela guinchou caindo no chão, apertando o rosto com ambas as mãos. O refeitório não sabia o que fazer. As meninas de torcida gritaram horrorizadas. As meninas que nunca tiveram oportunidade de serem de torcida gritaram eufóricas como se fossem de torcida. Os nerds aplaudiram com um gesto que significava “até que enfim”!

E olha que nem precisei do sangue de rato.

– Você quebrou meu nariz! – ela gritou, sendo acudida pelas amigas.

– Não costumo ter esse tipo de sorte – respondi, secamente.

Bobby puxou meu braço, embora parecesse radiante de alegria, mas com um vislumbre de preocupação.

– Jessi, vamos dar o fora! Rick vem aí com aqueles brutamontes de basquete.

Olhei para o lado e percebi que ele vinha correndo, visivelmente perturbado. Minhas pernas não fraquejaram como teriam feito no passado. Não por gostar dele ainda, mas por saber que poderia ser punida por algo que fiz.

Mas quer saber?

Pode vir quente, querido, porque hoje estou fervendo.

Ele aproximou-se me chamando de louca, apontando o dedo acusadoramente.

Fiz o que qualquer mulher faria em meu lugar.

Uma mulher possessa, naturalmente. Dei-lhe um chute bem no meio das pernas.

– Louca, não – corriji, com descaso – excêntrica.

Enquanto ele se contorcia no chão, os outros rapazes me olhavam atônitos. Acho que esse é um dos motivos de eu não arrumar namorado, sabe? Eu sei onde dói neles.

Tentei me convencer que esse era outro motivo pelo qual Zack e eu não daríamos certo. Imagina a educação dos nossos filhos. O pai dando uma surra em times de basquete e sua mãe, em líderes de torcida. E olha que com o pique que eu estava seria capaz de bater no bando inteiro daquelas garotinhas de saia.

Sem contar que vampiros não podem ter filhos, certo?

Tirando o que alguns livros dizem por aí, vampiros estão mortos, conseqüentemente seus espermatozóides também estão, não é?

Affe, que papo é esse na minha cabeça?

Os bedéis correram para ver o que estava acontecendo e, vendo seus dois alunos populares no chão, ergueram para mim olhares assustados. Não havia dúvida do que acontecera. Pus minhas mãos na cintura sentindo-me importante.

Jéssica, a filha de Papai, o Embaixador, fez justiça com as próprias mãos.

Prometo, domingo que vem me confesso.

Mas eu estava me sentindo fragilizada... não que Linda concorde, claro. Mas uma mulher pode sentir-se frágil e ter punhos de aço. Veja a TPM, por exemplo.

Deixei que as meninas me conduzissem de volta para o quarto. Pelo caminho acho que ficaram comentando sobre a velocidade do meu punho ou a sutileza e autocontrole que eu tive quando deixei os dois no chão, não tenho certeza. Meus ouvidos haviam parado mais uma vez.

Quando cheguei à porta do meu quarto, uma surpresa. Meus amigos paralisaram, mas simplesmente praguejei e tirei, furiosa, a adaga que estava lá, na porta outra vez, parecendo brincar comigo.

Dessa vez não havia ameaças de morte, e a mensagem estava escrito – olha só – com batom:

Desculpa qualquer coisa! PS: Ah, as meninas em coma já estão se sentindo melhor. Mandaram lembranças.

Cara, falando sério. Vou apertar a descarga milhares de vezes hoje. Vou alagar aquele esgoto maldito.

Arranquei a adaga da porta – espero que aquela fosse a última vez – por que não mandam mensagens no celular como todo mundo? – e amassei o bilhete. Nada tirava da minha cabeça que elas eram as responsáveis pelo desaparecimento de Zack. Elas pretenderam matá-lo a princípio; acharam que tinha conseguido, e mal sabem elas que, no final das contas, foi o que fizeram.

– Jessi, você está bem mesmo? – perguntou Estela, com cautela na voz.

Eu fiz que sim com a cabeça e sorri. Quem sou eu para torturá-los com minhas lamúrias? Se não fosse por eles eu também estaria

morta, embora, no fundo, eu constatasse tristemente que era o que queria. Mas era só a fossa.

Afinal, eu não conseguiria viver longe do Pterowski.

E tinha o Draculinho para me animar, também.

Eles despediram-se finalmente e depois de passar duas voltas na chave, entrei e tranquei a porta. Encostei-me nela e suspirei. Passei menos de duas horas lá fora e já arrumei com o que ficar falada na universidade por uns dois anos, acho.

Tomei um remédio forte para dor de cabeça e tirei o telefone do quarto da tomada. Provavelmente eu receberia ligações inúmeras de gente que me odiava agora, gente que me admirava e com certeza, do diretor. Eles não sabiam o que eu passei, então não poderia culpá-los. Se soubessem, pelo menos acho que me deixariam uns dois dias quieta no meu canto.

Deitei mais uma vez. Amanhã mesmo eu estaria fora dali. Pela manhã arrumaria minhas coisas, me despediria dos meus amigos e tchau. Provavelmente levaria uns dois animes de *Vampire Knight* das meninas. E um mangá que quisessem me dar.

Despertei quando percebi que a luz do quarto fraquejava. Já passava das seis e nem notara. Estou ficando uma dorminhoca de primeira.

Levantei-me arrastando-me da cama e movi-me como uma lesma para o computador.

Depois de abrir o laptop, percebi que tinha muitos e-mails. Nunca tinha sido tão popular. Sério, na minha vida pacata de secretária, se recebesse mais de 3 e-mails em um dia só, pode acreditar que pelo menos 2 eram *spam*.

Ou então dezenas de e-mails ameaçadores, mas acho que esses não viriam mais.

Quando abri minha caixa de entrada, constatei horrorizada que tinham cerca de 73. Parecia uma cena de repetição daquele filme, o *Todo-poderoso*, quando o personagem principal recebia mensagens de todo mundo na cidade que queria pedir alguma coisa.

Só que ali ninguém estava me pedindo nada. Só estavam agradecendo – no caso da porrada que dei na Linda – puxa, e eu que pensei que ela era popular (bem, não deixa de ser); pedindo

desculpas por terem tentado me matar – no caso era o das dominadoras; e uns dizendo ‘te pego na saída’ por pessoas que não ficaram felizes com a porrada.

O único pelo qual realmente me interessei foi o da minha mãe, que dizia ‘urgente’.

Cliquei e li a mensagem com um certo desgosto.

*“Meu amor,
Estamos preocupados com você! Já enviamos uma mensagem ao Conselho informando aos membros do enorme erro que eles cometeram. Responderam que já estão providenciando toda ajuda necessária e que você deve partir o mais rápido possível. Por favor, responda assim que ler esta mensagem!
Beijinhos!
Mamãe”*

Enorme erro. Essa é a palavra perfeita. Foi um enorme erro deles, sim. Meu coração estava partido, corri riscos desnecessários e me sentia a pior das criaturas. De qualquer forma, aquele ‘erro’ deles foi o que aconteceu de melhor para eles. Afinal, Zack estava morto, e fico imaginando que peripécias eles já deviam ter tentado, como naquelas armadilhas do *Coringa* contra o *Batman*.

Você sabe, aquelas coisas superimaginativas, amarrá-lo em um ponteiro de um relógio gigante, enquanto um ratinho rói uma corda suja com cheiro de queijo para que ao final do tic-tac ele – o Batman, não o ratinho – caísse em uma bacia de óleo fervente que se abriria automaticamente ao som de doze badaladas.

E tudo que foi necessário foi distrair Zack dentro de um bueiro. Também teria sido superprático, então, ter aberto a porta do meu armário enquanto ele dormia lá dentro, e me poupado do horror de andar pela universidade de calcinha.

O Conselho me *deve* uma terapia intensiva.

E meu terapeuta tem que ter no mínimo grau de mestrado.

Cliquei em ‘responder’ a mensagem de minha mãe. Não escrevi sentindo-me a rainha dos caça-vampiros, entretanto. Estava me

sentindo a mosquinha do cocô do cavalo do bandido.

“Oi, mamãe.

Não se preocupe. Já estou indo embora para casa. O Conselho não precisa mais mandar ajuda alguma porque estou bem, e para eles uma boa notícia. Pode informar ao – eu ia escrever ‘maldito’, mas me contive; afinal, minha mãe não sabia que eu estava zangada – Conselho que Zack está morto e eles não precisam mais se –”

– Querendo passar a perna no Conselho? Coisa feia, Jessi.

Cada nervo do meu corpo gritou e meus membros retesaram. Aquela voz. De repente... aquela presença?

Virei na cadeira e dei de cara com Zack, olhando fixamente para mim com um sorriso, acima da cadeira, quase debruçado sobre mim. Estava lendo minha mensagem enquanto eu escrevia, mas eu não me dera conta de que ele estava ali... talvez por achar que ele...

Senti meu corpo ficar dormente. Não podia acreditar. Aquele... era mesmo Zack?

– Jessi! Uau, foi por pouco, hein? Quase você cobre o rombo em sua conta bancária!

– Você... como você... – eu não conseguia dizer nada plausível. Minha boca estava seca, minha língua grudada no céu da boca.

– Escapei... foi por muito pouco. E com sua ajuda, Jessi.

– Minha ajuda...?

Ele aproximou-se mais até ficar com o rosto bem próximo do meu e segurou minha mão com delicadeza.

– Quando notei que ia ser fuzilado pelo primeiro raio de sol nada me veio à cabeça, nenhum lugar para onde me esconder. Então segurei sua mão fortemente, e vi em seus olhos um lugar onde você gostaria que eu estivesse. Seu quarto. Safadinha, hein?

Eu gaguejei. Nada fazia sentido em minha mente agora, apenas uma coisa.

Zack estava ali. *Zack estava ali.*

– Como... como se movimentou tão depressa?

– Eu sou bem rápido. Mas o que me ajudou foi sua telepatia, Jessi. Eu aproveitei o desejo em seus olhos e a força que me transmitiu, segundos depois, e utilizei dessa força para estar em seu quarto em tão pouco tempo.

– Você... – eu não conseguia começar uma frase sem parar na primeira palavra – usou da sua super velocidade, teletransporte ou o quê? – Você transmitiu para mim a capacidade de fazer isso, Jessi. Eu consegui me teletransportar de repente mesmo. Em um minuto eu estava correndo e subitamente senti que estava desaparecendo. Achei que fosse o sol, mas não. Seus poderes me fizeram sumir e reaparecer. Vou demorar para me acostumar com isso.

– Mas... – aquilo estava começando a me irritar. Você sabe, a paralisia no começo das frases – onde você se escondeu? Quer dizer, abri meu armário várias vezes!

– Eu estava embaixo da sua cama. Quer dizer, que coisa maravilhosa você ser desorganizada! Nem um rastro de sol passa ali, em meio à montoeira das suas revistas e sapatos chiques. Foi ótimo o Conselho ter te pago adiantado e você ter gasto dinheiro com tantas baboseiras.

– Meu armário não foi suficiente para você? – recuperei minha capacidade de falar direito assim que me senti levemente ofendida.

Posso ser consumista, certo, mas baboseiras?

– Você não sabia que eu tinha escapado. Poderia abrir o armário e me matar sem querer, não é?

– Como sabe – disse alto, tentando segurar um soluço. Eu sei que minha voz saiu esganiçada, porque ele sorriu – que eu não ia te matar *por querer*?

Ele apertou minhas mãos e eu senti que ia explodir. Minhas bochechas queimavam, minha pele ardia. Eu desvencilhei-me das mãos dele e levantei sacudindo a cabeça.

Vivo! Bem, não propriamente, mas...

– Eu sei porque... – ele disse suavemente, enquanto se aproximava de mim passo por passo – você sofreu porque eu sumi...

Ele me segurou fortemente e eu esperei uma nova mordida no pescoço, mas dessa vez não foi assim. Ele se inclinou levemente para frente e me beijou com suavidade nos lábios. Deixei-me levar e joguei

os braços envolvendo seu pescoço. Ele me abraçou mais forte e nos deixamos levar por aquele momento íntimo, completamente desligados do mundo à nossa volta.

Era muito mais intenso do que foi aquela troca de sangue anteriormente. Bem, na verdade doação de sangue, já que Zack não me deu o dele, na verdade – mas foi uma experiência a dois, de qualquer forma. Agora eu sabia que ele me queria, não como alimento, como eu suponha, mas como... namorada?

Uma namorada humana?

Não era hora de pensar nisso. Aquele era um momento só nosso, para que se preocupar com a razão, afinal?

Ou a educação de nossos filhos, sendo seus pais pugilistas de primeira?

Falando nisso... ele pode ter filhos?

Minha nossa, espero que ele realmente não possa ler pensamentos, porque se só um beijo foi o suficiente para eu pensar em filhos, se ele me levasse para jantar eu provavelmente marcaria a data. Do casamento, lógico.

Isso afastaria qualquer homem, seja ele vampiro ou não.

Quando nossos lábios se desvincilharam, eu ainda mantive meus olhos cerrados por alguns instantes, e percebi que estavam meio úmidos. Ele puxou um lenço do bolso e secou-os com ternura.

– Por... – ah, de novo as frases sem completar – por que não apareceu antes? Por que sumiu por dois dias? Se sabia que eu estava deprimida, digo, *meio* triste, porque demorou tanto?

– Eu não acordei por dois dias, Jessi – ele explicou, sorrindo – o poder que me consumiu foi forte demais. Mas deu para dar uma descansada. Sabe, estou com fome.

– Vai atrás de ratos e me deixe em paz – disse eu, corada feito um tomate.

Ele riu. Dessa vez mostrou os dentes, limpos, puros e enfileirados, sem sequer ter um canino maior do que o normal.

– Estou brincando! Estou bem. Melhor ainda agora.

– Zack, por que não senti sua presença embaixo da minha cama? Mesmo que estivesse adormecido, eu não deveria senti-la, como sinto a de todos os vampiros?

– Deve ter sido nossa troca de poderes – explicou ele, com suavidade. Senti que sua voz me faria derreter até se estivesse me xingando – você acabou fazendo parte de mim e eu de você. Sem contar que fiquei realmente fraco. Agora você deve sentir minha presença novamente, não é?

– Não preciso fazer isso, já que você está aqui – eu sufoquei um soluço – nunca mais suma assim.

– Mas e então... – ele riu, pondo as mãos no bolso da calça, de um modo despojado – Já planejou como vai me matar?

Eu ri e ele também, e caímos juntos na cama, em um abraço. Acabamos passando a noite assistindo a Sessão da Meia Noite, comendo pipoca – pelo menos eu – e falando o quanto Linda ia demorar em mostrar aquele nariz novamente ou para Rick jogar de modo adequado.

Eu realmente estava encrocada com o Conselho, mas quer saber?

A culpa fora mesmo deles.

Como eu mesma disse, lutar contra Zack estava acima das minhas forças e eles sabiam disso.

Só um problema martelava na minha mente, agora.

Como raios eu ia pagar todas as minhas baboseiras?

- [1] As meninas estão se referindo ao anime *Pokémon*.
- [2] Referência ao inimigo do jogo *Kingdom Hearts*.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

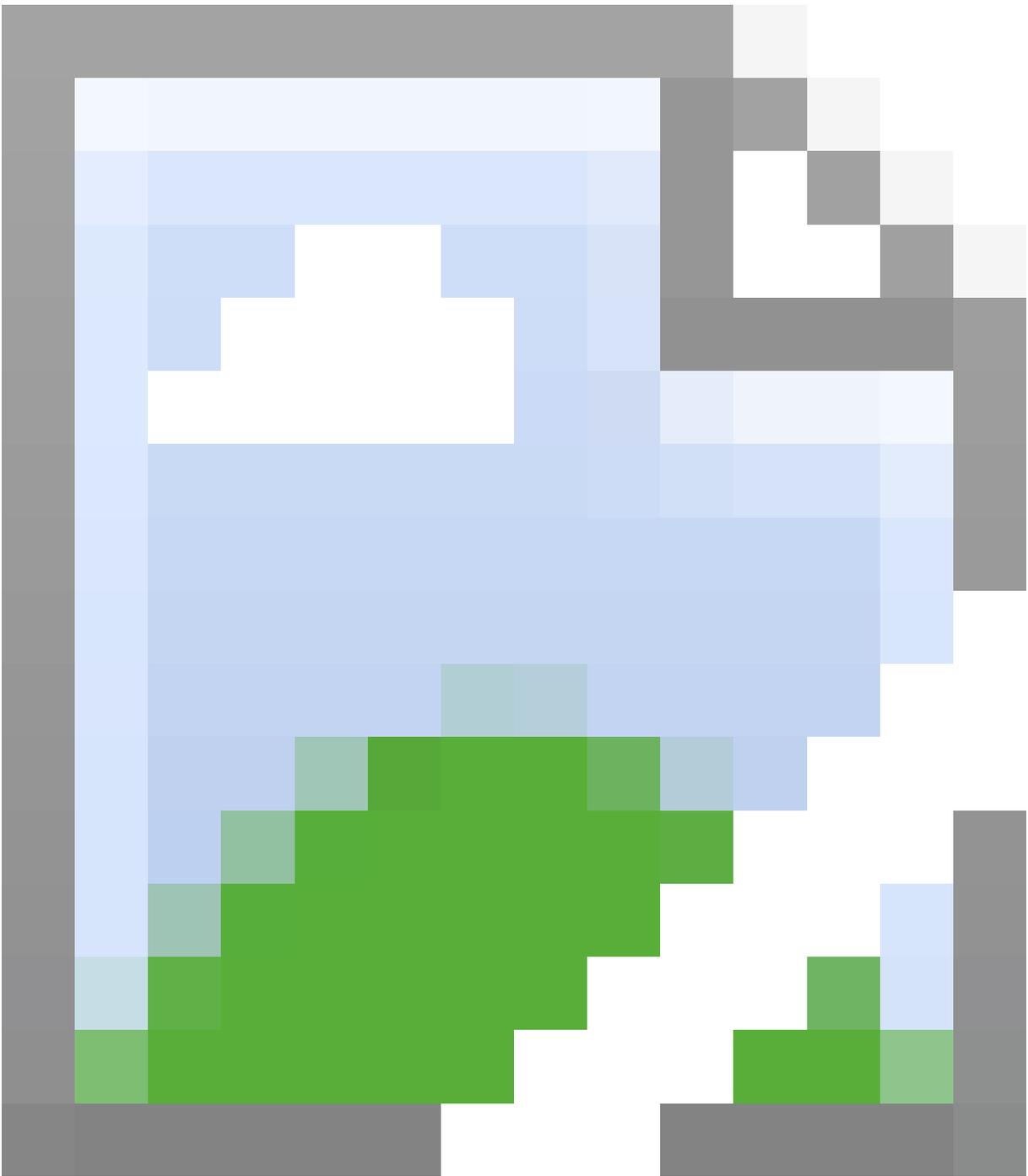
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.





Vivianne Fair

A CAÇADORA

Sorriso de vampiro

Editora Draco